

Sismo no Chile

**Primeiro balanço:
89 mortos, mais
de 2 mil feridos,
pânico entre a
população,
grandes estragos
em Santiago**

Oitenta e nove mortos e mais de dois mil feridos era, ao fim da manhã de hoje, o balanço oficial das vítimas do violento sismo que se fez sentir ontem no Chile, atingindo com particular dureza a região central do país. A capital, Santiago, e as cidades de Valparaíso e Viña del Mar foram violentamente sacudidas pelo abalo sísmico que teve diversas réplicas. A magnitude do sismo, cujo epicentro se localizou a cerca de 40 quilómetros de Santiago, foi de 7,4 na escala Richter. Prédios ruídos, corte total da energia eléctrica, aluimento do telhado do aeroporto foram os estragos mais graves na capital, cuja população foi tomada de pânico e fugiu de casa.

Págs. Centrais



Aspecto de uma rua de Santiago onde polícias removem os escombros de um prédio (Telefoto Reuter/NP)



O padre Martins acalmou, ontem os participantes num comício, no Machico. Mas a PSP acabava por fazer nove prisões, à noite...

Quatro foram hoje a tribunal em Santa Cruz

Machico: nove prisões pela missa que não houve

Pág. 7

PRESIDENCIAIS

**PSD: é difícil escolher um
candidato para ganhar**

**Pintasilgo: candidatura
já é irreversível**

Pág. 5

Uma nova secção no seu jornal:

Mesa DL

A partir de amanhã no «Diário de Lisboa», MESA DL: à mesa reservada para o nosso jornal no restaurante «O Faz Figura», ouvimos, para si, pessoas que são notícia. E elas falam sem papas na língua...

GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA



ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE

88 27 86
89 98 26

A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA E SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B e R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Se os jovens pudessem...



Maria Eduarda, 20 anos, desempregada

“As pessoas andam fechadas em si próprias”

- Acabou de estudar recentemente?
- Sim. Fiz o curso complementar de contabilidade e administração.
- Quer encontrar um emprego em consonância com os seus estudos?
- Quero um qualquer.
- Como se sente neste país?
- Muito mal. Está muito mau, especialmente para nós que somos jovens.
- A que pensa que se deve a nossa situação?
- A má organização. Os bons empregos são para aqueles que lá estão no Governo, não se lembram de nós.
- O que pensa do Governo?
- Pode estar a fazer os possíveis, mas acho que não consegue nada.
- Já encontra alguma solução para a situação presente?
- É um bocado difícil.
- Como ocupa os seus tempos livres?
- Sou escuteira.
- O que significa para si o ser escuteira?
- É uma coisa que ajuda muito a formar uma pessoa. O Centro Nacional de Escutas é considerado um centro de formação de jovens.
- Como se dá essa formação?
- Mantém as pessoas ocupadas. Cria-lhes um estilo de vida para que um dia mais tarde não sejam marginalizadas em coisas como a droga, a prostituição, o roubo.
- Como vê a droga e as pessoas que a usam?
- Devem drogar-se por ter problemas familiares, com os pais ou pelas companhias que os levam a isso.
- O que pensa da mentalidade dos portugueses?
- É retrógrada. Só olham para trás e para o presente e não para o futuro.
- Como é que você olha para o futuro?
- Procurar um emprego é olhar para o futuro.
- Qual das últimas notícias nacionais a interessou mais?
- Não estou a par disso. Geralmente não leio jornais.
- Não está interessada em saber o que se passa à sua volta?
- Não... mas, a vida que as pessoas levam é cansativa e andam muito fechadas em si próprias.

Alemanha Federal:

Restrições ao comércio este-oeste afectam principalmente a Europa Ocidental

As restrições impostas actualmente pelos Estados Unidos às exportações dos seus aliados para os países socialistas através do Comité Coordenador para o Comércio Este-Oeste (COCOM), transformaram-se numa arma de dois gumes, dado que está a afectar principalmente os próprios países da Europa Ocidental.

O «COCOM», que foi fundado em 1950 por iniciativa de Washington para controlar as exportações tecnológicas dos seus aliados para inimigos potenciais, pertencem aos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) — à excepção da Espanha e Islândia —, e também o Japão.

A administração do presidente Ronald Reagan relançou nos últimos três anos as operações do COCOM, que funciona num edifício contíguo à embaixada dos Estados Unidos em Paris, pois considera que uma parte substancial dos progressos da indústria de armamentos dos países socialistas baseia-se na aquisição de tecnologia ocidental.

Deste modo, o COCOM introduziu na sua «lista negra» computadores pessoais, centrais telefónicas, máquinas têxteis, robots e até sistemas de investigação meteorológica que estavam prestes a ser exportados para países socialistas.

No entanto, as restrições não estão a afectar os produtores norte-americanos, pois uma

parte considerável da exportação do país para o mundo socialista é constituída por cereais e outros alimentos, que, obviamente, caem fora da jurisdição do COCOM.

Segundo dados de institutos económicos ocidentais, os Estados Unidos exportaram durante 1983 mercadorias no valor de 2,9 mil milhões de dólares para os países membros do Mercado Comum Socialista (CAME) e importaram durante o mesmo período produtos no montante de 1,4 mil milhões de dólares daquela organização regional.

Se comparadas com o volume global das trocas comerciais dos países industrializados do ocidente com os países socialistas, estas cifras são irrelevantes.

Durante o referido período, os países industrializados, do Ocidente exportaram para os países do CAME produtos no montante de 37,7 mil milhões de dólares e importaram no montante de 41,6 mil milhões de dólares, o que se traduz por uma balança favorável a estes últimos.

Cerca de 90 por cento deste intercâmbio com os estados socialistas europeus é feito pelos países da Europa Ocidental — que, ao contrário dos Estados Unidos, exportam principalmente tecnologia, pelo que são os mais sensíveis a qualquer medida que altere estas operações.

O desemprego, que na Europa Ocidental atingirá em 1985 cerca

de 19,8 milhões de pessoas, o equivalente a 11,8 por cento da população activa, explica de maneira ainda mais elucidativa o interesse europeu em continuar a alargar o comércio com países de economia centralizada.

A Alemanha Federal, que mantém excelentes relações económicas com a República Democrática Alemã e com a União Soviética, é o país europeu que desenvolve maior intercâmbio comercial com os países socialistas e por isso mesmo o mais sensível às restrições.

Durante 1983 a RFA importou mercadorias dos países do CAME no montante de 10,3 mil milhões de dólares e exportou um volume de produtos rondando os 10,4 mil milhões.

Neste país, que conta actualmente cerca de 2,6 milhões de desempregados — o mais elevado número desde os anos cinquenta —, existem vários ramos da indústria que produzem equipamentos de tecnologia média que dependem inclusive até cerca de 80 por cento das suas exportações para as nações socialistas.

A Itália — que importou em 1983 do CAME mercadorias no valor de 5,3 mil milhões de dólares e exportou no mesmo período para aquela região 2,7 mil milhões de dólares —, a França (importou 4 mil milhões e exportou 3,3 mil milhões de dólares) e a Finlândia (importações 3,7 mil milhões, exportações 3,5 mil mi-

lhões) constituem os principais parceiros comerciais dos países socialistas na Europa.

Mas entre os países europeus ocidentais, mais preocupados pela diminuição das suas exportações, surgiu nos últimos tempos algum cepticismo em relação aos efeitos que podem vir a ter nos países de economia planificada, as restrições do COCOM aos produtos tecnológicos.

Segundo cálculos de círculos empresariais alemães revelados recentemente pelo influente matutino liberal, «Frankfurter Rundschau», «a contribuição da tecnologia ocidental para o crescimento económico da União Soviética deverá situar-se entre zero e um por cento».

Por outro lado, estudos realizados para o departamento de Estado norte-americano pelo economista John Kiser, e que foram divulgados na última edição da revista de assuntos internacionais alemã-oriental «Horizont», advertem contra uma «valorização excessiva da transferência tecnológica do Oeste para o Leste».

Segundo afirma a «Horizont», nos últimos dez anos, empresas norte-americanas compraram na União Soviética mais de 125 licenças, e actualmente, os cientistas daquele país socialista vendem mais de dez mil patentes de novos inventos.

Roberto Ampuero-IPS

Coreia do Sul:

Igrejas norte-americanas dão apoio a defensor dos direitos humanos sul-coreanos

O trabalho de um pastor sul-coreano a favor dos direitos humanos no seu país, e a repressão de que é alvo por isso, deu origem à formação de uma coligação de igrejas nos Estados Unidos e Canadá de apoio ao seu trabalho.

Park Hyung-Kyu «é essencialmente o fundador do movimento de direitos humanos nas igrejas da Coreia», segundo Pharis Harvey, director executivo da «coligação norte-americana para os direitos humanos na Coreia», integrada por 40 igrejas e organizações religiosas.

Park Hyung-Kyu, um dos principais críticos do governo do presidente Chun Doo Hwan, é também um crítico intransigente do apoio fornecido pelos Estados Unidos às autoridades do seu país.

Os ataques contra Park Hyung-Kyu atingiram níveis sem precedentes em Setembro passado, altura em que foi mantido como refém durante três dias na sua igreja e em seguida espancado quase até à morte por mais de 20 homens.

Actualmente é presidente do comité de direitos humanos do conselho nacional de igrejas da Coreia.

Park adquiriu notoriedade após se tornar uma das primeiras figuras religiosas do país a criticar publicamente a Constituição promulgada pelo falecido presidente Park Chun Hee, em 1972.

Aprovada durante um período de lei marcial, a constituição limita a actividade política e estabelece sanções severas para factos que «ameaçam» a segurança nacional do país.

Em virtude destas normas, centenas de dissidentes coreanos foram encarcerados e torturados.

Park Hyung-Kyu foi preso pela primeira vez em 1975, ficando detido durante três anos.

Após o assassinato do presi-



dente Park Chung Hee em 1979, tornou-se numa das principais figuras de proa a exigirem o retorno à democracia.

Em Maio de 1980, um grupo de generais jovens, encabeçados pelo actual presidente Chun, tomaram o poder num cruento golpe de Estado.

Na sua qualidade de dirigente da Igreja Presbiteriana e como membro do comité central do Conselho Mundial das Igrejas, Park Hyung-Kyu continuou com as suas críticas a Chun e denúncias das violações aos direitos humanos na Coreia do Sul.

Em vez de o prender, o governo tentou desarticular a sua igreja.

Agentes governamentais penetraram na sua igreja e juntamente com várias famílias opostas a Park, «geraram um conflito terrível na igreja», explicou Harvey.

Em Setembro passado, 25 pessoas não-identificadas forçaram a entrada no escritório de Park para o obrigar a renunciar à sua igreja, o que este recusou.

Duas semanas depois, ele e seis membros da Juventude da igreja foram atacados por um

grupo de pistoleiros profissionais, dirigidos por um indivíduo que posteriormente confessou ser membro do comando militar de segurança.

Internado num hospital de Seul, Park Hyung-Kyu emitiu um comunicado dirigido aos religiosos da Coreia do Sul onde afirmava, designadamente, «sinto profundamente que a minha vida corre o mais grave dos perigos, mas antes de ser assassinado quero que as coisas se saibam».

De acordo com Park, funcionários próximos do presidente Chun confirmaram-lhe que os militares tentavam destruir a sua igreja desde 1980.

«Parte da tarefa missionária da igreja verdadeira é lutar contra as injustiças e revelar as falsidades», escreveu Park em defesa do seu trabalho.

«O movimento evangélico das igrejas deve pôr-se ao lado dos trabalhadores e agricultores, e proteger e apoiar os seus direitos humanos e os seus interesses».

Além disso, exortou as igrejas «a unirem-se para evitar que o governo actual aumente a sua divisão e as destrua secreta-

mente por meio da violência».

Foi justamente este apelo de Park Hyung-Kyu que atraiu a atenção da comunidade religiosa norte-americana.

«Esta violência tem de cessar, antes que a Coreia caia na barbárie dos «Camisas Cinzentas» (alusão aos grupos de choque assim conhecidos na época de nacional-socialismo de Adolfo Hitler). Uma nação que deseja ser a sede dos jogos olímpicos de 1988 deve aos seus cidadãos toda a protecção da lei», afirmou a coligação norte-americana para os direitos humanos na Coreia do Sul.

Pressionado pelas igrejas, o departamento de Estado, através da sua embaixada em Seul, pediu esclarecimentos ao governo coreano sobre a situação de Park.

Oficialmente, as autoridades coreanas consideram que o conflito existente na Igreja de Park é um «assunto interno».

Entretanto, e segundo afirmou Harvey «ainda não foi tomada nenhuma resolução».

(Tim Shorrock — IPS)

política de A a Z

A corrupção existe

A jornalista Antónia de Sousa recolheu, para o «Diário de Notícias», declarações do coronel Costa Brás, militar de Abril, com experiência política e administrativa que aceitou ser nomeado, pelo Governo PS-PSD, para chefiar um serviço nacional de combate à corrupção com o pomposo título de «Alta Autoridade». Como já sucedera, no período em que exerceu o cargo de Provedor de Justiça, Costa Brás tem-se dedicado à função que lhe cometeram, mas tem observado uma grande discrição. Pouco se conhece da actividade desenvolvida pela Alta Autoridade e os seus serviços. As declarações do coronel Costa Brás deixam sequiosos os que tinham sede de informações concretas. Mas, contudo, permitem afirmar que existe corrupção e que — é a opinião expressa pelo coronel Costa Brás — «... de facto, não existe, a nível adequado, esse clima de intransigência no combate à corrupção, como eventualmente a outros delitos».

Para Costa Brás, esse «clima de intransigência», citamos as suas próprias palavras: «só pode nascer de uma vontade política generalizada». Essa «vontade política generalizada» não existe mesmo a nível governamental. Costa Brás, a dado passo da entrevista, a propósito da nomeação para o exercício de novas responsabilidades de pessoas que anteriormente, «por acção ou omissão», permitiram ou estiveram envolvidas em fraudes ou qualquer outro delito», diz: «Estou muito bem acompanhado por dois membros do Governo que sei que se manifestaram exactamente nesse sentido e têm na sua área de tutela também empresas públicas. Esses membros do Governo têm o mesmo conceito e sei que isso já impediu que fossem nomeados para funções dessa natureza pessoas que tinham tido esse comportamento anterior, por omissão».

Mas esta boa companhia de «dois membros do Governo», mostra que a Alta Autoridade, na luta contra a corrupção, está, relativamente, desacompanhada. A experiência de um ano de funções, leva Costa Brás a afirmar: «O decorrer deste tempo tem-me permitido concluir que nem sempre e nem com a celeridade que seria ajustada se têm feito as correcções que se tornavam indispensáveis e a exigência da responsabilidade que se tornava imperativa». Situação esta, de si preocupante, que é ainda agravada pela morosidade dos «inqueritos». Para elucidação dos leitores transcrevemos o texto das declarações de Costa Brás:

«Posso citar-lhe o exemplo do caso de uma peritagem iniciada em Junho de 83, que era necessária ao esclarecimento de uma eventual situação de irregularidade. No dia 19 de Março e 2 de Maio de 84 foi prometida a rápida conclusão. Em 28 de Agosto foi solicitada uma informação sobre o andamento dessa peritagem. A 12 de Setembro foi justificado o atraso. Finalmente, foi solicitado por um ministério diligências no sentido de ser desbloqueada a situação. Tinha essa comunicação no dia 18 de Dezembro de 84. A peritagem ainda não está feita.»

Os factos falam por si. Dispensam comentários. A máquina do Estado não funciona, ou move-se com um ritmo lento, incompatível com as respostas que lhe são pedidas, insensível à gravidade dos problemas. Os inqueritos não chegam ao seu termo, os processos arrastam-se, as decisões são adiadas, ou são complacentes, ou são esquecidas. O antigo ministro da Administração Interna e antigo Provedor de Justiça declara à jornalista: «O que posso dizer-lhe é que, relativamente à administração, tenho uma ideia extremamente negativa da eficácia da administração pública neste momento. Diria que, de há alguns anos a esta parte — o último contacto directo que tive com ela foi em 1979 —, noto uma deterioração substancial».

O controlo político, ou, melhor dizendo, partidário, do aparelho do Estado, o recrutamento e promoções subordinados a critérios partidários, o clientelismo burocrático-partidário, diminuem gravemente o prestígio e a eficácia da Administração. A instabilidade governativa gera a instabilidade da administração pública. Dilo claramente Costa Brás: «Porque nós temos vivido, de facto, períodos de alguma instabilidade no campo governativo, ou porque se muda de Governo ou porque o Governo que está sofre perturbações, como estas recentes, dadas as questões que possam existir dentro do partido ou dos partidos que o compõem. A estabilidade da administração pública sofre também safanões dessa ordem, quando seria exigível, prudente e útil que continuasse a funcionar com regularidade».

Esta «instabilidade» da Administração tem sido agravada com a «partidarização», com a diligência dos partidos para colocar os seus homens na máquina burocrática e nos serviços anexos, ou dependentes, ou sob tutela. Será preciso dar exemplos? Não chegarão os «casos» da RDP e da RTP? Não chegará a «valsa» dos gestores bancários?

Com efeito, como sublinha Costa Brás, quem é nomeado por confiança política partidária: «Se é nomeado

por razões partidárias, se é nomeado por afinidades pessoais de amizade com o secretário de Estado e o ministro da tutela, a sua conduta sempre se pautará por critérios de natureza ou de interesses de natureza político-partidária ou por relações de amizade, quando, para mim, é exigível em absoluto de um director-geral uma actividade apenas subordinada aos aspectos de natureza técnica para que é solicitado.»

A partidarização, as relações fulanizadas, as clientelas constituídas, têm contribuído para facilitar e enraizar a corrupção. E o Governo tem pouca mobilidade para ajudar a luta contra a corrupção. Assim — conta Costa Brás — que a proposta para que fosse emitida «uma resolução» do Conselho de Ministros «sobre a concessão de prioridade e urgência às solicitações feitas pela Alta Autoridade», não tinha tido uma decisão favorável publicada no final de Fevereiro.

A corrupção existe, e medra, na área das alfândegas na área da banca, na área dos fundos autónomos. Em áreas politicamente controladas ou controláveis; em áreas partidarizadas ou utilizadas partidariamente. Nalguns casos, que Costa Brás declara verberar veementemente na sua qualidade de Alta Autoridade contra a corrupção, verificam-se «dilações ou omissões dessas medidas correctivas sobre situações cujo levantamento está feito.»

São conhecidos os números relativos à actividade da Alta Autoridade: processos iniciados 414. Destes, 327 com origem em queixas apresentadas por particulares; 40, por iniciativa do alto-comissário; 57, motivadas por participações de entidades oficiais; 4, a solicitação de membros do Governo. Desta actividade de inquérito resultou: 141 processos arquivados; 26 processos a aguardar melhor prova; 33, remetidos a outras entidades; 30, enviados às autoridades competentes para acção penal ou disciplinar das infracções indicadas. Estão pendentes 247 processos.

Parece deduzir-se das suas declarações que Costa Brás é «apologista da divulgação das decisões». Essa é uma exigência da opinião pública. O segredo — os vários segredos — não podem defender a corrupção e os corruptores. A transparência da Administração é uma regra democrática.

O povo soberano não tem segredos para o soberano povo. E situações, como Costa Brás recordou, que foram reconhecidas num Conselho Nacional do PSD de «utilização de funções e meios com benefícios partidários», não seriam possíveis. E, a verificarem-se, teriam castigo.

China em tempo de modernização

Quando Pearl Buck escreveu «The good Earth», que Paul Muni interpretaria no cinema na década de quarenta, o camponês chinês, escravizado, à mercê dos patrões, sem direitos visíveis e condenado a uma vida tão anónima como rudimentar e de escassez, não podia imaginar que meio século depois seria dono da sua própria terra e até podia vender livremente os seus produtos.

Ainda menos o imaginavam os camponeses de há uma geração, quando após a revolução de 1959, se implantou o comunismo, e o líder indiscutível da mesma, Mao Zedong, impôs um sistema económico centralizado no qual o Estado era dono absoluto das terras, e mais ainda, da produção de cada camponês, o que obrigava a trabalhar por quotas que devia entregar a esse mesmo Estado.

Decisão histórica

Com o primeiro dia de 1985 a revolução pacífica e silenciosa levada a efeito pelo líder visível da nova era, Deng Xiaoping, lançou as bases para uma reforma total das estruturas económicas centenárias e o camponês de Pearl Buck converteu-se num facto quase pré-histórico, digno da mitologia.

Nesse primeiro dia do ano o primeiro-ministro Zhai Ziyang confirmou a histórica decisão de abolir o sistema de quotas de venda obrigatória dos seus produtos ao Estado, por parte dos oitocentos milhões de agricultores e criadores de gado do país.

Para além da decisão governamental estavam as ideias de Xiaoping, verdadeiro motor de uma mudança que quer situar a China no início do próximo século, entre as nações mais modernas da Terra.

Esse homenzinho de oitenta anos, que nasceu na provincia camponesa de Sichuan, procura desde há quatro anos dismantlar o velho estilo soviético da economia planificada e dar ao socialismo maior vida através de incentivos pessoais e familiares. Embora o Partido Comunista Chinês mantenha e vá manter ainda durante algum tempo um controlo de ferro sobre uma China que ultrapassou os mil milhões de habitantes, Deng está conduzindo o país por um novo caminho que, seguramente, terá grande impacto em toda a economia mundial.

Ziyang reconheceu que a decisão de eliminar as quotas tinha sido pensada há muito tempo, «mas julgamos que chegou o momento oportuno porque acreditamos que a mudança não criará subidas de preços dos produtos agrícolas».

Essa mudança é toda uma revolução, já que se modifica o sistema para o levar de uma economia rural a uma economia de mercado exactamente igual à do mundo ocidental, até há dez anos a «bête noire» dos anteriores dirigentes chineses.

Economia de livre mercado

Desde a instauração do regime comunista na China, em 1959, até vinte anos depois, em 1979,



Deng Xiaoping

os camponeses chineses deviam vender obrigatoriamente a quase totalidade da sua produção ao Estado a preços fixados por este.

Em 1979 o mesmo Deng Xiaoping e aqueles que o seguiam introduziram no campo o chamado «sistema de responsabilidade», que permitiu aos camponeses vender o que lhes restava da sua produção, uma vez entregues as quotas obrigatórias — já menores — ao Estado.

O sistema provocou claramente um enriquecimento paulatino da população camponesa, a que pior vivia nesse imenso país, e, ao mesmo tempo, devido ao in-

centivo do pequeno mercado livre existente, um aumento considerável da produção agrícola, acabando assim praticamente as faltas alimentares.

Desde o dia primeiro de Janeiro, com a liberalização das quotas obrigatórias, cada camponês poderá vender a sua produção a quem quiser e significa que acabou na China o monopólio estatal embora os preços dos produtos continuem a ser fixados pelo governo, que deverá comprá-los aos produtores privados.

A ideia, segundo Deng, é criar uma economia controlada de livre mercado para que não haja negociações nem corrupções, mas para que a iniciativa de cada um permita um melhor nível de vida ao povo.

Quase simultaneamente, o governo acaba de anunciar aumentos salariais para os seus empregados, em todo o país, e esses aumentos foram mesmo substanciais para as pessoas que trabalham em ciência, tecnologia, cultura, educação e saúde.

O próximo passo da modernização chinesa passará pela indústria. Para mais, os resultados obtidos fazem prever um crescimento contínuo da economia do país mais populoso do mundo: nos quatro anos, depois de 1979, em que se liberalizou o campo permitindo a venda privada, registaram-se as quatro maiores colheitas do século.

Ernesto Salvador — EFE

Halley aproxima-se a 42 500 km por hora

Actualmente, muitos dos mistérios dos cometas estão desvendados. Sabe-se que o cometa Halley, peregrino celeste, depois de concluir um novo circuito no Universo, se aproxima novamente, tal como se verificou muitas vezes no passado, do planeta Terra. A distância que nos separa dele reduz-se num milhão de quilómetros por dia. A aproximação máxima será registada em Março de 1986.

Em Agosto de 1682, Edmund Halley, astrónomo inglês de 26 anos, observou um cometa, cujo fulgor aumentava rapidamente e que tinha uma longa cauda...

Pouco antes, Newton formulara a lei da gravitação universal. A pedido de Halley, estudou a deslocação dos cometas e provou que eles descreviam à volta do Sol uma das figuras geométricas: elipse, parábola ou hipérbole. Mais tarde, Newton verificou que o astro descrevia, à volta do Sol, uma elipse tão grande que a tornava pouco distinta de uma parábola.

As dificuldades de cálculo eram então enormes quando se tinham apenas como auxílio as tabelas logarítmicas e trigonométricas. Halley, aperfeiçoando o método de cálculo, concluiu em 1705 o cálculo das órbitas de duas dezenas de cometas. Duas eram muito semelhantes: a dos cometas aparecidos em 1607 e 1682. Dificilmente se tratava de uma coincidência. Os cometas apareciam com 75 anos de intervalo. Se se tratasse do mesmo astro era provável que tivesse sido observado 75 anos antes de 1607. Com efeito, o cometa de 1531 tinha a mesma órbita.

Halley previu para 1758 um novo aparecimento do astro. Não viveu até ao acontecimento. Morreu em 1742, com 86 anos de idade. Em homenagem ao primeiro cientista a estabelecer a periodicidade da sua aproximação do Sol, o «cometa com cauda» tomou o nome de «Halley».

O cometa não apareceu em 1758, mas no ano seguinte. O matemático francês Alexis Clairaut admitiu a hipótese de que o atraso se deveria à influência dos astros. Mas ao realizar novos cálculos, com o astrónomo Joseph Lalande, estabeleceu em 76 anos a periodicidade do aparecimento daquele corpo celeste, cálculo que viria a verificar-se estar correcto. O cometa Halley aproximou-se da órbita solar em 1835 e 1910.

Lamentavelmente, o novo «encontro» com o cometa, em 1986, far-se-á nas piores condições de observação dos últimos 2000 anos.

No seu pèriplo, Halley aproximou-se duas vezes do planeta. Da primeira, a 27 de Novembro de 1985, não passará de uma «coisinha» no céu.

CEMGFA visitou a NATO

General Lemos Ferreira defende a "guerra das estrelas" de Reagan

No regresso a Lisboa, vindo de Bruxelas, onde visitou o quartel-general da NATO, Lemos Ferreira, mostrou-se francamente favorável à iniciativa de defesa estratégica (SDI), de Ronald Reagan, mais conhecida por «guerra das estrelas» ou projecto de defesa antimísil sediado no espaço.

Ao contrário de outros responsáveis políticos e militares europeus, que têm manifestado oposição a tal projecto, o CEMGFA

português entende que o SDI «significa também tecnologias emergentes ou novas, e vai permitir manter-nos um «status quo», a possibilidade do desarmamento e o prosseguimento por parte da NATO e seus aliados de uma atitude firme, lógica e coerente com a URSS e os seus parceiros do Pacto de Varsóvia».

Do mesmo modo, as preocupações de vários sectores da NATO acerca dos elevados custos do

projecto (mais de 26 mil milhões de dólares para os próximos cinco anos) não são relevantes para o general português que argumenta com a possibilidade de avanço noutras áreas devido à alta tecnologia a empregar no SDI.

Quanto às divergências entre os membros da NATO relativamente à guerra das estrelas, Lemos Ferreira diz que têm mais a

ver com «quem vai fazer e quem entre nestes projectos». Recorde-se, a propósito, que as Forças Armadas portuguesas estão de algum modo empenhadas no projecto SDI com a prevista construção, em território português, (Almodovar) da quinta e última estação de rastreio espacial «Space-track» por parte dos Estados Unidos. Os EUA têm já construídas três dessas estações (Novo México, Hawaí e Coreia do Sul) e uma

outra está a ser construída na colónia britânica de Diego Garcia, no oceano Índico.

Lemos Ferreira avistou-se em Bruxelas com responsáveis militares belgas com quem debateu a transferência de tecnologias no sector da indústria de Defesa e foi recebido no quartel-general da NATO pelo general Bernard Rogers, comandante do pacto atlântico na Europa.

João Jardim:

'Bloco central falhou definitivamente'

Enquanto o PSD «definha nos seus conflitos internos, onde alguns colocam o seu amor-próprio ou a mediocridade revanchista acima do interesse nacional», o Partido Socialista «ocupa o aparelho de Estado numa prática política só vista nas Repúblicas das bananas», considera o chefe do Governo Regional da Madeira, João Jardim, em artigo publicado no «Jornal da Madeira».

«Tudo isto — escreve Jardim — permite essa autêntica salaíada que é o aparecimento do novo partido, facto que seria impensável se a democracia portuguesa tivesse atingido um grau civilizado».

«A todos nós, os que somos contra o sistema político e a Constituição que o patrocina, enxovalham-nos em certa Comunicação Social, deturpam-nos, falseiam-nos imagens, amordaçam-nos através de uma censura que está institucionalizada em Portugal de forma sofisticada e mafiosa», considera João Jardim.

«Para o PSD — acentua — o problema não é saber quem vai ganhar o congresso nacional, não é reparar esta ou aquela personalidade, não é Machete, Mota Pinto, João Salgueiro ou Marcelo Rebelo de Sousa ou qualquer outro militante, mas sim o de definir que tem de mudar a Constituição e salvar o regime democrático pois o serviço a Portugal não é o fazer vencer esta ou aquela sensibilidade mas sim a mudança do sistema».

Segundo ainda o dirigente madeirense, «falhadas definitivamente as esperanças» que ele próprio «alimentou de que o bloco central, pelo tipo quantitativo e socialmente representativo de maioria que o caracterizou, poderia fazer a grande mudança na sociedade portuguesa, hoje já não há mais tempo a perder para todos aqueles que queiram assegurar a sobrevivência futura do regime democrático e de um mínimo de desenvolvimento integral de uma sociedade livre».

Jovens socialistas da FAUL realizaram o seu congresso

A Federação da Área Urbana de Lisboa do Partido Socialista elegeu ontem o novo secretário-geral. Trata-se de Jorge Oliveira, primeiro subscritor da moção «Renovar a FAUL», que obteve 82 votos contra os 23 da outra lista concorrente, encabeçada por Paulo Gaio.

O programa da lista vencedora prevê cinco pontos essenciais: organizar a Federação, participar activamente nas importantes eleições autárquicas e presidenciais de finais de 1985, intervenção política acrescida, criar ou apoiar os núcleos do ensino como campo privilegiado para intervenção política e captação dos jovens e descentralizar a acção da JS no âmbito da Federação mediante a implementação das comissões concelhias.

O Congresso da FAUL da JS aprovou também uma moção sectorial sobre as eleições presidenciais, na qual é pedida a indicação de uma candidatura socia-

lista, em tempo oportuno, sendo que, se a de Mário Soares se concretizar, «merecerá todo o nosso apoio e o nosso carinho». Num outro âmbito, os jovens socialistas aprovaram uma moção, esta sobre o aborto, que refere que a lei de despenalização aprovada pela Assembleia da República obriga a «um dever de concretização prática dessa medida».

A moção salienta o «estranho e cúmplice silêncio do Governo após a aprovação da lei no Parlamento» e sublinha a «má vontade de alguns médicos que preferem continuar a implicitamente apoiar o aborto clandestino», exigindo do Executivo a «adopção das medidas legislativas que concretizem na prática a lei de despenalização do aborto».

No Congresso, que terminou ontem, participaram cerca de 100 delegados representantes de todos os núcleos da JS do distrito de Lisboa.

Cada família portuguesa deve mais de 1100 contos

— diz Carlos Costa (PCP)

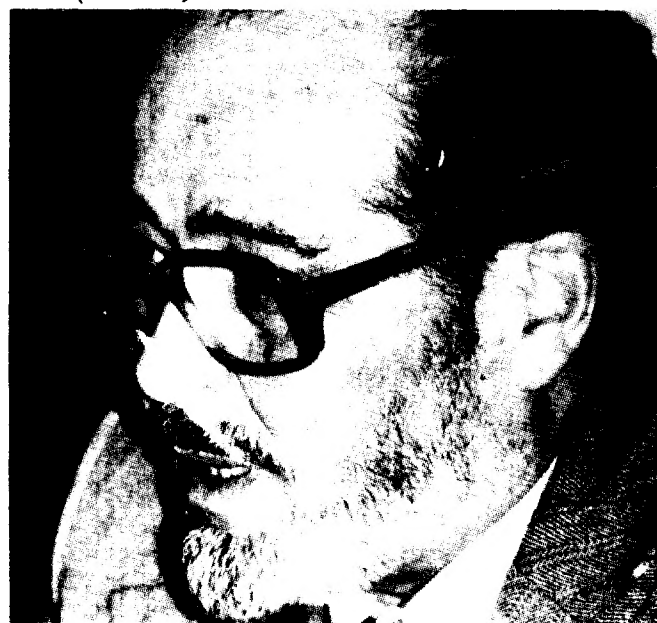
Cada família portuguesa deve ao estrangeiro mais de 1100 contos, considerou no Porto o dirigente do PCP, Carlos Costa, ao usar da palavra num comício integrado nas comemorações do 64.º aniversário daquele partido.

O membro da comissão política do CC do PCP, que alertava para a «gravíssima situação económica, financeira e social, consequência da recuperação capitalista, financeira e social, consequência da recuperação capitalista, agrícola e imperialista dos últimos anos», referiu que a dívida externa, à cotação actual, ronda os 2800 milhões de contos, o que, em termos médios, significa, uma dívida ao estrangeiro por cada família portuguesa de 4 pessoas de mais de 1100 contos.

Defendendo a urgente «renegociação da dívida externa», Carlos Costa anunciou que o seu partido vai procurar dar uma contribuição positiva para uma alternativa económica global através da realização de uma conferência económica nacional do PCP sobre a via de desenvolvimento para vencer a crise, prevista para fins de Março.

Contra os gestores

«políticos»
Entretanto, em Coimbra, meia



centena de quadros do PCP criticou a colocação de gestores públicos «ao sabor da sua colaboração política».

Os referidos quadros, ligados aos sectores de serviços, administração local e função pública, repudiaram a abertura da banca ao sector privado e a «falta de me-

ditadas para recuperação do crédito mal parado».

Foram ainda abordadas questões relacionadas com a administração pública, nomeadamente a existência de uma grave situação «devido à incorrecta regulamentação de carreiras e à legislação inadequada».

comunicação social

Morreu Roussado Pinto

— director do «Jornal do Incrível»

O director do «Jornal do Incrível» faleceu ontem em Lisboa vítima de colapso cardíaco. José Augusto Roussado Pinto, de 58 anos, entrou já sem vida no Hospital de S. José. Aquele jornalista é sepultado amanhã no Cemitério de Benfica, sobre a NP junto dos familiares. Esses mesmos familiares disseram ainda àquela agência que estão a efectuar diligências para que o corpo de Roussado Pinto vá para a Casa da Imprensa hoje e aí fique até à hora do funeral.

Roussado Pinto foi acometido de colapso cardíaco quando saía da sede do jornal, tendo sido este o terceiro colapso que o acometia. O primeiro ocorreu em 1975 e o segundo em 1982. Livros policiais, «westerns», de espionagem, amor, acção e aventura eram a especialidade

do jornalista e escritor Roussado Pinto. Nascera em Lisboa e aos 17 anos já colaborava em vários jornais e revistas.

Como escritor, assinou com cerca de uma centena de pseudónimos mais de 200 títulos dispersos por vários géneros.

«Ross Pynn», autor de romances policiais, foi possivelmente o seu pseudónimo mais conhecido e com ele assinou «So long Jim», «A mulher nua», «A mulher cega», «O nome dela é Clair» e outros.

Como repórter, Roussado Pinto assinou reportagens como «Eu fui vagabundo», «Dez anos sob o signo da morte», «Sete dias entre a população chinesa de Macau» e «A viagem de Cra-veiro Lopes ao Brasil».

Roussado Pinto, desde 1979 director do «Jornal do Incrível»,

foi o «introdutor da banda desenhada em Portugal, juntamente com Eduardo Correia» — disse à NP um responsável do jornal.

Pelo menos, foi figura importante de publicações como «O Mosquito» e «Mundo de Aventuras», tendo dirigido também «O Plutão», «Flecha», «Titã» e, mais recentemente, o «Jornal do Cuto».

Em 1953 entrou no «Diário Ilustrado», onde chegou a escrever para dez secções diárias — contam os seus amigos.

Escreveu também nessa altura «Os Mastigados», «Pontapé no traseiro» e outros livros que «retratam de uma forma dura, mas verdadeira, a realidade do País nessa época» — assinalaram responsáveis do «Jornal do Incrível».

Pésames do «DL».

«O mais importante livro do decénio, se não do século.»

John Leonard
New York Times

NOITES
ANTIGAS
NORMAN
MAILER

No cenário de sublime
beleza e mistério
do antigo Egipto,
o extraordinário romance
de NORMAN MAILER.



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
tem a honra de apresentar este acontecimento
literário ao público português.

A venda em todas as melhores livrarias

Fontes de informação

O jornalista belga Martin Coenen, do semanário flamengo «Humo», preso a semana passada por se recusar a revelar as suas fontes de informação, foi libertado pelo juiz de Instrução Deambres.

Coenen, de 30 anos, era acusado de roubo de documentos pertencentes a um processo instaurado contra uma empresa petroquímica.

O jornalista escreveu um artigo contra a empresa em causa, afirmando que esta misturava resíduos perigosos no carvão.

O jornalista foi detido por se recusar a revelar a sua fonte de informação, mas a sua prisão desencadeou uma forte onda de protestos nos meios jornalísticos belgas e internacionais.

Transladação de Després

Os restos mortais do jornalista Jacques Després, que se suicidou quarta-feira passada num hotel de Santiago do Chile, foram hoje repatriados para França.

A administração do hotel confirmou que, além de uma carta dirigida a José Maria Valdivia, na qual Després manifestava a in-

tenção de suicidar-se, existe uma outra que foi levada por uma enigmática mulher que se apresentou como «jornalista francesa».

Empregados do hotel afirma-

ram que Després, ao chegar ao estabelecimento, tentara alugar uma «suite», mas porque todas se encontravam ocupadas, optara por um quarto duplo.

Legislativas antecipadas preocupam líder do PSD

Rui Machete voltou a reafirmar no sábado, em Viseu, o que há cerca de uma semana tinha dito em Santarém: que os militantes sociais-democratas deveriam estar preparados para a eventualidade de, «mais cedo que o previsto», se realizarem eleições antecipadas.

De acordo com fontes citadas pela-NP, o presidente da Comissão Política Nacional do PSD — que este fim-de-semana prosseguiu a ronda pelas distritais que vem realizando desde o último Conselho Nacional do partido — manifestou-se preocupado com a possibilidade de um fracasso da governação do bloco central e com a eventualidade de o Presidente da República convocar eleições legislativas antecipadas.

Na reunião de Viseu, em que participaram também João Salgueiro e Marcelo Rebelo de Sousa, Machete defendeu a necessidade de o Executivo tomar medidas de fundo, algumas delas de natureza estrutural, dada a actual situação de crise que o País atravessa.

Ao referir-se à situação económica, João Salgueiro salientou, por sua vez, a necessidade de uma alteração substancial ou «vamos acabar por hipotecar o País».

Por seu lado, Marcelo Rebelo de Sousa, depois de justificar a sua presença na Comissão Política Nacional, apesar da sensibilidade em que se integra — «Nova Esperança» — se ter oposto à solução do bloco central, defendeu igualmente na sua intervenção a necessidade de o Governo proceder a alterações de fundo.

presidenciais com possibilidade de vencer na primeira volta ou definitivamente na segunda».

Ao referir-se ao perfil do candidato, Machete considerou que, se for militante do partido, «teremos mais garantias de o mesmo ser fiel ao nosso projecto, se for independente terá maiores hipóteses de vitória, mas menos possibilidades de se manter fiel ao nosso programa».

Em relação ao referendo interno que o partido está a promover, Rui Machete disse ser do interesse da Comissão Política Nacional que o mesmo «seja o mais possível parcial e útil».

Quanto às eleições autárquicas, aquele social-democrata salientou a sua importância e afirmou que «a administração pública está corporizada nas autarquias, onde o PSD tem uma forte implantação e, se houvesse eleições hoje, seríamos o primeiro partido nacional».

«Nos últimos tempos — disse — têm-se verificado ventos de discórdia que esqueceram o respeito pelas regras do jogo e é necessário que quando se mudam pessoas dos seus cargos se façam essas mudanças pelos processos normais, não esquecendo os serviços por elas prestados ao partido e à Nação».

Por outro lado, João Salgueiro, que acompanhou Rui Machete, manifestou o desejo de que o candidato às presidenciais a apresentar pelo PSD seja conhecido «para que o povo português se habitue à sua figura e o respeite, porque adiar a sua indignação é fazer o jogo do PS».

Quem o disse foi o deputado do PSD, José Vitorino, ao defender que «um resultado maioritário no referendo a favor de um candidato, residencial não militante do partido e, acima de tudo, uma vitória dos dirigentes que sempre estabeleceram como objectivo impedir a vitória de Mário Soares».

Vitorino disse que o PSD do Algarve sempre defendeu esta linha, sendo, pois, ela que naturalmente deverá transparecer aquando da consulta interna (referendo) sobre o candidato dos sociais-democratas às presidenciais.

Ainda no Algarve, a assembleia concelhia de Lagoa do PSD elegendo, no sábado, Jacinto Correia para presidente da comissão local do partido. As eleições concorreram uma lista única que colheu 48 votos a favor.

Entretanto, em Castelo Branco, a assembleia distrital do PSD rejeitou este fim-de-semana o apoio à actual Comissão Política Nacional do partido.

Disto mesmo deu conta o presidente daquela distrital, Pereira Lopes, tendo informado que a deliberação foi tomada numa reunião daquele órgão em que participaram 37 dos 107 elementos que o constituem. Na reunião foram aprovadas moções em que é manifestado o apoio ao ex-líder, Mota Pinto, que obteve 24 votos favoráveis, 10 contra e três votos brancos.

JSD dos Açores

Também este fim-de-semana se realizou, em Ponta Delgada, o III Congresso da JSD dos Açores que elegeu Landa Gonçalves para presidente da Comissão Política regional da organização da juventude do PSD.

A moção de estratégia global então aprovada considera o actual sistema educativo «inadequado às realidades económicas da região» e propõe medidas destinadas a minorar os efeitos desta limitação.

O documento sustenta que o actual sistema é inclusivamente responsável por «algumas barreiras e desequilíbrios» sociais dos jovens. Para a JSD «uma preparação fornecida pelo ensino oficial contribui para a dificuldade do acesso ao primeiro emprego», considerado um dos principais problemas dos jovens nas ilhas.

No quadro da remodelação do sistema de ensino proposto pela JSD-Açores integra-se a «urgência de repensar o papel da universidade e de toda e qualquer escola superior que se venha a instalar na região».

«A universidade açoriana — defendem os jovens sociais-democratas — deve assumir-se como verdadeira universidade regional, preparando técnicos ao nível das exigências requeridas pelo processo de desenvolvimento».

Lourdes Pintasilgo: candidatura irreversível

Lourdes Pintasilgo reafirmou no último fim-de-semana a sua intenção de se candidatar à Presidência da República. Irreversível, foi como a ex-primeira-ministra classificou a situação.

Falando em Abrantes, onde participou num colóquio sobre a juventude, Pintasilgo anunciou estar aberta «a todos os apoios, excluindo o que é ilegal». Estes apoios, segundo a candidata, podem ir desde grupos de cidadãos organizados até aos partidos políticos, desde que estes não exijam contrapartidas.

Quanto aos partidos, considerou que é quase uma perversão da democracia que a designação de candidatos à Presidência da República comece a ser feita pelas cúpulas partidárias. Para Pintasilgo, a participação dos partidos na eleição do Presidente da República «vem prejudicar grandemente a liberdade dos cidadãos filiados ou não em partidos políticos, de escolherem, proporem e apoiarem os candidatos que entenderem».

Sobre a sua própria candidatura, afirmou que ela não nasceu do zero, nasceu da constatação e do conhecimento de uma presença, de uma ideia, em princípio do eleitorado e, depois de pessoas muito concretas.

Considerada como uma personalidade da área eanista, Lourdes Pintasilgo não conseguiu, contudo, até agora recolher o apoio explícito do recém-formado Partido Renovador Democrático, embora figuras cimeiras daquele

partido sejam normalmente apontadas como eventuais apoiantes da antiga primeira-ministra.

Reunião do PRD em Viseu

Dirigentes do PRD reuniram-se sábado em Viseu como militantes e simpatizantes do novo partido naquele distrito.

A reunião foi presidida por Leão Meireles, mandatário distrital da ex-CNARPE nas últimas eleições presidenciais, e nela participaram ainda António Carlos Lopes, Ribeiro de Carvalho, Telmo Teixeira de Figueiredo, José Aguiar e Paulo Neto.

Os membros da mesa defenderam «uma nova ética e prática políticas tendentes a renovar a confiança dos portugueses nas instituições democráticas».

A maioria dos participantes na reunião tentou que a mesa informasse sobre a eventual adesão do Presidente da República ao novo partido.

Em resposta, Leão Meireles salientou que Ramalho Eanes não pode dissolver o Parlamento a partir de Junho e não «quebraria de ânimo leve o compromisso de presidir aos destinos do país até ao final do seu mandato».

O dirigente do PRD disse à NP no final da reunião que se realiza em Março, em Viseu, uma nova reunião distrital do partido, com a possível participação de Hermínio Martinho e José Carlos de Vasconcelos.

Presidenciais: candidato não é fácil

Entretanto, em Bragança, numa sessão de esclarecimento para militantes locais do PSD, o actual líder social-democrata afirmou que «não é fácil ao PSD escolher um candidato às eleições

Vitorino contra Soares

Um candidato presidencial não militante do partido a apresentar pelos sociais-democratas é a melhor forma de impedir a vitória de Mário Soares nas presidenciais.

À espera de obras do MNE

Embaixador de Moçambique dorme na chancelaria

O embaixador de Moçambique em Lisboa, João Baptista Cosme, utiliza, há cerca de um mês, as instalações da cancelaria como residência pessoal, devido ao mau estado da habitação que lhe foi destinada pelo Estado português.

Segundo apurou o «DL» de fonte segura, a residência daquele diplomata sofre infiltrações de água quando chove e não tem, por isso, condições de habitabilidade. Por tal motivo, o representante de Moçambique tem dormido, desde Fevereiro, nas instalações da própria embaixada, enquanto aguarda que o Ministério dos Negócios Estrangeiros proceda à reparação da residência.

O «DL» apurou, entretanto, junto do porta-voz do MNE, não haver qualquer responsabilidade do ministério quanto à reparação do edifício.

Segundo a mesma fonte, houve de facto permuta de residência entre os Estados português e moçambicano para os respectivos embaixadores, mas nada terá sido acordado quanto às despesas de conservação. Indicou, a propósito, que o embaixador português no Maputo procedeu há tempos a obras na sua residência tendo os custos sido suportados pelo Governo de Lisboa.

Segundo fonte ainda do MNE, o diplomata moçambicano terá apresentado um plano de obras na sua residência na ordem de vários milhares de contos.

A partir de amanhã no seu jornal



Na foto: Aurora Murteira, economista, responsável de um projecto da ONUDI e do Banco Mundial para Cabo Verde, é a primeira entrevista na Mesa «DL». Foi Clara Viana quem registou o que ela diz, amanhã, aos nossos leitores.

TSD contra hegemonização do PS nas empresas públicas

Os trabalhadores sociais-democratas manifestaram-se «apreensivos pelos métodos de nomeação dos gestores públicos onde o PS vem assumindo um papel de preocupante hegemonização partidária».

Em comunicado, os TSD consideram que esta hegemonização do Partido Socialista tem «reflexos muito negativos no funcionamento e no equilíbrio das relações de trabalho dentro das empresas e na deterioração dos factores de competência e isenção da gestão empresarial do Estado e da Administração Pública».

O documento dos TSD anuncia que vai apresentar no próximo Congresso do PSD uma moção que, entre outros pontos, defina «o papel dos trabalhadores sociais-democratas na renovação da sociedade portuguesa partir de um projecto baseado na próxima eleição do Presidente da República».

De entre as medidas concretas difundidas para o imediato pelos trabalhadores sociais-democratas, o documento refere «a solicitação ao Governo de medidas eficazes para superar os graves problemas sociais existentes no distrito de Setúbal».

O documento dos TSD manifesta ainda «solidariedade ao companheiro Rui Amaral, secretário de Estado do Emprego e alvo de acusações que os TSD repudiam».

Situação da Torralta em vias de solução

— diz o ministro do Trabalho

A situação na Torralta vai ser resolvida a curto prazo, com a recuperação económica da empresa, segundo a NP, que cita Amândio de Azevedo, ministro do Trabalho.

O membro do Governo, presente no jantar de aniversário da Associação de Barmans Portugueses, teria referido que «apesar de inicialmente não estarem ainda acertadas as condições de pagamento das dívidas da Torralta ao MT, Segurança Social e Secretaria de Estado do Emprego, essas negociações foram feitas e

pela nossa parte não há qualquer problema».

«Esta tudo definido e estamos convencidos de que a Torralta disporá já de condições de chegar à desejada viabilização», disse o ministro do Trabalho.

Estas condições incidem na dívida a banca, e à Previdência, num total de 14 milhões de contos, havendo a garantia de cobertura de 12 milhões de contos, através da transferência de bens da Torralta, para além de já se encontrar definido o pagamento de dois milhões de contos (o restan-

te), à Segurança Social.

Amândio de Azevedo referiu ainda que a viabilização económica da Torralta implica para o Governo «encargos significativos».

«Os encargos são significativos, pela parte do Governo e em especial da parte do Ministério do Trabalho, que aceitou um plano de amortização de empréstimos e pagamento de quotizações para o Fundo de Desemprego e Segurança Social, o que é altamente favorável à empresa», afirmou o ministro.

CGTP forma gabinete jurídico

A CGTP-Intersindical vai formar um gabinete jurídico encarregado de enviar ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem questões do foro laboral — disse um porta-voz sindical.

Mais de uma centena de juristas de sindicatos da CGTP discutiram este fim-de-semana em Lisboa a sua posição perante os meios de efectivação dos direitos dos trabalhadores (tribunais e Inspeção de Trabalho) e o aperfeiçoamento do apoio jurídico fornecido pelos sindicatos aos seus associados, num en-

contro organizado pela Intersindical.

Um porta-voz do encontro disse que entre os principais problemas que se põem aos juristas do Movimento Sindical Unitário contam-se a morosidade dos tribunais de trabalho e as dificuldades na execução das sentenças favoráveis aos trabalhadores.

Concordou com a decisão governamental de extinguir as comissões de conciliações e julgamento, sublinhando que esta era há muitos anos uma reivindicação da CGTP.

A greve no Parque de Monsanto

A greve de 48 horas dos trabalhadores do Parque de Campismo de Monsanto, que terminou às 23 horas de ontem, registou uma adesão de 95 por cento — informou um dirigente sindical.

O porta-voz do Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa (CML) anunciou que o pessoal daquele parque decidiu efectuar nova greve de dois dias no próximo fim-de-semana.

se entretanto a administração da CML não iniciar o diálogo sobre o caderno reivindicativo.

Precisou que os trabalhadores pretendem melhores condições de higiene e segurança, a criação de um subsídio de turno para todos os trabalhadores camarários que laboram por turnos, um subsídio para falhas de caixa para os rececionistas e o pagamento de horas extraordinárias em dívida.

Inspeção do Trabalho “deve ter poderes para sancionar”

— defende Vítor Ramalho

O secretário de Estado do Trabalho, Vítor Ramalho, defendeu que a Inspeção de Trabalho assumia competências dos tribunais de Trabalho em questões menores.

Num encontro sobre o sector naval, organizado pelo SIMA (Sindicato Metalúrgico da UGT), Vítor Ramalho afirmou que, passando a Inspeção de Trabalho a ter poderes para sancionar directamente todo o ilícito social, seria possível resolver por esta via cerca de 80 por cento dos casos que actualmente chegam aos tribunais de trabalho.

Precisou que o Ministério do Trabalho tencionava avançar neste sentido, após a decisão já tomada em Conselho de Ministros, na passada quinta-feira, de extinguir as comissões de conciliação e julgamento.

Salientou que a extinção das comissões de conciliação vai permitir o reforço da Inspeção do Trabalho com novos técnicos, tornando-a mais rápida e operante.

Considerou que não se justificava a existência daquelas comissões, que aumentava a morosidade dos processos, subli-

nhando que a percentagem de conciliações obtidas era diminuta porque as pessoas só recorrem aos tribunais de trabalho depois de tentarem resolver directamente os diferendos.

Vítor Ramalho considerou que o problema dos salários em atraso está ligado a problemas de sectores com crises estruturais, como a indústria naval, metalomecânica pesada e pequenas empresas, nomeadamente têxteis, e «não se resolve com intervenções fiscalizantes do estado, nomeadamente da Inspeção de Trabalho».

USL corrige informação sobre o “DL”

Elementos do Gabinete de Imprensa da União dos Sindicatos de Lisboa, CGTP, estiveram no «Diário de Lisboa» explicando que o lapso de informação sobre a «Renascença Gráfica», contido num «dossier» sobre empresas do distrito de Lisboa, se deveu a uma falha técnica. O «dossier» em questão deu origem a uma compreensivelmente forte reacção do «Diário de Lisboa» (ver «DL» de sábado 23/2. A informação que nele se continha foi prontamente corrigida, tendo a USL avisado os diferentes Órgãos de Comunicação Social que o «dos-

sier» distribuído continha incorrecções que iam ser devidamente emendadas. Com efeito, o Gabinete de Imprensa deste organismo sindical editou posteriormente uma nova versão do documento e, pela nossa parte, está encerrado o incidente. Digna de apreço é, não apenas a vontade imediatamente testemunhada de corrigir as informações falsas divulgadas por lapso, a nosso respeito, mas também a celeridade com que os restantes órgãos de Comunicação Social foram avisados de que não deveriam utilizar a primeira versão do «dossier».

MGP

LOTARIA

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
DO JARDIM ZOOLOGICO

60

MIL
CONTOS

HABILITE-SE JÁ
À FABULOSA
TALUDA DE



7 DE MARÇO
ANDA A RODA
BOA SORTE!



CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

III CONCURSO DE FOTOGRAFIA DA C.M.G.

EXTRACTO DO REGULAMENTO

- É organizado pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Grândola e inscreve-se nas Comemorações do 25 de Abril.
- Poderão concorrer todos os cidadãos portugueses, desde que residam em Portugal, em nome individual e com um máximo de cinco trabalhos originais.
- Os trabalhos a submeter a Concurso, poderão ser a Preto e Branco, ou cores sobre papel, sem margens ou montagens, com o formato de 18X24.
- O tema do Concurso, é o seguinte:
— Grândola, a História, A Serra e o Mar
- No sentido de salvaguardar o cumprimento do Tema, o Júri poderá exigir provas de que as imagens foram obtidas na área do Concelho, se houver dúvidas quanto à sua origem.
- Serão classificados três trabalhos, aos quais se lhes atribuirão os seguintes prémios:
1.º — 20 000\$00
2.º — 15 000\$00
3.º — 10 000\$00
- Será atribuído um prémio especial de 10 000\$00 ao melhor trabalho submetido a Concurso, por jovens até aos 25 anos, no âmbito do Ano Internacional da Juventude.
- O prazo de envio ou entrega dos trabalhos, será até ao dia 4 de Abril de 1985, ao CONCURSO DE FOTOGRAFIA Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Grândola 7570 GRÂNDOLA
- Os trabalhos concorrentes, deverão ser assinados no verso por um pseudónimo, idade do concorrente, tema do Concurso e título do trabalho. Deverão ainda ser acompanhados de um sobrescrito lacrado, contendo no exterior o pseudónimo e, no interior, o mesmo pseudónimo, bem como a identidade completa e endereço postal do concorrente.
- Pedidos de Regulamento à C.M.G. ou pelo telefone 42051/2

A Polícia não gostou e prendeu nove machiquenses

“Que faz a Polícia na Casa de Deus?”

A detenção de nove habitantes da Ribeira Seca, quatro dos quais foram esta manhã presentes a Tribunal em Santa Cruz, foi o saldo de um dia cheio de acontecimentos, ontem, no Machico. A expectativa, porém, centrava-se na hipótese de ser rezada missa campal, pelo padre Martins. Só que tal não chegou a concretizar-se, por recusa do padre, que se declarou «de luto», face à ocupação policial da «sua» igreja.

As características de um confronto com fortes raízes políticas entre o Governo Regional da Madeira e a população do Machico, acentuam-se-iam, entretanto, com o conhecimento de uma decisão do Supremo Tribunal Administrativo, face a um recurso da União das Bordadeiras. Assim, o STA aconselhou a que fosse suspensa a desocupação concretizada no mês passado, também sob forte aparato policial, até que seja tomada uma decisão definitiva.

Em jeito de resposta, o presidente do Governo Regional já anunciou que a administração regional não devolverá à União das Bordadeiras de Machico o edifício de que fora desocupada. A afirmação consta de uma nota oficiosa distribuída pelo gabinete de Alberto João Jardim, referindo que o edifício é património da Região Autónoma, além de ter sido «legalmente desocupado por decisão administrativa».

As prisões de ontem à noite, na Ribeira Seca, viriam, por outro lado, mostrar que de pouco resultaram os apelos do padre Martins, durante o dia, tanto no comício realizado em Machico como no local para onde fora anunciada a missa campal.

Grupos de populares que, à noite, passavam junto à igreja da Ribeira Seca, por eles construída e entregue ao padre Martins, exaltaram-se com o forte aparato policial que ali se registava. E, então, interrogaram-se em coro: «O que faz a polícia na Casa de Deus?»

Prisões na tasca

Então, a PSP reagiu apenas com palavras, apelando à calma e mandando que a população dispersar-se. Rapidamente se dissolveu a agitação por parte dos machiquenses. Mas outro tanto não aconteceu com os agentes



Um camião de lixo foi colocado, no local onde habitualmente se fazem os comícios do Machico. A população soube «ldear» este obstáculo, mas não bastou...

da PSP destacados no local, que rapidamente começaram a fazer prisões tanto na tasca como de pessoas que saíam de casa ou chegavam de carro.

Durante todo o dia, de facto, não tinha havido condições para que a PSP, ainda em ocupação mais ou menos visível do Machico e da Ribeira Seca, fizesse qualquer prisão.

Nem sequer a colocação de um camião do lixo junto à tribuna onde se efectuava o comício, com a presença do padre Martins, de autarcas e da presidente da União das Bordadeiras de Machico, logrou esses intentos.

Ai, porém, aconteceria um momento de exaltação, da parte de Maria Baptista, a presidente da cooperativa. Ela reagiu à decisão do STA, mandando suspender o despejo, que aliás já se concretizou. E diria que se essa decisão do tribunal não fosse acatada as bordadeiras reagiriam como agora lhes tem sido ensinado pelo Governo e pela PSP. Ou seja, pela reocupação pura e simples.

Igreja de Deus não é das armas

O padre Martins Júnior, proibido pelo bispo do Funchal de exercer o sacerdócio, na sua paróquia, disse perante cerca de duas mil pessoas, no Machico que «A Igreja de Deus não é a Igreja das armas e dos policiais».

O padre Martins, ex-pároco da paróquia de Ribeira Seca, não chegou a rezar missa, como pe-

diam os populares, devido a «uma ameaça de prisão da PSP se o padre insistisse em fazê-lo» — disse, à NP, um responsável da Junta de Freguesia do Machico.

Durante o comício improvisado, forças da PSP mantiveram-se de prevenção no posto local, a cerca de um quilómetro do largo onde falou o padre Martins Júnior.

A população presente interrompeu várias vezes o comício para gritar «Martins amigo, o povo está contigo».

O padre, «saneado» da paróquia da Ribeira Seca, a cerca de quatro quilómetros do Machico, disse que «não há nenhuma Igreja que se salve se não praticarmos a Justiça».

O padre Martins Júnior, tam-

bém deputado regional pela UDP, observou ainda que o padre Agostinho Gomes, actual vigário-geral da diocese, «era padre e deputado à Assembleia Nacional fascista».

O padre criticou o Governo Regional de Alberto João Jardim, adiantando que «a luta deles é contra o povo em geral».

O padre considerou um camião de lixo que foi colocado junto ao local onde falava como o «representante da Câmara Municipal do Machico».

«Houve pessoas que não vieram por medo» — salientou ainda.

O padre Martins Júnior considerou que a desocupação da sede ocupada há dez anos pela UBM explica-se «pela cega per-

seguição a tudo quanto escapa ao controlo do Governo Regional».

«A UBM era um contributo para que os bordados da Madeira não fossem lágrimas para as bordadeiras, mas sim fonte de trabalho e de riqueza» — disse.

«O acto administrativo é a arma de que usam e abusam os governos ditatoriais» — considerou ainda.

Referindo-se ao seu litígio com o bispo do Funchal, D. Teodoro de Faria, o padre Martins Júnior afirmou que «só faz guerras religiosas quem não tem religião».

Elementos da PSP com viseiras e capacetes permaneceram durante o comício em carrinhas estacionadas perto do local onde decorria o comício.

A energia é fonte de rendimento

Obrigações Petrogal 85

28,91%

com aplicação dos juros

A energia cria riqueza. Investindo em Obrigações PETROGAL/85, tem o melhor juro, nas melhores condições, com as maiores garantias.

- **Emissão:** 3 000 000 de Obrigações
- **Valor nominal:** 1 000\$00
- **Títulos de:** 5, 10 e 20 Obrigações
- **Rendimento:** 28,91% ao ano nas condições actuais (pressupondo capitalização com idêntico rendimento dos juros pagos semestralmente)
- **Vantagens Fiscais:** Isenção dos impostos de capitais e complementar
- **Subscrição:** de 4 a 8 de Março de 1985.

Informe-se e subscreva as Obrigações PETROGAL/85, nos balcões

das seguintes Instituições de Crédito Bancário:

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Banco Borges & Irmão
Banco Comercial dos Açores
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português de Investimento
Banco Totta & Açores
Caixa Económica do Funchal
Caixa Geral de Depósitos
Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, SARL
Crédit Franco-Portuguais
Crédito Predial Português
Eurofinanceira - Soc. de Investimentos, SARL
Lloyds Bank International, Ltd.
MDM - Sociedade de Investimentos, SARL
Manufacturers Hanover Trust Co.
Montepio Comercial e Industrial
Montepio Geral
União de Bancos Portugueses



PETROLEOS DE PORTUGAL, E.P.
A MAIOR EMPRESA DO PAÍS
EM VOLUME DE VENDAS

No qual se previa a presença do general Eanes

Ameaças de bomba na Portela em avião para Maputo

O voo do «DC-10» das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), de Lisboa para Maputo, sofreu um atraso de quase 48 horas devido a duas ameaças de bomba, segundo um fonte da LAM, a primeira ameaça deu-se sexta-feira à noite à hora habitual da partida do voo das LAM para Maputo. A mesma fonte disse que a ameaça foi feita por telefonema anónimo directamente para a torre de controlo do Aeroporto da Portela. A pessoa que fez a ameaça declarou que uma bomba tinha sido colocada no avião. Nesse voo, as LAM previam que um dos passageiros fosse o general Ramalho Eanes, que tinha marcada uma visita de carácter particular a Moçambique, para fins de Fevereiro, ou princípios de Março. A tripulação da cabine tinha inclusivamente

te várias prendas para oferecer ao general Eanes.

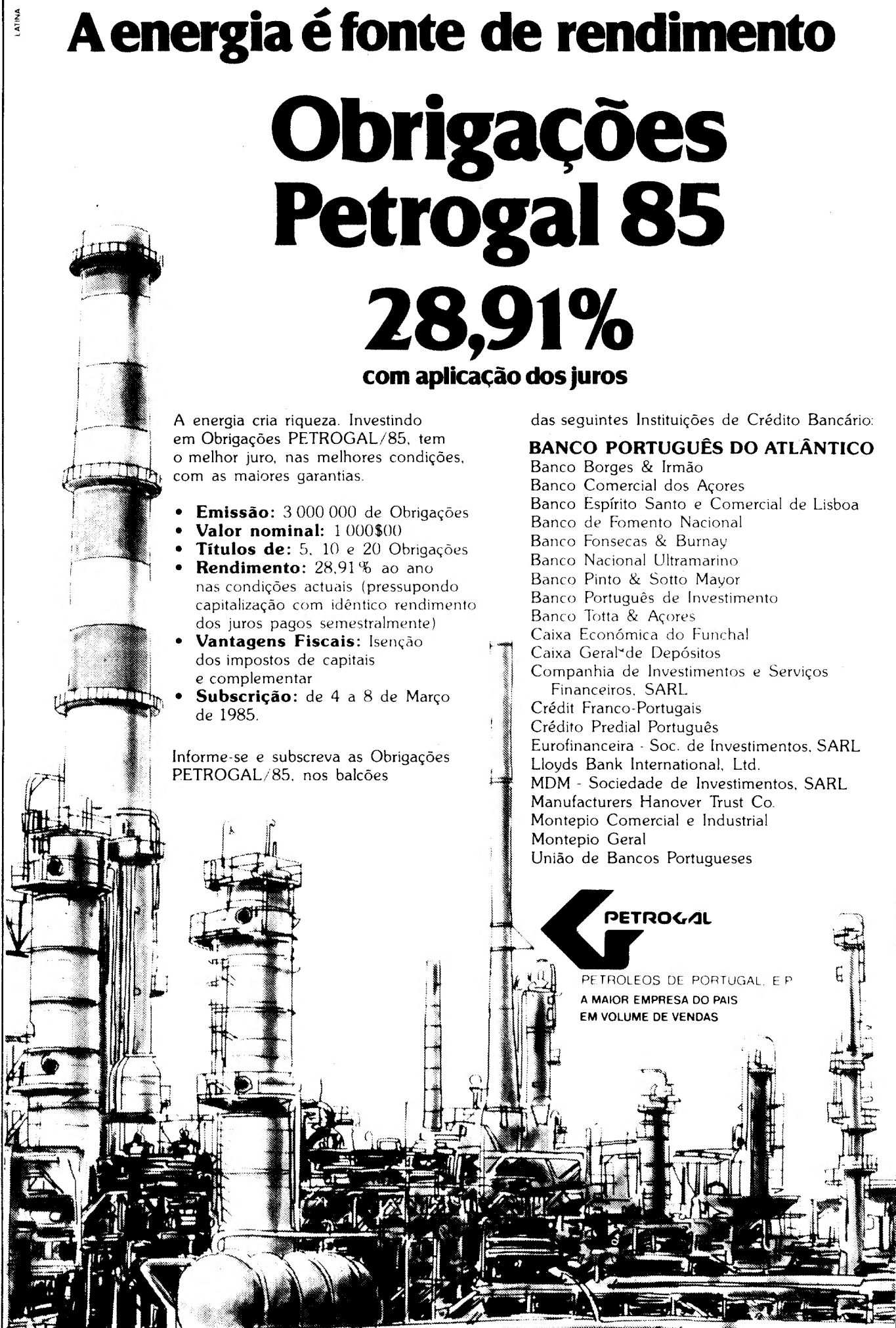
Dado o alerta, o avião teve que ficar estacionado na placa pelo menos 24 horas antes que as bagagens fossem descarregadas.

Já perto da meia-noite de sábado o «DC-10» das LAM levantou voo. Mas cerca de 20 minutos depois, a torre de controlo do aeroporto entrou em contacto com o comandante do avião, António Figueiredo, comunicando-lhe que tinha havido uma segunda ameaça de bomba e que o aparelho devia regressar a Lisboa. Esta segunda ameaça foi feita também por telefonema anónimo, mas para o PBX do aeroporto. O «DC-10» voltou à Portela, só tendo seguido para o Maputo, cerca das 14 horas de ontem.

Ataque de orca provocou naufrágio de iate inglês

Um casal inglês e os seus três filhos foram atacados por uma orca quando seguiam a bordo do iate «Misty Blue», fazendo o percurso Canárias-Caraíbas, depois de terem estado na marina do Funchal. O barco foi afundado

na sequência de estragos sofridos, tendo o navegador Ceter John e a sua esposa Frances Amtate, juntamente com os filhos, permanecido onze dias no salva-vidas que possuíam até serem salvos por um pesqueiro.



de ontem para hoje

Entrega de reserva
a agrário de Grândola

UMA reserva com uma área de 70 hectares, integrada na Cooperativa Agrícola «Nova Vida», de Grândola, acaba de ser concedida pelo Ministério da Agricultura ao agrário Luís Pereira Dias. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Setúbal, a demarcação da reserva ameaça desde já 25 trabalhadores de desemprego.

Mistério na morte de jovem em Portimão



Continuam ainda por definir as circunstâncias em que ocorreu a morte de Carlos Alberto Marques Correia, de 17 anos, cujo cadáver, tal como noticiamos, foi encontrado em Portimão, junto à Fábrica de Conservas S. José. Dado que a autópsia já efectuada não adiantou pormenores concisos sobre as causas da morte, o delegado de saúde local decidiu enviar as vísceras do jovem para análise ao Instituto de Medicina Legal, em Lisboa. Natural de Ovar, Carlos Alberto saiu da casa no sábado anterior, com 27 contos retirados aos seus progenitores. Na altura em que foi encontrado não tinha em seu poder um único tostão.

Ovelhas e cabras apreendidas no Sabugal

A GNR do Sabugal apreendeu, no lugar de Fonte dos Cavaleiros, 34 ovelhas e duas cabras de contrabando vindas de Espanha. Os animais foram entregues para abate no Matadouro do Sabugal, tendo o indivíduo que os transportava conseguido fugir sem ter sido identificado.

Novo quartel da PSP na Figueira da Foz

A Assembleia Municipal da Figueira da Foz aprovou o protocolo para a construção do novo quartel da PSP local. O texto do acordo, celebrado entre o Município e a corporação, prevê um conjunto de obras no valor aproximado de 15 mil contos a executar no antigo

quartel do CICA, onde ficará alojada a PSP. O documento afirma que compete à Câmara Municipal um investimento de 7600 contos, estando o restante a cargo do Comando-Geral da PSP, que se obriga a aumentar os seus efectivos de 67 para 101 unidades.

Artigos escolares recuperados pela Polícia

Uma mochila, uma bolsa, lápis de cor, uma tesoura, cola «cise» e uma gramática de Ensino Primário são alguns dos artigos, provenientes de furto, que se encontram à disposição dos seus proprietários na Secção de Justiça da PSP, na Rua Capelo, 13, em Lisboa.

Lisboa aqueceu a dezasseis graus

Lisboa foi ontem a capital europeia que registou a temperatura mais elevada com uma máxima de 16 graus centígrados e uma mínima de seis graus. Seguiu-se Roma com 15 graus de máxima mas com uma mínima de nove graus.

Entretanto, sete capitais de países europeus registaram temperaturas negativas, sendo Moscovo (com nove graus negativos) e Oslo (com menos sete graus) as que registaram mais baixas temperaturas.

Assaltou um café em Canidelo

A GNR deteve um indivíduo acusado de ter assaltado um café em Canidelo, de onde furtou dois aparelhos de rádio, tabaco e dinheiro, tudo no valor global de quarenta contos. José Ferreira da Silva deu entrada na cadeia de Custodias, depois de o juiz de Instrução Criminal de Vila Nova de Gaia ter confirmado a sua prisão.

Meteu-se numa máquina de lavar automóveis

Por motivos ainda desconhecidos, um garoto de oito anos meteu-se ontem de manhã numa máquina de lavagem automática de automóveis, na Rotunda do Aeroporto, em Lisboa. Filho de vendedores ambulantes, instalados na

Rotunda do Relógio, Renato Paulo Pedrosa Peralta Esteves foi retirado da máquina por empregados das instalações, mas teve de ser internado no Hospital de S. José com ferimentos graves nas pernas.

Parto em ambulância no Areeiro

Numa ambulância dos Bombeiros Voluntários de Cabo Ruivo nasceu ontem de manhã, no Areeiro, um bebé do sexo masculino. O parto ocorreu quando a mãe da criança, Maria de Fátima da Graça Marques Manteiga, residente nos Olivais, era conduzida para a Maternidade Alfredo da Costa.

Estrada de Piornos vedada pela neve

Uma forte queda de neve atingiu durante a tarde de ontem, a área do maciço central da serra da Estrela. Na cidade da Guarda caíram também al-

guns flocos de neve no mesmo período. Devido à neve, a estrada Piornos-Sabugueiro encontra-se vedada ao trânsito.

Celorico da Beira critica engenharia militar

O presidente da Câmara Municipal de Celorico da Beira, Faria de Almeida, lamentou que a engenharia militar não tenha colaborado na realização de obras no seu concelho. O autarca afirmou que o seu Município foi o primeiro a solicitar a colaboração daquele ramo militar que, no distrito da Guarda, realizou obras nos concelhos de Gouveia, Seia e Almeida.

Embora crescendo mais lentamente

Algarve deu mais 14% de processos à PJ

O número global de processos entrados nos departamentos da Polícia Judiciária do Algarve, sofreu em 1984, um acréscimo de 14 por cento o que representa uma diminuição do ritmo de crescimento em relação a anos anteriores.

Dados fornecidos por aquela Polícia referem, que, em 1983, se registou um aumento de cerca de 36 por cento no número de processos entrados que foram de 2.066 contra 1521 entrados no ano anterior.

Em 1984, aquele número foi de 2.363 o que na opinião da Polícia Judiciária representa, tendo em consideração a taxa de crescimento, um ano «aparentemente mais tranquilo» mas «ainda assim com alguns factos de particu-

lar gravidade».

A Polícia Judiciária considerou, a propósito, que, no respeitante ao tráfico de estupefacientes, «sabe-se que a costa algarvia próxima de uma área de produção de haxixe, é uma das zonas de predominante ingresso de droga proveniente do Norte de África».

Por outro lado, destaca, também, diversos assaltos a instituições de crédito à mão armada e o homicídio de dois soldados da Guarda Fiscal e de um turista inglês em Quarteira.

Em relação ao tráfico de droga, a Polícia Judiciária revelou a «captura de diversos indivíduos (alguns dos quais estrangeiros) implicados no negócio de haxixe e apreensão de várias dezenas

de quilos deste produto».

O director-geral da Polícia Judiciária afirmou, contudo, que a criminalidade no Algarve «não é preocupante» e que «pode e está a ser combatida».

Carlos Picoito acentuou que a criminalidade participada à Polícia Judiciária no Algarve, no ano de 1983 e primeiro semestre de 1984, representou apenas três por cento do total do país. O responsável da Polícia Judiciária prometeu que à semelhança do que se verificou em anos antecedentes, haverá na próxima época estival um reforço sazonal dos efectivos policiais no Algarve em coordenação com as outras forças de segurança.

Adiantou também que a especulação imobiliária e a fuga de di-

visas para o estrangeiro, na região, constituem dois tipos de criminalidade e que se inscrevem nas preocupações e na acção daquela Polícia.

O director-geral da Polícia Judiciária deslocou-se ao Algarve a fim de visitar as novas instalações da inspecção de Faro, que ocupam uma área de 470 metros quadrados e foram adquiridas por 13 mil contos.

Trata-se de instalações provisórias enquanto se procede à finalização do projecto de transformação do edifício onde futuramente funcionará em definitivo os serviços da Inspeção e um núcleo de coordenação dos departamentos da Polícia Judiciária do Algarve.

Contactados 2020 suspeitos

Operação da GNR mobilizou
seis mil homens e prendeu 52

A captura de 52 indivíduos e a detecção de mais 17 na posse de droga é o balanço da operação de combate à criminalidade desencadeada pela GNR, no sábado, à noite, a nível nacional.

Os seis mil homens envolvidos na operação, que decorreu entre as 22 horas de sábado e as 3 de domingo, fiscalizaram 1931 estabelecimentos de diversão nocturna e 2020 pessoas suspeitas.

A GNR revelou que a sua operação incidiu sobre 193 pontos do território previamente seleccionados, mobilizando todas as suas unidades com o objectivo de identificar suspeitos, capturar marginais, fiscalizar estabelecimentos e viaturas furtadas e com matrículas falsas.

O Comando-Geral da GNR revelou ainda que foram utilizados também 11 binómios homem-cão

das equipas antidroga.

No âmbito do trânsito a operação logrou a apreensão de 37 viaturas em situação ilegal e a detecção de 247 condutores com excesso de álcool.

Segundo o Comando-Geral da GNR vão continuar a verificar-se operações como a desencadeada na madrugada de hoje, ora mais viradas para o combate à criminalidade, ora para fiscalização do trânsito.

A Guarda revelou ainda que o ministro da Administração Interna se desloca esta manhã ao comando-geral da unidade para tomar conhecimento dos resultados da operação.

GF apreendeu
contrabando

A Guarda Fiscal informou, en-

tretanto, que apreendeu, na sexta-feira, à noite, na Estrada Nacional n.º 13 (local da Formiga-Valença), contrabando no valor global de 6000 contos.

Jogos, brinquedos, diversos estojos com instrumentos musicais, uma escada metálica de alumínio, conjuntos de louça para casa de banho e latas de tinta fazem parte da lista de material apreendido pelas forças do Batalhão n.º 3 da GF, com sede na cidade do Porto, no decurso de uma «operação stop».

O arguido e o competente auto de notícia foram presentes no Tribunal de Instrução Criminal da comarca de Valença, sendo entregues a mercadoria e o meio de transporte apreendidos na delegação aduaneira da mesma localidade.

Infanticídio
por negligência

A Polícia Judiciária de Coimbra prendeu uma jovem solteira, acusada do homicídio voluntário de uma criança recém-nascida — disse um informador da PJ.

A mesma fonte disse que a jovem, de 17 anos, estava sozinha no momento do parto e não deu, por inexperience e desespero, a devida assistência à criança, que acabou por morrer e ser abandonada num pinhal do concelho de Oliveira do Hospital.

O pai, de 18 anos, é também solteiro.

O processo foi enviado para o tribunal competente.

Director e três guardas feridos

Amotinação dominada
na cadeia de Aveiro

No sábado à tarde, e após o período de visitas, um grupo de reclusos amotinou-se na cadeia de Aveiro, procurando a fuga, mas acabou por ser dominado. O incidente ocorreu cerca das 15 e 30, quando alguns reclusos conseguiram inobiliar um dos guardas e lhe retiraram a pistola e as chaves.

Três guardas da cadeia e o próprio director do estabelecimento acorreram ao local atraídos pelo barulho dos disparos e

numa luta corpo a corpo conseguiram repor a normalidade, apesar de atingidos por alguns disparos.

Os elementos feridos são o director Antero Pires Morgado, de 32 anos e os guardas Joaquim Ferreira Arede, de 43 anos, Manuel Alexandrino de Jesus Ferreira, de 50 e Bernardino Pires Morgado, de 37. A cadeia de Aveiro, onde já se registaram algumas buscas, tem neste momento 87 reclusos.

Via televisão
no Funchal
e quase ficou
soterrado

José Carlos Gonçalves, de 58 anos, estava tranquilamente a ver televisão na sala de estar da sua casa de São Roque, arredores do Funchal, quando de repente lhe caiu um muro em cima.

A infiltração de águas das chuvas num terreno sobranceiro à sua casa motivou quinta-feira à noite o desabamento do muro de suporte e as pedras e lama rolaram de uma altura de sete metros até à cabeça de José Gonçalves, que teve de ser transportado para o Hospital de Cruz do Carvalho.

A vítima encontra-se ligeiramente ferida, mas — disse à NP — «se fosse um pouco mais tarde ninguém escapava».

Na altura do desabamento — explicou — encontravam-se noutra divisão o casal Carlos e Mariana Oliveira, o filho de ano e meio, e os sogros, que se preparavam também para ir ver televisão.

Carlos Oliveira disse ter sentido a casa a tremer, optando por fugir para a rua com o filho nos braços.

O sogro de José Gonçalves «por pouco não ficou soterrado entre pedregulhos e terra» — explicou à NP.

O dono da casa lamenta agora a destruição do mobiliário e de outros objectos, prejuízo avaliado em cerca de mil contos, numa altura em que se encontra de baixa por doença desde há três anos.

«Vai-se tentar reconstruir a casa, mas é preciso a ajuda do Governo» — disse Carlos Oliveira.

José Gonçalves teria sido o «culpado» de toda a situação, pois foi ele que construiu o muro há cerca de três anos, afastado da residência «para não criar humidade nas paredes».

bons melões



MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRS
E BALDES DE 5 KILOS.



José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 - Tel. 866754 863426
Rua de S. Mamede ao Caldas, 29 - LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 66 - Tel. 25375



HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
Serviço de Aquisições

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-0800/85

Fornecimento de «PRODUTOS PARA MÁQUINA DE REVELÇÃO AUTOMÁTICA DE PELÍCULAS DE RAIOS X»

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 26 de Março próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16, as respectivas condições.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1985

O CHEFE DO SERVIÇOS
Ilídio Luís de Sousa

Rendas a deduzir no Complementar...

Inquilinos Lisbonenses também querem “estado de emergência para a habitação”

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses propôs a declaração do “Estado de emergência para a habitação” face ao que considerou como “situação caótica vivida no sector” no Encontro que sobre Habitação promoveu em Lisboa. A AIL propôs ainda a revisão geral da legislação em vigor, através de uma lei do inquilinato.

Foi esta a mais importante das conclusões aprovadas pelos participantes na reunião da AIL, na qual a actual proposta de lei de aumento das rendas de casa (reflectindo uma «abordagem unilateral e distorcida», segundo a Associação) e o crédito à aquisição de casa própria constituíram temas de fundo. O primeiro, pelas «inevitáveis e muito graves rupturas sociais» que terá; o se-

gundo, abrangendo apenas oito por cento dos portugueses, porque «não pode ser encarado como solução dos problemas habitacionais».

No Encontro sobre a Habitação que a AIL promoveu em Lisboa, além daquelas duas situações foram também abordados a construção e recuperação do parque habitacional e as acções de despejo, vindo a Associação a defender a criação de um Plano Nacional de Habitação e a elaboração de um projecto de lei do inquilinato, envolvendo todas as organizações sociais e entidades ligadas à habitação, como as duas únicas medidas capazes de revitalizar o sector e evitar «rupturas sociais muito graves».

A reunião da AIL considerou ainda que a renda livre «não tem

razão de existir», devendo ser abolida, mesmo no actual sistema de mercado (porque não funciona o respectivo mecanismo regulador) e a promoção de acordos e negociações entre senhorios e inquilinos com vista à resolução de numerosos casos concretos de forma mais adequada que a lei geral, com eventual recurso à comissão arbitral e à dedução dos montantes das rendas pagas pelos arrendatários no imposto complementar.

Relativamente à construção e recuperação do parque habitacional o documento propõe a aplicação de uma «inadequada política solos que defenda e reforce o seu carácter público, evitando situações especulativas». A necessidade de conservação do parque habitacional existente

e sua recuperação foi peremptoriamente afirmada no Encontro, tendo em conta que é mais baixa — a conservação e recuperação que a nova construção.

A AIL defende também a municipalização dos solos urbanos — aspecto que a nova lei dos loteamentos urbanos deixou incompleto —, de modo a permitir a real intervenção das autarquias na promoção da habitação social e a adopção de uma categoria-tipo de habitação para todos os empreendimentos do sector público por ele apoiados.

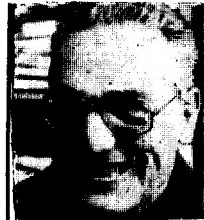
Do encontro sobre Habitação promovido pela Associação de Inquilinos Lisbonenses, no qual a actual proposta de lei de aumento das rendas de casa esteve particularmente em foco, saíram várias conclusões. Fize-

ram-se também ouvir várias acusações e algumas exigências. Uma delas, a dinamização da auto-construção, devidamente integrada e apoiada, como modalidade de grandes potencialidades e baixos custos. Uma outra: a recuperação da intervenção estatal na produção de habitação social, por não haver organismos vocacionados para o efeito.

A IL reclama ainda a revisão dos critérios de concessão de crédito para a aquisição de habitação própria permanente, valorizando prioritariamente os rendimentos dos potenciais compradores e não o valor do fogo, como agora acontece. E, também, a garantia do não agravamento dos encargos dos compradores por via da subida das taxas de juro.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



Confesso: sou um homem de muitos labirintos e dificilmente me emociono. Às vezes quero chorar, chego a beliscar-me, nada: as nódoas negras são tantas, lágrimas são nenhuma. Há quem diga de mim que sou um coração de pedra. N'm' ralo. Pilriteiros dá pilritos...

Outras vezes desato aos soluços por dá cá aquela palha. Quando era pequeno, chorei tanto com «o menino da Mata e o seu cão piloto» (naquele tempo é que escreviam histórias bonitas!) que até houve a ideia de se fazer uma barragem. E quando o João de Freitas Branco me levou à **Madame Butterfly** apanhou um tremendo susto, pois ia morrendo na inundação. Claro, não é muito frequente. A última vez em que me aconteceu coisa semelhante, foi há dias. Emocionei-me, mais: emulsionei-me, tanto e tão pouco que a família chegou a telefonar para o 115. Só não veio a ambulância porque em vez do 5 marcaram o 7, e no nosso país é assim: apenas por duas unidades perde-se o direito à assistência!!! Foi aquela cena do *Tejornal* em que se via o dr. Mário Soares a cumprimentar, condecorar e abraçar o atleta Fernando Mamede e este a dizer que ficava muito grato ao Governo por se lembrar dele nas horas de desgosto e de glória. Lindo, não é? Cenas assim nem no **Romeu e Julieta**.

Só um atleta consegue ser recebido pelo Primeiro-Ministro. Contam-se já em 1500 os trabalhadores que pediram audiência e que não só não foram recebidos como ainda foram presos e julgados em Tribunal de Polícia.

E a culpa é deles. É deles toda a culpa. Porque não correm, em vez de pararem diante da porta? Porque não são atletas em vez de trabalhadores desempregados?

Maratonistas em vez de sindicalistas? Ídolos, em vez de homens? O seu crime não é não terem salários: é não terem pernas. Não é não receberem subsídios: é não receberem medalhas. Não é terem fome: é não terem fama.

Claro que ao dr. Mário Soares não podem ser assacadas responsabilidades. Cabe aos trabalhadores mudar.

Proceder a uma urgente reciclagem. Corram, corram. Com o dr. Mário Soares logo verão que aparecem na TV. Gratos. Felizes.

Inaugurando museu com seu nome

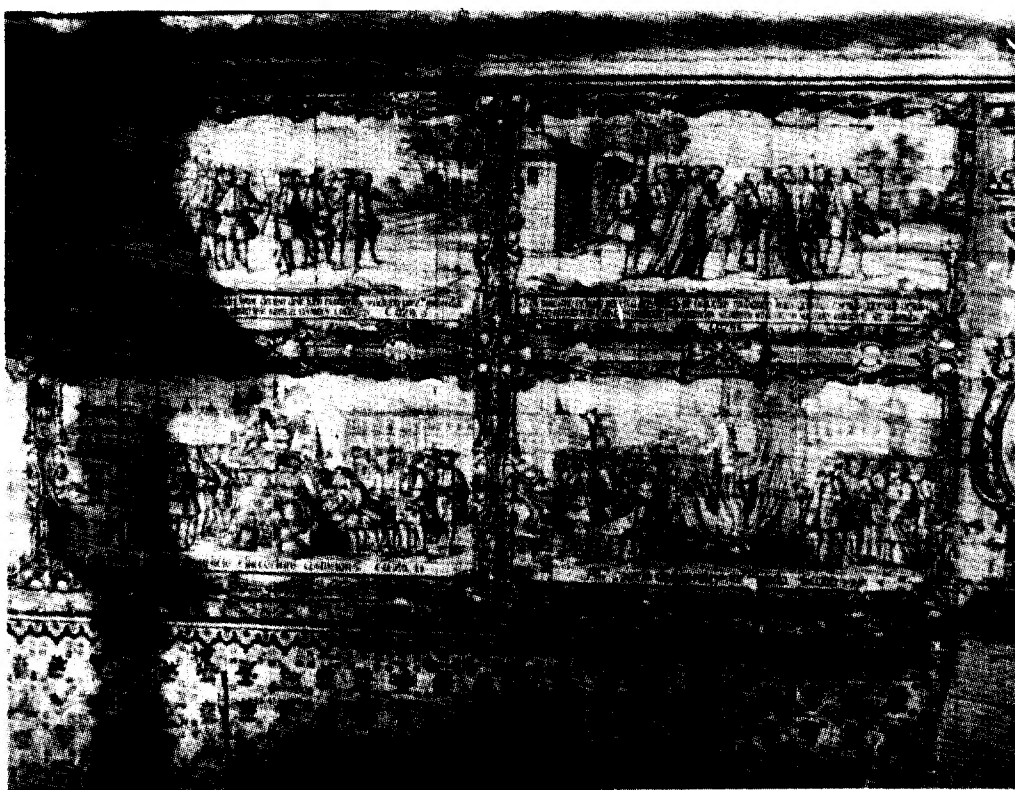
Alhandra homenageou Sousa Martins

O povo de Alhandra prestou ontem nova e expressiva homenagem a Sousa Martins, médico, pedagogo, farmacêutico e cientista que ali nasceu em 1843 e onde veio a falecer em 1897, inaugurando uma casa-museu com o seu nome. Ao acto associou-se o concelho e o próprio País, porque muitos foram os forasteiros que ontem afluíram a Alhandra para participarem no acto, iniciativa de uma Comissão Instaladora com o apoio da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal.

O presidente da CM de Vila Franca proferiu o discurso de fundo de circunstância, tendo assinalado ser «um dos actos de maior significado em que te-

nho a honra de participar em mais de oito anos de funções». Em nome da Comissão Instaladora (Júlio Graça, Diamantino Mangaz, Vitor Carvalho, António Primavera e Raul Pedro) falou o primeiro, que sublinhou não ter sido «por acidente ou por passagem que aqui se criaram figuras de relevo». O presidente da Junta (João Jaime Pires) referiu o acto como «marco fundamental na vida cultural desta terra».

Os alunos das escolas, as Associações e colectividades locais concentraram-se no Largo Moisés do Carmo e, ao som da banda de música local, desfilarão para o Museu Sousa Martins e pelas ruas da terra.



Há quem considere os azulejos do Senhor Roubado como a «primeira banda desenhada do nosso país». Os sócios do CNC foram ontem ver a degradação que o atinge...

Mais uma iniciativa do Centro Nacional de Cultura

Odivelas: um passeio de domingo

«Ide vê-las» ou «odi» mais «ve-las»? Como terá nascido o nome Odivelas? Esta uma das perguntas que uma boa parte dos noventa sócios do Centro Nacional de Cultura terão repetido, para sim mesmos ou em voz alta, durante um passeio ontem efectuado àquela freguesia do concelho de Loures. No local juntar-se-iam, a estes visitantes, mais cerca de três centenas de interessados.

A crer na primeira hipótese, o nome Odivelas teria surgido das preferências amorosas de D. Dinis, frequentador daquela região às portas da capital. D. Isabel teria esperado um dia, que ele passasse ao Lumiar e, acendendo archotes, exclamaria: «Ide vê-las».

Outra hipótese de trabalho é a decomposição da palavra: do árabe, «odi» ligaria ao curso de água; «velas», com latim pelo meio, sem referência aos inúmeros moinhos de vento.

Mas o que levou esta quase centena de visitantes a Odivelas

não seria, nem poderia ser, apenas o passado. O presidente da Junta faria um apelo à história dos nossos dias, lembrando nomeadamente que Odivelas passou de 3174 habitantes, em 1930, para cerca de 130 mil, actualmente.

O autarca aproveitaria, ainda, a oportunidade, para lembrar que a sua freguesia é, tradicionalmente, alvo de grandes apetiências no que se refere à propriedade fundiária. Daí resultou um dos principais problemas actuais: a grande especulação dos solos e a ocupação desordenada do território.

Os «clandestinos» surgem, desse modo, como uma das grandes implicações sobre a vida local. As cheias de 19 de Novembro de 83 aí estão a testemunhar estas dificuldades.

A manhã de domingo seria, de seguida, consagrada a alguns dos sinais do passado, ainda observáveis. Por quanto tempo? — eis uma outra interrogação que terá sido feita por muitos dos

participantes, nesta iniciativa do Centro Nacional de Cultura.

A pergunta era claramente oportuna quando os visitantes se confrontaram com o estado de degradação que o monumento do Senhor Roubado atingiu. O painel de azulejos, que para alguns poderia ser considerada a «primeira banda desenhada do nosso país», aí está a testemunhar a indiferença dos nossos dias. Quebrada, agora, ao que foi anunciado, por diligência junto dos «monumentos nacionais» para que intervenham e evitem o pior.

Por fim, uma referência ao Mosteiro de Odivelas, edificado na sequência de um voto de D. Dinis, que fora atacado por um urso, numa caçada perto de Beja. Tendo conseguido salvar-se, o rei cumpriu o prometido e mandou erigir o Mosteiro, destinado a albergar as freiras bernardas, da Ordem de Cister. D. Dinis, acabaria por ficar sepultado em Odivelas.

Bombeiros do Porto e Ourém vão a concurso na Áustria

Três equipas de bombeiros foram apuradas no Estádio Universitário de Coimbra, para participarem no concurso internacional de manobras a realizar em Julho, na Áustria.

Em profissionais, saiu vencedora a equipa do Batalhão dos Sapadores do Porto e, em voluntários, a de Vila Nova de Ourém.

Em cadetes, a vitória coube aos voluntários de Rebordosa.

As provas compreendiam exercícios de montagem de uma moto bomba e estafetas, e nelas participaram 130 homens em representação de dez corporações de bombeiros.

Jaime Soares, comandante dos Voluntários de Vila Nova de Poiares e elemento da Comissão Nacional de Desporto e Manobras da Liga de Bombeiros Por-

tugueses, disse à NP que estas provas «proporcionam uma maior preparação física e aquisição de conhecimentos».

O presidente da Comissão Nacional, Ismael Baltasar, referiu que as eliminatórias «dão uma boa preparação no que respeita a aspectos técnicos e atléticos», para além da jornada de confraternização entre todos os bombeiros.

Ismael Baltasar salientou que o facto de se ir competir internacionalmente «é motivo de alegria dos participantes e é também um prémio para quem trabalha diariamente».

As competições internacionais de bombeiros foram consideradas por Ismael Baltasar como «jogos olímpicos dos soldados da paz».

Duas toneladas de laranjas para exposição em Berlim

Duas toneladas de laranjas algarvias começaram, no sábado, a ser distribuídas na Bolsa Internacional de Turismo, de Berlim.

A iniciativa, que se prolonga até ao dia 8, pertence à Região de Turismo do Algarve, que assim pretende, numa acção conjugada, divulgar os valores turísticos do Algarve e as suas principais potencialidades económicas.

Do total de laranjas enviadas para aquele certame — a maior

manifestação turística à escala mundial mil quilogramas, acondicionados em sugestivas embalagens de promoção turística da região, serão oferecidas aos primeiros mil visitantes do Pavilhão de Portugal.

A Bolsa Internacional de Turismo (ITB), de Berlim, congrega um total de 1800 expositores de todo o Mundo.

A representação algarvia é composta por elementos dos diversos sectores turístico-hoteleiros.

Thatcher clama vitória

Mineiros britânicos põem fim à greve

O líder do Sindicato Britânico dos Mineiros cuja greve terminou ontem Arthur Scargill, disse ontem aos jornalistas que a batalha tinha sido perdida mas que a luta ia continuar.

Num comentário à decisão do seu sindicato de suspender a greve nas minas de carvão iniciada há 51 semanas, Scargill declarou: «Decidimos por estreita maioria regressar ao trabalho na terça-feira sem um acordo... mas poderão estar certos de que o sindicato continuará a lutar contra o encerramento de minas». Scargill disse também que depois do regresso ao trabalho o seu sindicato iria pedir à Junta Britânica do Carvão para conceder uma amnistia aos cerca de 700 mineiros que foram despedidos por actos de violência nos piquetes de greve.

O presidente da junta, Ian Macgregor, afirmou que o fim da greve permitirá aquele organismo estatal «concentrar-se na tarefa crucial de assegurar o sucesso futuro da indústria» britânica do carvão.

O colapso da greve é considerado como uma vitória para a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, e acreditam os observadores políticos que isso vá reforçar a sua imagem de forte opositora do movimento sindical.

Economistas independentes calculam os custos da greve em 3000 milhões de libras (perto de 600 milhões de contos), mas outras estimativas elevam esses prejuízos para 5,2 mil milhões de libras, sem se tomar em conta o impacto da queda do esterilino nos mercados de câmbios e no crescimento da economia britânica.

A decisão dos delegados foi anunciada pelo próprio presidente do NUM, Arthur Scargill, marcando o termo da greve mais longa na história da indústria britânica.

Segundo a entidade patronal, a Junta Nacional do Carvão (estatizada), mais de metade dos 186.000 mineiros britânicos teriam já regressado ao trabalho, e o sindicato preferiu pôr fim à greve a ver o movimento de protesto desintegrar-se lentamente.

Scargill criticou severamente o

movimento sindical britânico por não ter constituído uma frente única com os mineiros: o movimento sindical, salvo notáveis excepções, deixou este sindicato isolado», disse.

Scargill não divulgou os resultados exactos da votação dos delegados do NUM, limitando-se a declarar que a vantagem dos que favoreceram o regresso ao trabalho foi a mais estreita possível.

Delegados do Yorkshire, a região onde existem mais minas com 50 000 trabalhadores, exigiu a continuação da greve até a reintegração dos 700 mineiros despedidos, várias federações devem ter apoiado esta exigência para tornar tão apertado o resultado da votação.

A moção a favor do regresso fora apresentada pela delegação de Gales do Sul, a terceira mais importante e tão militante como o Yorkshire, mas cujos dirigentes consideravam o regresso ao trabalho como a única maneira de impedir a desintegração do Sindicato.

Até no Yorkshire, berço da greve e terra natal de Scargill, graves dissensões internas foram reveladas no sábado quando a federação local votou a favor da continuação da greve por apenas 561 votos contra 557.

O voto de ontem foi precedido em Londres por cenas de violência, quando delegados a favor do regresso ao trabalho foram acolhidos na sede do movimento sindical britânico por mineiros militantes enfurecidos.

A polícia teve de intervir para proteger os delegados da fúria de centenas de militantes, que gritavam Traidores e Não à Capitulação.

O Governo contribuiu ao enfraquecimento do protesto ao declarar fundas as negociações com o NUM, no mês passado, após o fracasso de uma derradeira tentativa de conciliação do Congresso dos Sindicatos Britânicos (TUC).

Milhares de mineiros regressaram assim às minas, perante a impossibilidade de uma solução negociada, e levaram os dirigentes sindicais em todo o país a advogar um regresso unido e or-

deiro ao trabalho.

Fontes sindicais admitiram que a derrota dos mineiros deverá provocar agora graves dissensões no seio de todo o movimento sindical britânico.

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher expressou o alívio imenso pelo epílogo da greve dos mineiros ontem decidido em Londres após quase um ano de duração, e considerou-o uma vitória para o senso comum.

Esta foi a mais violenta greve na história britânica.

Esta é uma vitória para o senso comum, e para aqueles que permaneceram ao trabalho, disse a senhora Thatcher, expressando um alívio imenso «pelo fim da greve».

Tivemos de nos impôr contra a intimidação. Não podemos nunca ceder à chantagem ou ceder numa greve que faz exigências impossíveis.

A Grã-Bretanha assistiu durante quase um ano às batalhas campais entre piquetes enfurecidos e a Polícia, que tentava proteger os mineiros desejosos de trabalhar.

Os críticos de Scargill acusam-no de ter procurado desde a sua eleição à presidência do NUM derrubar por todos os meios o governo conservador de Margaret Thatcher.

Mas o país também se dividiu em críticos da primeira-ministra, acusada de ter provocado deliberadamente o confronto com os mineiros ao nomear na da Junta do Carvão o banqueiro norte-americano, Ian McGregor, que já tinha despedido metade dos trabalhadores da metalurgia.

Até os bispos britânicos criticaram o governo pela sua inflexibilidade frente às exigências dos mineiros, e a rainha Isabel II teria repetidamente manifestado a Thatcher a sua «profunda preocupação» pelas consequências sociais da greve.

A primeira vítima do fracasso da greve poderá ser agora o próprio Scargill, que se tornou no espaço de um ano simultaneamente o homem mais admirado e odiado do país, e que aparece de mãos vazias, perante os mineiros, 356 dias após lhe ter prometido uma «vitória histórica».

Rei de Marrocos reafirma soberania sobre o Sará

O rei Hassan de Marrocos afirmou ontem que a soberania do Sara Ocidental não é negociável embora Marrocos continue a manter conversações com a Argélia.

Hassan II, em discurso comemorativo dos 24 anos da sua ascensão ao trono de Marrocos, acrescentou que «a soberania não será nunca objecto de negociações e muito menos de concessões».

«A nossa soberania é uma e indivisível de Tanger a Lagera», afirmou o monarca, referindo-se a esta última localidade ao sul do Sara Ocidental, actualmente em poder da Mauritânia.

Hassan II que voltou a manifestar todo o apoio ao tratado de

união com a Líbia não deu qualquer explicação para a anulação de uma grande manifestação nacional prevista para ontem na cidade sariana de Al Aliun, no âmbito dos festejos do aniversário da sua coroação.

Sobre os contactos com a Argélia para a resolução do problema do Sara, anunciados na passada semana pelo presidente argelino Chadli Beydid, o monarca marroquino confirmou a «existência de contactos secretos entre os dois países» e justificou-os pela necessidade da «imperiosa necessidade de não ignorar os vizinhos».

Como possibilidades de saída do conflito que opõe Marrocos a Frente Polisário, Hassan II admi-

tiu a realização de um referendo, a autonomia ou a integração do território numa confederação similar à da antiga monarquia austro-húngara.

No seu discurso o monarca marroquino manifestou a esperança de o seu país, vir a ser integrado na CEE, defendendo a proximidade geográfica da comunidade e que «Marrocos é muito mais europeu que a Grécia».

Para Hassan II, Marrocos está em condições de ingressar na comunidade europeia até porque «escolheu um sistema de governo democrático parlamentar e liberal similar ao das democracias europeias».

Reféns franceses libertados na Etiópia

Rebeldes etíopes libertaram hoje cinco tripulantes e quatro médicos de um avião francês que sequestraram domingo na cidade de Lalibela, anunciaram diplomatas franceses em Adis Abeba.

Os diplomatas acrescentaram

que a tripulação do Transall da Força Aérea francesa regressou hoje à capital etíope enquanto a equipa médica, dois franceses e dois belgas, ficaram naquela cidade da província de Wollo, continuando o seu trabalho de auxílio às vítimas da fome.

Os aviadores e aqueles elementos da organização Médicos sem Fronteiras terão sido sequestrados provavelmente por rebeldes da Frente de Libertação Popular do Tigre, de acordo com as mesmas fontes.

Violento sismo no Chile — 89 mortos e milhares de feridos

Oitenta e nove mortos e milhares de feridos é o balanço provisório de um sismo de forte intensidade que assolou ontem a região central do Chile — anunciou hoje o presidente Augusto Pinochet.

O líder chileno falou numa reunião de emergência do governo, a qual assistiram jornalistas, depois de ter encurtado uma visita a Punta Arenas, no Sul do país.

Depois desta reunião, o Ministério do Interior espera divulgar um comunicado sobre a situação.

Informações da Polícia indicam que 53 pessoas teriam morrido só na capital, Santiago do Chile.

Casas velhas ruíram e edifícios altos oscilaram quando este tremor de terra, que atingiu o grau 7,4 na escala de Richter, se fez sentir durante quatro minutos

aterrizando a população chilena.

Santiago do Chile, uma cidade de 4,4 milhões de habitantes, ficou sem electricidade, aumentando o pânico de centenas de milhares de pessoas que fugiram das suas casas.

Durante várias horas, a terra continuou a tremer em cada dez ou 15 minutos, partindo vidros de janelas e espalhando estilhaços pelas ruas.

Milhares de famílias dormiram na rua durante a noite em vez de regressarem aos seus lares.

Ambulâncias percorrem com dificuldade as ruas cheias de postes caídos. Incêndios deflagram em várias zonas da capital. Milhares de carros que se encontravam nas ruas na altura do sis-

mo colidiram quando os sinais de trânsito deixaram de funcionar.

Camións cheios de soldados patrulham as ruas de Santiago do Chile para impedir roubos.

O sismo assolou os Andes na altura de celebrações religiosas. Pelo menos oito fiéis morreram esmagados quando duas igrejas em San Bernardo ruíram, próximo de Santiago e Valparaíso. Outras quatro estarão ainda soterradas.

Quatro pessoas morreram num cinema suburbano e um polícia pereceu quando pedras da Câmara Municipal caíram sobre o veículo em que seguia.

No aeroporto internacional de Santiago, o telhado ruuiu parcialmente. Os voos foram cancelados.

Conversações em Moscovo

Visita-surpresa de Gensche confirma Ostpolitik de Bon

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, iniciou hoje conversações em Moscovo com o seu homólogo soviético, Andrei Gromiko.

Genscher chegou à capital soviética no domingo à noite, uma semana antes de começarem em Genebra negociações sobre armas nucleares e espaciais entre os Estados Unidos e a URSS.

Diplomatas ocidentais indicaram que Genscher deverá sublinhar o desejo da RFA de que as superpotências registem progressos para a redução das armas nucleares, particularmente as estacionadas na Europa.

Genscher deverá ainda dizer a Gromiko que os Estados europeus podem desempenhar um papel importante para minorar as tensões Leste-Oeste e que uma

campanha soviética em curso contra a Alemanha Federal não melhora a atmosfera.

A inesperada decisão do ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros de visitar esta semana a URSS e a Polónia visa demonstrar que a «Ostpolitik» continua a ser o fundamento da política externa de Bona.

O Ministério alemão-federal dos Negócios Estrangeiros anunciou sábado, para surpresa dos observadores, que Hans Dietrich Genscher, antes de acompanhar o presidente alemão-federal, Richard von Weizsäcker, na visita oficial à Finlândia, amanhã se ia avistar hoje em Moscovo com o seu homólogo soviético, Andrei Gromiko.

Depois de Helsínquia e antes de seguir para a sua programada visita oficial à Bulgária, o chefe da

diplomacia de Bona fará uma curta escala em Varsóvia, quarta-feira, para se avistar com o general Jaruzelski e com o seu homólogo polaco, Stefan Olsowski.

Oficialmente, as duas visitas extra programa foram justificadas em Bona com a necessidade de ser aprofundado o diálogo bilateral e fazer o ponto da situação das relações Este-Oeste, uma semana antes do início em Genebra das conversações americano-soviéticas sobre desarmamento nuclear.

Com a visita a Moscovo e a Polónia, pensam os observadores em Bona, Genscher deseja fundamentalmente reafirmar demonstrativamente o apoio de Bona à política de desanuviamento e aproximação com o Leste, numa altura em que ela é abertamente criticada por círculos

Bangla Desh

Reforçada a lei marcial

O presidente do Bangladesh, Hossain Muhammad Ershad, anunciou a realização de um referendo no próximo dia 21, sobre se deve ou não continuar na presidência, ao mesmo tempo que reforçou a lei marcial.

Em discurso transmitido sexta-feira à noite pela rádio e televisão, Ershad, que assumiu o poder num golpe de Estado a 24 de Março de 1982, disse que as cláusulas da lei marcial iam ser estritamente aplicadas.

Ershad anunciou a imposição de um recolher obrigatório entre a meia-noite e às 5.00h na capital, a criação de novo de cargos ligados à aplicação da lei marcial e a reentrada em funcionamento

de tribunais sumários e especiais.

Os tribunais da lei marcial tinham sido suspensos há um mês para satisfazer as exigências da oposição política que se preparava para concorrer às eleições de 6 de Abril. Estas foram entretanto adiadas por tempo indefinido.

Ershad, que o mês passado se nomeou presidente, disse que, no referendo de 21 de Março, os eleitores serão chamados a apoiar ou rejeitar a sua política e os seus programas e a decidir se ele deve ou não continuar como presidente até à realização de eleições.

Enquanto Ershad falava ao país, unidades do exército ocu-

param posições no centro da capital, Dacca.

Antes, o governo tinha encerrado todas as universidades e pedido aos estudantes que abandonassem os dormitórios, depois de o assassinio de vários dirigentes estudantis ter causado agitação em diversos centros universitários.

O presidente da associação de estudantes da Universidade de Dacca, Akheeruz Zaman, foi ontem preso pela polícia do Bangladesh.

Além disso, a polícia do Bangladesh cercou ontem a casa dos dirigentes oposicionistas Begun Khaleda Zia e Hasina Wazed, impedindo os próprios familiares de se aproximarem do local.

Onda de xenofobia na RFA provoca inquietações

A questão da xenofobia na Alemanha Federal, país com 60 milhões de habitantes e 4,3 milhões de estrangeiros para além de preocupar o governo e a oposição, está a provocar uma sólida solidariedade entre os não-alemaes.

Enquanto os sectores mais conservadores da sociedade alemã e, de forma crescente, importantes sectores da juventude reclamam velada ou abertamente o regresso dos trabalhadores estrangeiros aos seus países, círculos eclesásticos e civis afirmam que opais deve assumir a responsabilidade que lhe cabe por, nos anos 1950 a 1960, ter

promovido a vinda de estrangeiros para a RFA.

Com efeito, nos princípios do «milagre económico alemão», o país ofereceu uma série de facilidades a cidadãos estrangeiros para virem residir para a RFA e contribuir para o desenvolvimento nacional.

Embora os estrangeiros — provenientes, na sua maioria, da Itália, Turquia e Grécia — viessem para a RFA para ocupar os trabalhos menos qualificados, a imigração adquiriu grandes dimensões, pois a campanha levada a cabo pela Alemanha Federal prometia-lhes um nível de vida superior ao que tinham nos seus paí-

ses.

Todavia, os mesmos que nos anos de 1960 eram recebidos com júbilo são hoje vítimas duma «necessária racionalização do problema do mercado de trabalho».

A população turca na Alemanha Federal, que se eleva a cerca de 2,2 milhões de pessoas, representa o maior grupo étnico estrangeiro neste país, o que levou altos funcionários do Ministério do Interior da Alemanha a classificar a situação «mais que um problema estrangeiro, um problema turco».

Governo angolano desmente UNITA

O sismo que ontem à noite atingiu o Chile teve o seu epicentro 40 quilómetros ao largo da cidade de Cartagena, informaram as autoridades.

O tremor de terra durou mais de três minutos e teve uma magnitude de 7,4 graus na escala de Richter.

Na capital chilena o sismo atingiu uma intensidade de sete a oito graus na escala de Mercalli, de 12 pontos, enquanto em Valparaíso e em Vina Del Mar teve uma intensidade de nove graus.

Mais de 50 réplicas foram registadas em Santiago e noutras cidades chilenas, mas a intensidade desses abalos não ultrapassou os três graus na escala de Mercalli.

A UNITA reclamou no domingo em Lisboa o derrube de um Boeing 737 dos Transportes Aéreos Angolanos e a morte de todos os seus ocupantes, ocorrido no passado dia 27 de Fevereiro em Lubango.

O derrube aconteceu quando o avião se preparava para decolar do Aeroporto de Lubango com destino a Luanda.

O comunicado da UNITA, assinado pelo Chefe do Estado-Maior das FALA (Exército da UNITA), Joaquim Chadodava, refere que o Boeing 737 transportava altos membros do Departamento de Segurança do Estado, oficiais das FAPLA, do Comando da 5.ª Região Militar, e outras individualidades do governo angolano.

Segundo o texto distribuído pela UNITA, o Boeing angolano possuía a matrícula BT-BT e despenhou-se quando foi alvejado tendo morrido todos os seus ocupantes.

O comunicado da UNITA, de dois parágrafos, nada mais acrescenta.

Governo Angola desmente

O Governo angolano desmentiu hoje o derrube de um avião «Boeing» em Lugango, no sul do país, que a UNITA hoje reivindicou em Lisboa.

Encontro Ortega-Shultz foi diálogo de surdos

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, reuniu-se no sábado, durante uma hora com o presidente nicaraguense, Daniel Ortega, mas ambos os lados disseram que as conversações não conseguiram reduzir as enormes divergências entre Manágua e Washington.

Numa conferência de imprensa dada 8 horas e meia depois das conversações, Ortega desafiou os cálculos norte-americanos, segundo os quais cerca de 10 000 conselheiros cubanos, incluindo 3500 conselheiros militares mais os voluntários nos sectores da saúde e educação estavam na Nicarágua.

«Os serviços secretos norte-americanos sabem muito bem — têm de saber perfeitamente bem — que no nosso país permanece apenas algumas centenas de conselheiros, não mais de 800», disse Ortega. O que acontece é que os norte-americanos acrescentaram um zero a 800, conseguindo assim os 8000 (conselheiros).

«Quisemos ir para a frente com a retirada imediata e completa dos conselheiros e instrutores militares da região da América Central, mas o governo dos Estados Unidos fez-se surdo a estas propostas», disse.

Ortega afirmou ter reiterado junto de Shultz a sua promessa

de parar com as importações de novos sistemas de armamentos e de enviar 100 conselheiros cubanos para casa, mas disse que Shultz recebeu friamente a sua proposta para reiniciar conversações destinadas a terminar com a luta entre as forças sandinistas e os rebeldes apoiados pelos norte-americanos.

No entanto, o jornal «The Washington Post» afirma que após o encontro em Montevideo entre o presidente nicaraguense, Daniel Ortega e o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, se verifica uma ligeira mudança de atitude da administração Reagan face a Manágua.

O «Washington Post» faz esta afirmação apesar de tanto Ortega como Shultz terem afirmado que o encontro não deu grandes resultados.

Para o diário norte-americano, o cepticismo de Shultz aos recentes gestos de boa vontade por parte de Manágua pode camuflar a posição de que «se os Estados Unidos mantiveram as pressões, os sandinistas possivelmente farão novas concessões».

O jornal acrescenta que Shultz «tem de saber também que existem limites para as novas pressões que os Estados Unidos estão a desenvolver».

Apoio militar às Honduras

Os chefes de Estado-Maior Conjunto e do Comando Sul dos Estados Unidos, generais John Vessey e Paul Gorman, reuniram-se ontem com o presidente das Honduras.

As Honduras e os EUA deverão firmar tratados militares e económicos que substituam os actualmente em vigor, que datam de 1954.

Pela parte hondurenha, participam também na reunião o Chefe das Forças Armadas, general Walter Lopez Reyes, e altos responsáveis militares.

O ministro dos Negócios Estrangeiros das Honduras declarou recentemente que as negociações vão por bom caminho mas não estão ainda concluídas porque os assuntos em discussão são muito complexos.

Será debatida a manutenção do centro de treino militar e de segurança (CREMS), situado na Costa Atlântica e financiado pelos EUA o qual foi encerrado pelo governo das Honduras no final de 1984.

Entre 1982 e 1984, militares dos Estados Unidos treinaram no CREMS cerca de 3600 soldados de El Salvador e 1800 das Honduras.

As Honduras solicitaram aos EUA para os próximos quatro anos três mil milhões de dólares, para além de apoio à modernização do seu Exército.

Entre 8 e 11 de Abril próximo, os Estados Unidos e as Honduras vão efectuar exercícios militares conjuntos com infantaria, blindados, aviação e forças navais.

No âmbito daquelas manobras, as forças conjuntas deslocam dois regimentos de blindados até 60 quilómetros da fronteira com a Nicarágua.

Entretanto, o governo da Costa Rica proibiu sábado uma conferência de Imprensa de grupos anti-sandinistas por considerar que a sua realização atentava contra a neutralidade do país face ao problema da Nicarágua.

A conferência de Imprensa estava prevista para as 15H50 locais (21H00 de Lisboa) e visava divulgar um documento dos grupos armados que se opõem ao governo de Manágua.

El Salvador

O arcebispo de São Salvador, Arturo Rivera y Damas disse ontem em São Salvador que morreram 86 pessoas na semana passada devido à violência política.

O prelado salvadorense revelou que oito civis foram assassinados pelos Esquadrões da Morte, de direita.

El Salvador tem sido palco de violência política, ligada segundo a Igreja às eleições para o governo local, previstas para 31 de Março.

Zimbabwe

Incidentes graves em Bulawayo

Forças de segurança do Zimbabwe levantaram ontem à noite o cerco aos subúrbios pobres de Bulawayo, predominantemente habitados por negros, 36 horas depois de ter sido desencadeado, revelaram fontes oficiais em Harare.

Testemunhas oculares disseram que as barreiras rodoviárias em todos os pontos de entrada e saída da área densamente povoada tinham sido desmanteladas ao anoitecer e que o tráfego regressara à normalidade.

A operação militar paralysa quase por completo a cidade.

O líder da oposição Joshua N'Komo criticou ontem numa conferência de Imprensa as operações militares em Bulawayo afirmando tratar-se de uma acrobacia eleitoral destinada a pressionar as pessoas a votar no governo.

Mais de 4000 soldados zimbabueanos tinham cercado ontem a cidade de Bulawayo e lançado uma operação de segurança, obrigando ao cancelamento dos serviços fúnebres de seis elementos de um partido da oposição mortos em recontros.

O centro da cidade e os bairros negros circundantes foram cercados antes do nascer do dia e a população aconselhada a manter-se em casa.

O funeral dos seis elementos do partido minoritário Conselho Nacional Africano Unido (UANC) mortos no domingo em recontros interpartidários foi cancelado.

Dois homens, que se julga serem apoiantes do partido do primeiro-ministro Robert Mugabe, a União Nacional Africana do Zimbabwe — Frente Patriótica (ZanU-PF), foram detidos por envolvimento nos assassinatos.

Mercados só para mulheres

Dois mercados «apenas para mulheres», foram criados e delimitados na capital da Arábia Saudita, tendo as autoridades advertido ontem os homens de todas as idades de que a sua entrada nesses recintos «é estritamente proibida».

As autoridades avisaram todos os indivíduos do sexo masculino para se manterem afastados de duas áreas: uma que se estende pela Rua de Dharan e outra no distrito de Al-rabwa, próximo do parque infantil.

Os maridos têm assim a garantia de que as suas mulheres «estão a salvo» nestes recintos onde todas as operações co-

merciais são efectuadas por mulheres.

O regime Teocrático da Arábia Saudita tinha já introduzido os bancos «penas para elas», ao mesmo tempo que a rádio estatal emitia apelos aos sauditas para rejeitarem «as ideias decadentes» que encorajam as mulheres a prescindirem do uso dos tradicionais véus.

«O véu é a melhor protecção da mulher contra as tentações», disse recentemente um comentador num programa da rádio saudita.

«Sem o véu, a mulher é vulnerável à voracidade humana, porque a sua face é a alavanca do desejo», acrescentou.

Na NAZARE o **Diário de Lisboa**

vende-se na TABACARIA BATISTA



ROUSSADO PINTO

FALECEU

A ADMINISTRAÇÃO DA PORTUGAL PRESS — participa o falecimento do seu querido Colaborador e Director do «JORNAL DO INCRÍVEL», e que, o funeral se realiza amanhã às 10 horas, da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério de Benfica.

AGÊNCIA BARATA



ROUSSADO PINTO

FALECEU

OS TRABALHADORES DA PORTUGAL PRESS, participam o falecimento do seu querido Colega de trabalho e Director do «JORNAL DO INCRÍVEL», e que, o funeral se realiza amanhã às 10 horas, da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério de Benfica.

AGÊNCIA BARATA



JOSÉ AUGUSTO ROUSSADO PINTO

FALECEU

Maria Antonieta Roussado Pinto, Zaida Roussado Pinto, Luís Roussado Pinto, Humberto Roussado Pinto e mais família, participam o falecimento do seu marido, pai, avô e parente e que o funeral, antecedido de Missa de corpo presente se realiza, amanhã, às 10 horas da Igreja de S. João de Deus, para o Cemitério de Benfica.

AGÊNCIA BARATA

Mercado de carne regularizado à custa das importações

A Junta Nacional de Produtos Pecuários está a importar carne de suíno e bovino com o objectivo de regularizar o mercado, informou o presidente do Conselho de Administração, Fernando Paisana.

«Desde o início do ano que se tem verificado um aumento dos preços da carne devido à diminuição da oferta pelo que a junta está a desencadear um processo de importação até à regularização do mercado» — disse Paisana à NP.

Até ao final de Março, a JNPP vai importar 1 000 toneladas de carne congelada de bovino para a indústria e mais 500 mil para consumo, pois a carência deste produto tem-se verificado desde há cerca de um mês e meio.

Quando à carne de porco, a escassez da oferta tem-se verificado desde há dois meses e meio pelo que a junta está a importar 4000 toneladas deste tipo de carne principalmente destinada à indústria.

A carne de porco vem da República Democrática Alemã e da Suécia enquanto que a de bovino é importada da República Federal Alemã e Polónia.

Indústria de moldes exportou seis milhões de contos

As exportações da indústria portuguesa de moldes atingiram em 1984 seis milhões de contos, disse um elemento da Comissão Organizadora do segundo Congresso do sector, que realiza de 29 a 31, na Marinha Grande.

Vitor Beltrão acrescentou que o esforço desenvolvido pelos industriais de moldes «não merecia a ingratidão dos governantes», pois — disse — «trata-se de um dos poucos sectores de que Portugal se pode orgulhar de ocupar lugar cimeiro a nível internacional».

Com um valor acrescentado de cerca de 70 por cento e servidas por uma tecnologia cem por cento nacional, as empresas do sector debateram-se com problemas de formação profissional e de reequipamento tecnológico.

Madeira importa batatas

A Região Autónoma da Madeira vai importar 800 toneladas de batata em Março e Abril devido à produção regional ter sido prejudicada pela rigorosa invernia disse uma fonte da Secretaria da Economia.

Aquele membro do Governo da Madeira acentua no seu despacho que a medida visa travar a tendência altista dos preços da venda da batata ao público que nos últimos dias de Fevereiro alcançaram valores entre os 56\$50 e 85 o quilograma.

Subsidiária da TAP vai nascer em Faro

Uma companhia aérea de afretamento, Air Atlantis, nasce dia 8 em Faro com a assinatura da acta de constituição da empresa — disse uma fonte da Tap.

Com um capital inicial de 100 mil contos pertencentes à Tap, a Air Atlantis inicia a sua actividade em Maio com dois ou três «boeing» 727 ou 737.

SAS compra 5 DC-9

A companhia de aviação sueca SAS acaba de adquirir mais cinco aviões DC-9-81 para a exploração das linhas europeias, interessando dinávia e para as suas rotas domésticas. Esta encomenda à McDonnell Douglas junta-se a uma outra de seis DC-9-80 negociados em Setembro passado e que serão entregues no próximo Outono. Os DC-9-81 serão entregues em 1986 e as duas encomendas ascendem a um total de 2,5 mil milhões de coroas suecas.

A partir de hoje, na Gulbenkian

Conferência internacional debate integração de Portugal na CEE

A análise e revisão geral das políticas de integração comunitária e as políticas do segundo alargamento da CEE constituem os principais objectivos da conferência internacional sobre a integração de Portugal na CEE a decorrer a partir de hoje na Fundação Gulbenkian.

Organizada pela Associação Portuguesa para o Estudo das Relações Internacionais (APRI) a conferência pretende contribuir para a análise de três vectores-chave no processo de integração europeia: a actual política portuguesa, a comparação dos processos de negociação em curso com aqueles que levaram à adesão dos países do segundo alargamento (Grã-Bretanha, Dinamarca e Irlanda) e o estado presente da Europa dos «Dez».

Pretende-se também a criação de um espaço de comunicação que reúna os principais agentes das políticas prosseguidas tanto a nível português como comunitário. Durante os quatro dias da conferência várias personalidades e especialistas em assuntos europeus vão abordar os mais variados temas ligados à questão, quer de um ponto de vista teórico quer relatando a experiência vivida no caso concreto do segundo alargamento da CEE realizado em 1972.

António Marta, presidente da Comissão para a Integração Europeia, ex-ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros, ex-responsáveis executivos pelo departamento de integração europeia e ex-chefes da missão de Portugal junto das Comunidades Europeias em Bruxelas são alguns dos conferencistas convidados pela APRI.

Reuniões de Madrid começam amanhã

As reuniões preparatórias de uma provável cimeira Portugal-Espanha para discutir a adesão dos dois países ibéricos à CEE iniciam-se amanhã em Madrid, com a presença do secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Sá Coutinho.

Esta reunião que certos meios qualificaram de secreta e que António Marta, Presidente da Comissão de Integração Europeia disse não passar de «contactos exploratórios» chegou a ser anunciada para o último fim-de-semana. Tal não se veri-

ficou nem sequer terá estado agendado. «Só o clima de secretismo que tem rodeado estes contactos ibéricos» — disse uma fonte diplomática de Lisboa, citada pela NP — pode explicar a confusão nas datas.

Segundo esta fonte, as conversações deverão prolongar-se por alguns dias. Elas visam preparar uma cimeira em que Portugal e Espanha ultrapassem os seus diferendos e no sector das pescas para apresentarem uma proposta forte nas negociações de adesão marcadas para o dia 17 de Março em Bruxelas.

Associação de Economistas criada no Porto

O combate ao isolamento profissional dos economistas e um dos objectivos a que se propõe a nova Associação de Antigos Alunos da Faculdade de Economia do Porto (AAAFEP), que foi formalizada em Assembleia Constituinte, sábado passado.

Segundo declarou Manuel Baganha, membro da Comissão Instaladora da nova Associação «o economista trabalha actualmente em situação de isolamento, produzindo-se, assim, um crescendo de dificuldade de actualização profissional».

Para o economista a escola não tem notícia das eventuais deficiências de formação que garante, nem dos problemas que quotidianamente se colocam aos diversos agentes económicos.

Manuel Baganha salientou que a Faculdade de Economia do Porto funciona há 31 anos e interveio na formação de cerca de quatro mil economistas para além de outros cerca de seis mil que adquiriram formação superior parcelar.

«Durante os 30 anos de vida de uma instituição tende a esbater-se o relacionamento e a solidariedade entre sucessivas gerações, fenómenos que urge minimizar» — disse.

Os antigos alunos da Faculdade de Economia do Porto realizaram durante a Assembleia Constituinte que a nova Associação «não concorre, nem colide nem se sobrepõe a qualquer associação de economistas já existente».

Emigrantes regressados da Alemanha têm direito à devolução de impostos

Os emigrantes portugueses na Alemanha Federal que em 1984 regressaram definitivamente a Portugal podem reembolsar cinco milhões de marcos de impostos, segundo o boletim mensal da Embaixada de Portugal em Bona, agora distribuído.

O boletim de Março aconselha aqueles ex-emigrantes a solicitarem o ajuste anual de imposto referente a 1984 às repartições de finanças das áreas onde residiram na RFA ou a informa-

rem-se junto da Secretaria de Estado da Emigração.

«Os portugueses regressados pagaram mais de 70 milhões de marcos de impostos em 1984 e, após o regresso, é natural que muitos não pensem mais em requerer o ajuste anual de impostos que, na maioria dos casos, significa uma devolução de dinheiro», refere o boletim.

Mais de cinco milhões de marcos, segundo os cálculos da Embaixada é o montante global dos reembolsos a que os ex-emigrantes têm direito. O facto de não terem trabalhado o ano inteiro concede-lhes a passagem a um escalão de menor carga fiscal.

Se os requerimentos não forem apresentados até ao dia 30 de Setembro de 1985 os interessados perdem o direito ao reembolso.

Actualizados valores do crédito à habitação

Os escalões de rendimento e os valores correspondentes às diferentes classes de fogos foram actualizados, no sábado passado no âmbito do regime de crédito à aquisição, construção, recuperação, beneficiação ou ampliação de habitação própria permanente. Assim, para efeitos de enquadramento nos benefícios previstos no Decreto 459/83 — designadamente bonificações de juros — os escalões de rendimentos dos candidatos ao empréstimo passarão a ser os seguintes: escalão I — até 660 contos; escalão II — de 660 a 840 contos; escalão III — de 840 a 1100 contos.

Simultaneamente, a Portaria 124/85, publicada no «Diário da República» de sábado, altera os valores máximos de cada uma das quatro classes de fogos consideradas no actual regime de crédito. A classe A vai a partir de agora até aos 3600 contos; a

B de 3601 a 5000; a C de 5001 a 6000 e a D superior a 6000. A fixação do valor dos fogos é feita pela instituição de crédito.

Esta actualização surge tendo em conta a evolução dos custos de construção e os seus reflexos no regime de crédito à habitação e a necessária compatibilização com os restantes instrumentos de política habitacional — acrescenta o diploma.

Até agora, os valores em vigor para os rendimentos do agregado familiar eram, para cada escalão, respectivamente de 550 contos, de mais de 550 até 700 contos e de mais deste valor até 900 contos.

Os valores máximos da habitação eram de: até 2800 contos (classe A), de 2801 até 4000 contos (classe B) de 4001 até 5000 contos (classe C) e de valor superior a 5000 contos (classe D). A última actualização dos escalões e valores dotava de 4 de Janeiro de 1984.



BILHETE DE IDA E VOLTA VÁLIDO POR 10 DIAS REDUÇÃO DE 50%

Informe-se na Estação mais próxima ou nas Agências de Viagens

CONSULTE O CALENDÁRIO BICOLOR. ESTA OFERTA SÓ É VÁLIDA NOS DIAS VERDES

Caminhos de Ferro Portugueses

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 6.º JUÍZO

ARREMATACÃO

Anuncia-se e faz-se público, que no próximo dia 14 de Março de 1985, pelas 15 horas na Rua Braamcamp, n.º 5-6.º andar em Lisboa, se vai proceder a arrematação pelo maior lance que for oferecido dos bens penhorados à firma TECHNET — COOPERATIVA DE ARTES GRÁFICAS, SCARL, com sede na Avenida da República, 46-A C/V Esq. Lisboa por dívida à Caixa Sindical Prev. Tip. Lit. Of. Correlativos na execução fiscal n.º 42/84 na importância de Esc. 534 101\$000, os quais bens poderão ser examinados na morada acima referida, dentro das horas normais de expediente.

BENS PENHORADOS 2.ª PRAÇA

VERBA ÚNICA: Uma máquina impressora de offset, da marca ADAST, modelo Dominat 714, com o n.º de série 714750 787 de origem checoslovaca, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor de 1 250 000\$000.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

O JUIZ DE DIREITO, (Ilegível)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO PRINCIPAL, (Ilegível)

"D.L." — 4/3/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 6.º JUÍZO

ARREMATACÃO

Anuncia-se e faz-se público, que no próximo dia 14 de Março de 1985, pelas 15 horas na Rua Braamcamp, n.º 5-6.º andar, em Lisboa, se vai proceder a arrematação pelo maior lance que for oferecido dos bens penhorados à firma REPA-SOCIEDADE PORTUGUESA DE PAPEIS E REPRESENTAÇÕES, LDA., Av. do Brasil, n.º 56 em Lisboa por dívida à Caixa de Previdência e Ab. Família Indústria na execução fiscal n.º 2285/81 na importância de Esc. 2 462 160\$000, os quais bens poderão ser examinados na morada acima referida, dentro das horas normais de expediente.

BENS PENHORADOS 1.ª PRAÇA

VERBA ÚNICA: Uma máquina rebolinadora, da marca COEKLIS de modelo Prática, com quadro de comandos, sem número visível, de origem alemã, em bom estado de conservação, com o valor base de licitação de 5 000 000\$000.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

O JUIZ DE DIREITO, (Ilegível)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO PRINCIPAL, (Ilegível)

"D.L." — 4/3/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 6.º JUÍZO

ARREMATACÃO

Anuncia-se e faz-se público que no próximo dia 14 de Março de 1985, pelas 15 horas, na Rua Braamcamp, n.º 5-6.º andar, em Lisboa, se vai proceder a arrematação pelo maior lance que for oferecido dos bens penhorados à firma PRINSTAL — PROJETOS REPRESENTAÇÕES E INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS, LDA., com sede na Av. de Berna, 37-5.º Esq. por dívida ao Fundo de Desemprego, na execução fiscal n.º 160/84 na importância de Esc. 415 320\$000, os quais bens poderão ser examinados na morada acima referida, dentro das horas normais de expediente.

BENS PENHORADOS 1.ª PRAÇA

VERBA ÚNICA: Direito ao trespasse e arrendamento do escritório sito na 5.ª Esquadra do n.º 37 da Av. de Berna, cuja renda mensal é de 13 000\$000, com a área aproximada de 150 m², com o valor base de licitação de 2 000 000\$000.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

O JUIZ DE DIREITO, (Ilegível)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO PRINCIPAL, (Ilegível)

"D.L." — 4/3/85 — 1.ª Pub.

DESPORTO



Guimarães: Valério impede que a bola chegue a Gomes



Estádio varzinista: Bobó (em estilo magnífico) é a coqueluche do «team» de Mourinho



Jamor: golpe de cabeça de Alves bate Nunes

Porto e Sporting arredam concorrência rubra

O F. C. do Porto estabeleceu (perante o Guimarães) um novo recorde no campeonato, obtendo a 9.ª vitória consecutiva, o que nesta altura da prova lhe confere ainda mais favoritismo na caminhada para o título. Gomes (aos oito minutos) abriu o activo lançando o F. C. do Porto para um triunfo, confirmado por Jaime Magalhães a cinco minutos do final, frente a um jovem conjunto vimaranense que deu forte réplica, chegando a pôr em dúvida, a espaços, o melhor futebol dos portistas.

O Sporting, à espera de um deslize do F. C. do Porto, ganhou de forma convincente na Póvoa de Varzim ao conjunto local, com dois golos no 2.º tempo. O argentino Saucedo (que teve a responsabilidade de render Jordão) cotou-se como a figura do jogo, abrindo o caminho para a vitória, com um golo de grande penalidade (aos 53 minutos) a castigar um derrube de Bandeirinha a Mário Jorge. O 2.º tento lisboeta pertenceu a Litos.

O Benfica voltou a desiludir e, no vale do Jamor (por interdição da Luz), o Boavista bem se pode queixar de não ter regressado ao Bessa com os dois pontos correspondentes ao êxito. A turma «encarnada» voltou a ser uma sombra de si própria e os axadrezados acabaram a partida em grande estilo e em cima da área dos lisboetas; e, se Bento não tivesse sido o melhor jogador em campo, pior seria que verificasse o 4.º jogo consecutivo dos «alunos» de Csernai sem conseguirem qualquer triunfo!

O Portimonense arrancou um empate a ferros no campo do Penafiel, agora sob o comando de Fernando Cabrita. Babo colo-

cou os visitados a ganhar (aos 13 minutos), mas a 23 do final o belga Cadorin fez o gosto ao pé, estabelecendo a igualdade.

O belenenses confirmou estar na corrida para a Europa e, no sábado, obteve uma preciosa vitória frente ao Salgueiros, no Estádio do Mar. Os salgueiristas foram os primeiros a marcar (Matias, 6), mas os «azuis» reagiram: empataram (Norton, 33) e chegaram ao triunfo (Murça, 59).

A Académica continua imparável e, em casa, voltou a ganhar (2-1 ao Braga), perfazendo nove jogos sem derrota. Pedro Xavier voltou a estar na base do triunfo, apontando os dois golos (20, 68), contra um tento de José Abrantes (52).

Farense e Setúbal bateram pela diferença mínima Vizela e Rio Ave, com ambos os tentos a serem marcados no início da partida. Gil deu o triunfo aos algarvios (aos dois minutos) e, no Bonfim, os sadinos aproveitaram-se de um autogolo do defesa vila-condense Santana (22).

Resultados para a história

Benfica - Boavista, 0-0; Vit. Setúbal - Rio Ave, 1-0; Vit. Guimarães - FC Porto, 0-2; Académica - Sp. Braga, 2-1; Sp. Farense - Vizela, 1-0; Salgueiros - Belenenses, 1-2; Varzim - Sporting, 0-2; Penafiel - Portimonense, 1-1.

A visita do Benfica a Portimão domina no fim-de-semana a jornada 21, que inclui ainda os seguintes jogos: Boavista - Setúbal, Rio Ave - Guimarães, F. C. do Porto - Académica, Braga - Farense, Vizela - Salgueiros, Belenenses - Varzim e Sporting - Penafiel.

Marcadores

O avançado portista Fernando Gomes deu mais um passo na conquista da «bota de ouro», ao marcar um golo frente ao Vitória de Guimarães, liderando agora a lista dos melhores atiradores do nacional de futebol, com 27 tentos. Gomes dilatou para 15 golos a diferença que o separa do trio formado por Manniche (Benfica), Manuel Fernandes (Sporting) e Cadorim (Portimonense) todos com 12. Deste trio, Cadorim foi o único que não ficou em branco

na jornada, tendo sido o marcador do tento do empate do Portimonense, frente ao Penafiel, no sábado. Djão (Belenenses) que não alinhou (sábado) pelo Belenenses ante o Salgueiros, encontra-se na 5.ª posição, com 11 golos. Jaime Magalhães, com um golo frente ao Guimarães, apontou o seu 9.º tento no campeonato, isolando-se no 6.º posto da geral.

Numa ronda que rendeu apenas 14 tentos (a pior desde o início do nacional), Pedro Xavier (Académica) foi o único a bisar, sendo ainda de registar um golo de «penalty» do sportinguista Saucedo e um autogolo de Santana (Rio Ave).

Disciplina

As expulsões de Dito (Braga) e do Mortenson (Farense) e a exibição por sete vezes do cartão amarelo assinalaram negativamente (e no aspecto disciplinar) a jornada do nacional de futebol. Dito foi expulso aos 71 minutos no jogo Académica - Braga (2-1), enquanto Mortenson viu o cartão vermelho a escassos cinco minutos do fim do embate Farense - Vizela (1-0), sendo de

referir que nestes dois jogos não houve nenhum cartão «lúcido».

Os encontros Penafiel - Portimonense e Guimarães - FC Porto foram os mais férteis em cartões amarelos, com dois cada, sendo de destacar que o jogo Setúbal - Rio Ave foi o único em que não houve acção disciplinar. O Portimonense foi a equipa que viu mais cartões amarelos (dois), tendo sido Teixeira e Simões os jogadores visados com a cartolina amarela. Artur (Belenenses), Coelho (Boavista), Bobó (Varzim), Teixeira (Guimarães) e Futre (FC Porto) foram os restantes futebolistas que viram cartões amarelos.

Divisão 2

Para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, jogou-se a ronda 18. Desfechos na Zona Norte: Paços Ferreira - Aves, 1-0; Sanjoanense - Leixões, 1-0; Lourosa - Felgueiras, 1-0; Famalicão - Gil Vicente, 2-0; Lixa - Tirsense, 2-0; Fafe - Feirense, 1-1; Valonguense - Chaves, 0-3; Espinho - Marco, 0-0. Classificação: 1.º Aves, 26 pontos; 2.º Chaves, 24;

Continua na pag. 14

Benfica já só luta pela Europa?

Mais um ponto desperdiçado pelo Sport Lisboa Benfica na era do obliquo Csernai, já não espanta nem menino de escola: e isso voltou a acontecer, deixando, o campeão nacional (se alguma dúvida ainda restasse) a ver os comboios portista e leão a desfilar à galopada, enquanto os moços da Luz se limitam ao trote de um cavalicoque.

No Jamor, mais um punhado de erros cometidos, uma série de falências a esboçarem o antigo edifício benfiquista por todo o lado, um monumento agora arruinado no interior. Apenas pasmou como o Boavista não conquistou um soberano avanço no marcador, vencendo uma esgrima em que somente o punador do homem como Manuel Galrinho Bento evitaram o definitivo massacre que se vai adivinhando uma tarde destas, caso não exista coragem (e personalidade) dentro do esquadra da águia para, com legítima base em mais serviços prestados, o húngaro talvez aprendiz-de-nazi não ser corrido a toque de caixa, sem sequer poder usufruir o futuro direito de vir banquetear-se nas nossas praias, pois até o dinheiro que vai sugando já fica a recato em paragens longínquas.

Mas, com o mal do Benfica bem podem o Porto e o Sporting. «Dragões» que triunfaram sem contestação perante um Vitória minhoto que, à falta de melhor, descarrega a bilis de alguns dos seus adeptos menos conscientes (ou maus amigos do emblema) sobre os representantes dos órgãos de Comunicação Social, sempre (a par de qualquer árbitro) os grandes culpados de certos chutadores de segunda não acertarem com a bola no buraco, dos defesas com pés de chumbo não serem capazes de evitar o pior para as suas malhas. Uma vez mais isso aconteceu: e quase valerá a pena interrogar que faz o Sindicato dos Jornalistas, o CNID, a própria autoridade em serviço nos relvados, para proteger e dignificar a presença dos jornalistas perante a onda (infelizmente crescente) de quantos vão, ao fim-de-semana, desopilar num campo desportivo as frustrações que as mulheres, os patrões, os colegas não deixam evadir-se do colete de forças do quotidiano. Chegou a altura de dizer que já basta: e que algum justo terá de pagar pelo pecador.

Bem: a verdade é que o Porto ganhou. E bem, quase como lhe apeteceu. O mesmo que sucedeu ao Sporting na Póvoa de Varzim, com o aborrecido senão do acidente ocorrido com Vítor Manuel Damas de Oliveira, que rouba aos estádios uma semana de convívio com o guarda-redes de Alvalade.

Um auto-golo de Santana permitiu a Manuel de Oliveira continuar em Setúbal: a vida no Bonfim

viaja sobre o fio da navalha. Porém, êxitos brilhantes couberam ao Belenenses (surpreendente face a um Salgueiros que cai em KO para o fosso da tabela) e à conimbricense Académica que, mal trocou Jesualdo Ferreira por Vítor Manuel, se reagrupou com o sonho, mais belo, ar-regimentando pontos sobre pontos, numa progressão que é espectáculo ainda há pouco imprevisível mesmo para os olhares mais sófregos. A tangente, o Farense livrou-se do difícil Vizela, como também por Penafiel as coisas poderiam ter inclinado qualquer dos pratos da balança: o fiel acabou por não oscilar, o que é sinal de Cabrita estar reconduzindo o seu nome a plano de prestígio e os algarvios do «team» de Manuel José continuarem proclamando que é necessário atentar no Portimonense quando se fala em Europa, até porque bate à porta o Benfica que (com Csernai na lateral) já não assusta nem petiz de cueiros.

A tabela pontual oferece situações curiosas: somente Porto e Sporting na luta altaneira, Benfica reduzido (incrivelmente) à figura de mero comparsa de «show», de discípulo que leva a carta a Garcia, perfiado perante a guerrilha em que já não pode meter bedelho. E, colado às botas, aí está o Portimonense, bem capaz da surpresa que faria história maior de qualquer campeonato nacional.

Depois, ainda em busca da porta ufeira, Boavista e Belenenses, enquanto a dupla Académica - Farense se prepara para ultrapassar a ponte levadiça onde já pedem passagem Setúbal e Braga, ao mesmo tempo que Goethals se interroga sobre a vantagem de ter procurado em Guimarães a limpeza da sua medalha. Por fim, a debaterem-se com torrentes impetuosas, ventos e marés desfavoráveis mas que podem ainda ser vencidos com uma aragem de sorte e uma correcção melhor da bússola, surgem os blocos do rés-do-chão (Varzim, Rio Ave, Penafiel, Salgueiros e Vizela) onde, queira-se ou não encontrar benevolência, já deve morar larga quota dos símbolos que, pelo menos um ano, perdem fogachos de maiorais e tornam a vestir o humilde fato macaco do operário que trepa a corda a pulso. E que, por muito que vá tombando, logo torna à carga, ao trabalho.

Sintetizando: Antas e Alvalade com os olhos no trono. A boa gente benfiquista doida para se ver livre de Csernai, uma larga fatia de mass media e, como em tudo na vida, os que estão sempre de olhos fitos na margem da estrada, não vá o camião dos triunfantes passar por eles semeando tristeza e pó.

Neves de Sousa

TOTO BOLA a chave

Guimarães-FC Porto	2
Varzim-Sporting	2
Benfica-Boavista	X
Setúbal-Rio Ave	1
Académica-Braga	1
Farense-Vizela	1
Salgueiros-Belenenses	2
Penafiel-Portimonense	X
P. Ferreira-Aves	1
Sanjoanense-Leixões	1
Marinhense-U. Coimbra	1
Atlético-Olhansense	1
Torralt-Marítimo	2

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem 535 apostas (55 500 escudos cada) com 13 resultados certos no concurso número nove. Calcula-se que o número de «dozes» ronde as 11 470 apostas (2590 escudos cada) e o de «onzes» se aproxime das 106 460 apostas (290 escudos cada).

TOTO BOLA jogue connosco

Porto-Académica	1
Sporting-Penafiel	1
Portimonense-Benfica	X
Boavista-Setúbal	1
Rio Ave-Guimarães	1
Braga-Farense	1
Vizela-Salgueiros	1
Belenenses-Varzim	1
Chaves-Espinho	1
U. Leiria-Covilhã	X
Caldas-Elvas	X
Olhansense-U. Madeira	X
E. Amadora-Estoril	1

METALO RÁPIDA SERRALHEIRO DE ODIVELAS

FECHE A SUA MARQUISE OU VARANDA COM FACILIDADE DE PAGAMENTO

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º FC PORTO	20	18	1	1	55-7	37
2.º Sporting	20	14	5	1	52-17	33
3.º Benfica	20	12	4	4	41-20	28
4.º Portimonense	20	11	4	5	38-27	26
5.º Boavista	20	7	9	4	26-20	23
6.º Belenenses	20	8	5	7	30-30	21
7.º Académica	20	7	5	8	28-28	19
8.º Sp. Farense	20	6	7	7	14-25	19
9.º Sp. Braga	20	6	5	9	29-31	17
10.º Vit. Setúbal	20	5	7	8	20-31	17
11.º V. Guimarães	20	6	4	10	22-30	16
12.º Varzim	20	2	10	8	14-26	14
13.º Rio Ave	20	4	5	11	18-33	13
14.º Penafiel	20	3	7	10	16-34	13
15.º Salgueiros	20	4	4	12	27-44	12
16.º Vizela	20	4	4	12	21-48	12

LARGO DA REPÚBLICA — POMBAIS — ODIVELAS
TEL. 982 60 68

ÀS FARMÁCIAS DO CONTINENTE E ILHAS

SOCIEDADE INDUSTRIAL FARMACÉUTICA (SIF)

Informa ser Distribuidor Geral do Produto

BALSODERME

(Específico em Eczemas e outros males de Pele)

Esta devidamente abastecida a satisfazer os pedidos em Lisboa. Telef. 385981 2 3 4 5 e nos seus armazéns de Vila Real — Porto — Coimbra — Viseu — Castelo Branco — Torres Novas — Caldas da Rainha — Évora — Almada — Amadora — Faro.



DESPORTO

Espanha: Barcelona impecável

O Barcelona goleou o Valência por 5-2, mantendo o comando no campeonato espanhol da 1.ª divisão, com 44 pontos, em 27 jogos.

O Atlético de Madrid, segundo classificado, empatou (0-0) em casa, com o Gijón, totalizando 33 pontos, mas menos um jogo que o líder.

Resultados: Málaga-Hércules, 1-1; Valência-Barcelona, 2-5; Murcia-Valladolid, 1-2; At. Madrid-Gijón, 0-0; Real Sociedad-Sevilha, 5-1; Osasuna-Santander, 0-0; Elche-Saragoça, 0-0; Bétis-At. Bilbao, 0-2 e Espanhol-Real Madrid, 2-0.

Mundial-86: árbitros

A Comissão de Árbitros da Federação Internacional de Futebol (FIFA) anunciou que serão utilizados 36 juizes na fase final do Campeonato do Mundo de 1986, no México. A Comissão decidiu também enviar árbitros europeus para os jogos de qualificação para o mundial do grupo preliminar da Oceânia. O árbitro austriaco Eric Linemayer foi distinguido pela Comissão da FIFA com uma menção especial, como prêmio da sua fama internacional. Realizam-se em Zurique, entre 9 e 11 de Maio, as celebrações do primeiro centenário da «Internacional F. A. Board», responsável pelo estabelecimento das regras de jogo da FIFA.

Placard

Cunha e Silva: em grande

João da Cunha e Silva foi o vencedor do Asunción Bowl, (no Paraguai), ao derrotar, na final, o espanhol, David Pons, pelos parciais de 6/2, 4/6 e 12/10. Esta foi a 9.ª prova do circuito júnior da América do Sul, que terminará com o Banana Bowl, que começará hoje a disputar-se em São Paulo (Brasil).

Lutas amadoras: «Akai»

O Casa Pia venceu o Torneio Akai em lutas amadoras (livre olímpica), disputado nas instalações do Liceu Pedro Nunes (Lisboa). A turma casapiense totalizou 39 pontos, mais três do que a do Arroios. O Mouraria ficou em 3.º lugar (33 pontos), o S. Paulo em 4.º (29) o Baixa da Banheira em 5.º (22) e o Paivas em 6.º (16).



Estádio do Mar: Belenenses (golo de abertura, por Norton de Matos) pode ser passo decisivo para a Europa



Quim: uma bela actuação em terra minhoto

Nacional de futebol: campeão abdicou?

Continuação da pág. 13

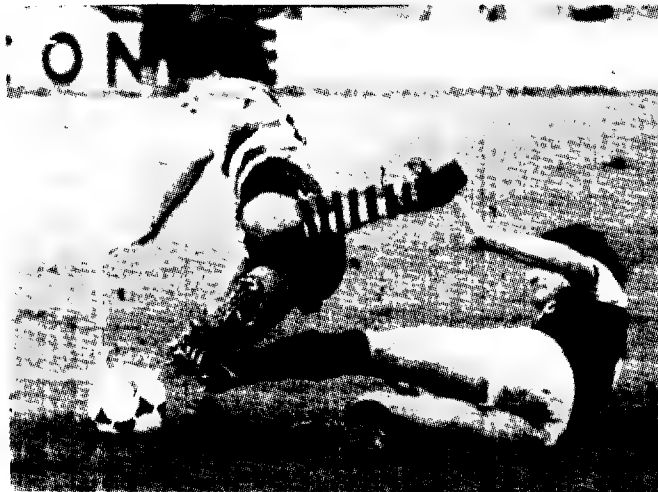
3.º Famalicão, 23; 4.ºs Leixões e Espinho, 21; 6.º Paços Ferreira, 20; 7.ºs Felgueiras e Lixa, 18; 9.ºs Tirsense, Fafe e Lourosa, 17; 12.º Gil Vicente, 16; 13.º Sanjoanense, 14; 14.º Feirense, 13; 15.º Marco, 12; 16.º Valonguense, 11.

Zona Centro: Guarda - União Leiria, 2-1; Covilhã - Caldas, 2-0; Elvas - Beira-Mar, 5-1; Torriense - Mangualde, 2-0; Estarreja - Estrela Portalegre, 2-0; Águeda - Benfica Castelo Branco, 2-1; Peniche - Alcobaca, 0-0; Marinhense - União Coimbra, 1-0. Classificação: 1.º Covilhã, 27 pontos; 2.º Elvas, 24; 3.º U. Coimbra e U. Leiria, 22; 5.º Torriense, 20; 6.ºs Beira-Mar, Estrela e Águeda, 18; 9.ºs Caldas e Alcobaca, 17; 11.º Peniche, 16; 12.ºs Mangualde e Estarreja, 15; 14.º Guarda, 14; 15.º Marinhense, 13; 16.º Benfica C. Branco, 12.

Zona Sul: Lusitano Évora - Odivelas, 4-0; Barreirense - Nacional Madeira, 1-1; Atlético - Olhanense, 1-0; União Funchal - Amora, 5-0; Cova Piedade - Montijo, 2-0; Torralta - Marítimo Funchal, 0-1; Sesimbra - Estrela Amadora, 0-1; Estoril - Campinense, 2-1. Classificação: 1.º Marítimo, 34 pontos (mais um jogo); 2.º União, 24; 3.º Estoril, 23; 4.º Amadora, 22; 4.ºs Olhanense e C. Piedade, 20; 7.ºs Atlético e Lusitano, 19; 9.º Torralta, 17; 10.ºs Montijo, Barreirense e Nacional, 16; 13.º Odivelas, 15; 14.º Amora, 13; 15.º Sesimbra, 10; 16.º Campinense, 6 (mais um jogo).

Divisão 3

Igualmente se cumpriu a 18.ª jornada da 3.ª divisão. Nomes e números na Série A: Montalegre



Póvoa do Varzim: travar Litos foi uma ordem



Juniões do Benfica venceram o Sporting em Alvalade, comandando destacadamente o seu grupo no campeonato nacional

- Neves, 2-1; Monção - Valdevez, 0-0; Esposende - Mirandela, 0-0; Merelinense - Taipas, 2-0; Vieira - Valenciano, 0-0; Ponte da Barca - Macedo Cavaleiros, 2-1; Vianense - Bragança,

3-1. Líder: Vianense, 26 pontos. Série B: Freamunde - Esmoriz, 3-0; Oliveirense - Amarante, 0-3; S. Martinho - Ovarense, 0-0; Paivense - Paredes, 1-1; Régua - União Lamas, 3-1; Infesta - Cu-

cujães, 2-0; Vilanovense - Valadenses, 2-1; Ermesinde - Trofense, 1-0; Líder: Ovarense, 26 pontos. Série C: Naval - Tondela, 2-0; Poiares - Gouveia, 1-0; Académica Viseu - Luso, 1-0; Penafia Castelo - Marialvas, 2-2; Mealhada - Viseu e Benfica, 0-0; Anadia - Lusitano Vildemoinhos, 2-1; Seia - Belmonte, 3-1; Santacombadense - Oliveira Bairro, 1-1; Líder: Ac. Viseu, 28 pontos. Série D: Nazarenos - Marinha, 2-0; Alcains - Bombardalense, 2-1; Portalegrense - União Santarém, 0-1; Paroquial Fátima - União Tomar, 1-0; Rio Maior - Mirense, 0-1; Almeirim - Nisr e Benfica, 6-0; Alferrarede - Lourense, 3-2; Guinense - Elétrico, 0-0, Líder: U. Santarém, 29 pontos. Série E: Olivais Moscavide - Oriental, 1-1; Tires - Vilafranquense, 1-2; Charneca - Almada, 2-0; Águia (Açores) - Santa Clara (Açores), 2-0; Vialonga - Campomaiorense, 1-0; Lusitânia (Açores) - Sacavenense, 0-0; Samora Correia - SL Olivais, 1-0; Cacém - Marinhais, 1-0; Líderes: Sacavenense e Lusitânia, 27 pontos. Série F: União Montemor - Moitense, 3-1; Esperança Lagos - Beja, 3-0; Silves - Lusitano Vila Real, 4-1; Santiago Cacém - Vasco Gama, 2-2; Alvorente - Comércio Indústria, 1-1; Louletano - Quimigal, 0-2; Aljustrelense - Juventude Évora, 0-0; Estrela Vendas Novas - Quarteirense, 1-1; Líderes: Cacém, Juventude e E. Lagos, 25 pontos.

Juniões

A 17.ª ronda do campeonato nacional de juniores fica assim para a história, no tocante à Zona Norte, Série A: Gil Vicente - Varzim, 0-1; Limianos - Braga, 1-10; Merelinense - Famalicão, 3-0; Bragança - Rio Ave, 2-1; Guimarães - Ponte Barca, 3-0; Líderes: Braga e Varzim, 28 pontos. Série B: FC Porto - Salgueiros, 6-0; Régua - Boavista, 4-1; Avintes - Leixões, 0-3; Vila Real - Sanjoanense, 3-2; Tirsense - Lourosa, 2-1. Líder: FC Porto, 32 pontos. Zona Centro, Série C: Anadia - União Coimbra, 1-2; Repeses - Estação, 1-3; Mortágua - Guarda, 2-1; Águeda - Tondela, 3-2; Covilhã - Oliveira Hospital (o jogo não se disputou porque a equipa visitante chegou atrasada). Líder: União Coimbra, 32 pontos. Série D: Académica - Alferrarede, 1-1; União Leiria - Marinhense, 4-1; Alcains - Benfica Castelo Branco, 6-0; Estrela Portalegre - Nazarenos, 0-2; Caldas - Naval, 2-0. Líder: Alcobaca, 23 pontos. Zona Sul, Série E: Sporting - Benfica, 1-2; Oriental - Campomaiorense, 1-0; Belenenses - Cova Piedade, 1-1; Trafaria - Almeirim, 3-2; Amadora - Moscavide, 0-0. Líder: Benfica, 32 pontos. Série F: Portimonense - Torralta, 0-3; Olhanense - Amora, 0-2; Beja - Barreirense, 1-0; Quimigal - Setúbal, 0-1; Farense - Lusitano Évora, 2-0. Líder: Barreirense, 27 pontos.

Cinco casos

Agressões, acidentes e incidentes

Dia desportivo marcado por algum fatalismo. Não nos referimos, naturalmente, ao empate consentido pela equipa de Csernai no Estádio Nacional, já que os insucessos benfiquistas entraram no ciclo da normalidade. Quatro jornadas sem vencer são disso prova bastante. O fatalismo a que nos referimos situa-se nas graves lesões sofridas por alguns atletas de diferentes modalidades. Na Póvoa de Varzim, Vítor Damas sofreu ferida incisiva com contusão no crânio sendo suturado (no Hospital da Póvoa) com oito pontos. Felizmente que, a avaliar pelo resultado da radiografia feita, a lesão não deverá merecer grandes precauções sendo-lhe aconselhado repouso de uma semana. No lance que vitimou Damas, o outro interveniente (Vata), foi, igualmente, suturado com dois pontos no couro cabeludo e, sentindo-se indisposto, saiu ao intervalo, tendo o médico do clube po-veiro afirmado não crer que a lesão tenha efeitos graves.

Em Alvalade e durante o encontro de hóquei em patins Sporting - F. C. do Porto, Campelo tocou (dizem que casualmente) em Vítor Hugo, que teve de receber assistência cuidada, já que sangrava da lesão sofrida, na zona occipital e o sobrolho esquerdo. Na prova ciclista «Maduro», Firmino Bernardino e mais cinco participantes foram vítimas de aparatosa queda em Caneças, tendo Firmino ficado muito mal tratado, com fractura duma perna.

E para finalizar os tristes casos do domingo desportivo, o antigo futebolista Rodolfo foi agredido (quando abandonava o Estádio Municipal de Guimarães) por um grupo elevado de indivíduos, e um guarda-chuva serviu para «ma-lhar» no actual treinador dos juniores portistas.

Cinco casos e todos lamentáveis, ainda que apenas um tenha sido motivado por razões selvagens e que por isso se deplora.

Alves Henriques

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO ARREMATACÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Março de 1985, pelas 16 horas, neste Tribunal - Rua Braamcamp, 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a Trágel-Transportes Sousa Araújo, Lda, com sede na R. Particular C à Estrada de Benfica Lisboa, no processo executivo n.º 2373/82, instaurado por dívida a imposto Multas e Custas

BENS PENHORADOS

VERBA N.º 1 - O direito ao arrendamento e trespasso do Barracão sito na Rua Maria Lalande à Estrada de Benfica, 682, Lisboa a que foi atribuído o valor de 2 000 000\$00.

VERBA N.º 2 - Uma máquina de montar e desmontar pneus da marca J.S.G.L. em bom estado de conservação no valor de 50 000\$00

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes

Lisboa, 1 de Março de 1985

O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alencar)

«D.L.» - 4/3/85 - 2.ª Pub.

Basquetebol: Benfica à frente

O Barreirense foi a equipa em evidência na jornada do fim-de-semana: depois do triunfo sobre o Benfica, a equipa da outra banda impôs-se ao Olivais (101-91) em resultado que lhe valeu ascender ao 3.º posto, com 40 pontos, tantos como os actuais campeões. O Queluz que, no sábado, deu um passo em frente ao derrotar em casa o Olivais (98-87), soçobrou diante do Benfica, mas as suas hipóteses de apuramento para a 3.ª e última fase mantiveram-se. Em contrapartida, o Olivais ficou mais último, depois das duas derrotas sofridas na deslocação ao Sul. O Sangalhos perdeu nas Antas, com o FC Porto (derrota normal). Quanto ao apuramento para a fase final a turma da Bairrada

continua com a mesma «chance», porque os seus mais directos rivais chamam-se Barreirense e Queluz.

O Benfica recuperou ontem o comando do nacional de basquetebol ao vencer fora o Queluz (por 93-92) com um cesto de Henrique Vieira no último segundo da partida. A turma benfiquista perdera no sábado a liderança da prova ao ser batida, pela 3.ª vez esta época, pelo Barreirense (94-91) enquanto o FC Porto ganhou em casa ao Sangalhos (98-92). Com a derrota benfiquista, o FC Porto isolara-se no 1.º lugar mas, em Queluz, o Benfica voltou ao topo da classificação com 43 pontos,

mais um que os portistas, mas também mais um jogo.

Resultado da dupla ronda: Barreirense - Benfica, 94-91; Queluz - Olivais, 98-87; FC Porto - Sangalhos, 98-92; Belenenses - Illium, 98-92; Sanjoanense - Ovarense, 84-62; Barreirense - Olivais, 101-91; Queluz - Benfica, 92-93; Belenenses - Ginásio Figueirense, 91-76. Classificações no Grupo A: 1.º Benfica, 24 jogos/43 pontos; 2.º FC Porto, 23/42; 3.º Barreirense, 24/40; 4.º Queluz, 24/40; 5.º Sangalhos, 23/38; 6.º Olivais, 24/35. Grupo B: 1.º Ginásio Figueirense, 21/29; 2.º Illium, 21/29; 3.º Sanjoanense, 21/28; 4.º Ovarense, 21/27; 5.º Belenenses, 22/27

Andebol: águias voando

Os resultados da 10.ª jornada da 2.ª fase do nacional de andebol da divisão de honra foram os seguintes: Belenenses-Vitória de Setúbal, 41-28; Sanjoanense-Desportivo de Portugal, 25-30;

Académico de Braga-FC Porto, 17-17. O jogo Sporting-Benfica foi adiado para o dia 6. Classificação: 1.º Benfica, 27 pontos (menos um jogo); 2.º Sporting, 24

(menos um jogo); 3.º Belenenses, 24; 4.º FC Porto, 23; 5.º Desportivo de Portugal, 16; 6.º Setú-

bal e Académico de Braga, 15; 8.º Sanjoanense, 12.

DESPORTO

ponça esquerda

Coimbra: "Briosa" faz festa e embolsa quatro mil contos

Cerca de 250 pessoas participaram (sábado) em Coimbra, no jantar da Briosa, promovido pela Académica com o objectivo de angariar fundos que lhe permitam fazer face aos problemas financeiros com que se debate. A receita do jantar (cuja inscrição custou vinte e cinco mil escudos a cada participante) ronda os quatro mil contos.

Entre os participantes destacaram-se os ministros de Estado e da Indústria (Almeida Santos e Veiga Simão), o antigo vice-primeiro-ministro (Mota Pinto) o reitor da Universidade de Coimbra (Rui Alarcão) o presidente do Boavista (Valentim Loureiro) e os professores catedráticos Afonso Queiró e Guilherme de Oliveira.

Durante o jantar realizaram-se várias intervenções que realçaram a obra social da Académica e o espírito e ética desportiva diferente que representa no desporto português. A generalidade dos oradores saudou a recente integração da Académica na Academia de Coimbra e realçou o papel dos dirigentes Jorge Anjinho e Ricardo Roque na concretização dessa «Velha Aspiração». Mota Pinto disse que a Académica é uma grande e indelével realidade da vida social e desportiva deste país que urge consolidar como um projecto de futuro.

Frisou (a propósito dos problemas orçamentais dos clubes) que os interesses em causa na questão do blingo e do tobolão têm de ser ponderados de forma equitativa para que seja encontrada a solução mais razoável.

Um dos factos mais relevantes deste jantar foi a atribuição dos galardões «Briosa» a Jorge Anjinho (dirigente), Raimundo Traça (sócio), Marrafa (jogador), Flávio de Matos (colaborador) e Belmiro (funcionário). No jantar, foram ainda entregues distinções de sócios de mérito a Afonso Queiró, Guilherme de Oliveira, Veiga Simão, Mota Pinto, Almeida Santos, Raimundo Traça e Oliveira Vilas.

Tonanha: a palavra

Afirmado pelo brasileiro Tonanha, ao nosso colega «A Bola»:

— É verdade que assinei um compromisso com o Boavista, mas nada impede que vá para outro lado, inclusive para as Antas...

Pugilismo: outra morte

Um pugilista amador norte-americano (de 24 anos) morreu hoje de madrugada, em Miami, sem ter recuperado os sentidos, depois de 5.ª feira à noite ter sido posto KO. O superpesado Howard Brooks fora posto KO por Frank Williams no 2.º «assalto» de um combate de três «assaltos», disputado no Auditório de Miami. As autoridades da Florida ordenaram a autópsia do cadáver para determinar a causa exacta da morte.

Luto olímpico

Jack Kelly, presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos e irmão da falecida princesa Grace do Monaco, morreu no sábado, devido a um ataque cardíaco, quando praticava «jogging». Kelly (58 anos) foi encontrado morto numa rua de Filadélfia, envergando roupa desportiva. A polícia tardou em identificar o cadáver, já que o mesmo não tinha consigo qualquer documentação.

Jack Kelly tinha sido eleito há quatro semanas presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos. Era também membro do Conselho Municipal de Filadélfia e líder de uma das famílias mais antigas da cidade. Desportista nato, participou em quatro Olimpíadas como membro da equipa de remo dos Estados Unidos.



Mamede não fala mas vence. Desta vez «o calado foi o melhor»



Rosa Mota: classe e determinação

Mamede: a confirmação Canário: a decepção

Fernando Mamede venceu em Tróia a prova de seniores dos campeonatos nacionais de corta-mato, dominando a corrida desde início, sempre com Carlos Lopes no seu encalço, numa luta pelo primeiro lugar que praticamente não existiu, pois ao fim da primeira volta a distância entre os dois atletas era já de cerca de 50 metros. Na terceira passagem pela linha de chegada, com cerca de 7500 metros de corrida, acentuava-se mais ainda a distância entre Mamede e Lopes, e entre este e um grupo de três atletas, entre os quais António Leitão. O atleta do Benfica, que fez uma volta ao circuito a meio do pelotão, recuperou bem, mas já sem possibilidades de apanhar Mamede ou mesmo Lopes.

Fernando Mamede, impondo uma passada forte, impôs-se desde início e foi ganhando progressivamente vantagem, ganhando cerca de um minuto a Carlos Lopes e um minuto e cinco segundos a Leitão. A surpresa foi o sexto lugar obtido por um emigrante português em França, Lúcio Pereira, que correu com as cores do «Neully Plaisance», e que no final ofereceu medalhas daquele clube francês aos três primeiros.

A grande decepção na prova de seniores masculinos, em que como se esperava o Sporting venceu facilmente por equipas, foi o atleta «leonino» Ezequiel Canário, que se manteve nos terceiro ou quarto lugares nas primeiras voltas, mas na derradeira volta já não teve forças

para acompanhar os da frente, acabando no 17.º lugar.

Foram sorteados para o controlo anti-«doping» David Tavares, Lúcio Pereira, Cidália Caetano, Hélder de Jesus e Paulo Catarino.

As equipas do Benfica e do FC Porto alinharam sob protesto, na sequência do «caso Ezequiel Canário».

Na prova feminina também não houve história. A grande favorita Rosa Mota foi para a frente logo à partida, ficando na frente, e Aurora Cunha abandonou cerca de 500 metros após a largada, ficando a coxear. A atleta do Braga Albertina Machado tentou ainda aproximar-se de Rosa Mota mas só conseguiu reduzir a distância que as separava. Ao controlo anti-«doping» compareceram por sorteio Conceição Ferreira, Rosa Oliveira, e Leonor Costa.

Rosa Mota está também optimista para os mundiais a realizar no Vale do Jamor, acreditando que a equipa feminina portuguesa poderá obter um quarto ou quinto lugar. «Temos algumas boas atletas, mas falta-nos a quantidade para poder pensar num primeiro lugar», afirmou a atleta para quem a equipa norte-americana é a que reúne maior afavoritismo.

A Comissão Técnica da Federação Portuguesa de Atletismo reúne hoje à tarde, para a escolha dos atletas a convocar para o estágio do campeonato mundial do dia 24 no Jamor.

Classificações

Seniores masculinos: 1.º Fernando Mamede, Sporting, 34.10; 2.º Carlos Lopes, Sporting, 35.03; 3.º António Leitão, Benfica, 35.15; 4.º Adelino Tavares, Salgueiros, 35.26; 5.º Rafael Marques, Sporting, 35.29; 6.º Lúcio Pereira, Plaisance, 35.31; 7.º Cidália Caetano, Benfica, 35.35; 8.º Hélder Jesus, Sporting, 35.39; 9.º Paulo Catarino, FC Porto, 35.44; 10.º José Abreu, Benfica, 35.47.

Por equipas: 1.º Sporting, 27 pontos; 2.º Benfica, 72; 3.º Salgueiros, 124; 4.º FC Porto, 147; 5.º Boavista, 191.

Seniores femininos: 1.ª Rosa Mota, CAP, 16.08; 2.ª Albertina Machado, Sporting Braga, 16.36; 3.ª Conceição Ferreira, Sporting Braga, 16.41; 4.ª Lucília Soares, Benfica, 16.48; 5.ª Rosa Oliveira, Sporting Braga, 16.57; 6.ª Leonor Costa, Várzea, 17.07; 7.ª Ana Moreira, Inter, 17.10; 8.ª Fernanda Marques, NA, Araújo, 17.25; 9.ª Rita Borralho, Benfica, 17.34; 10.ª Albertina Dias, Boavista, 17.46.

Desistência: Aurora Cunha, FC Porto.

Por equipas: Sporting de Braga, 41 pontos e Benfica, 64.

Juniões masculinos: Fernando Figueiredo, por equipas: Ases Valboenses; juniores-femininos: Alice Costa, por equipas: Grundig; juvenis masculinos: Rui Viegas, por equipas: Ases Valboenses; juvenis femininos: Ana Oliveira, por equipas: Várzea.

Ciclismo

Paulo Ferreira: o mais 'maduro'

Paulo Ferreira (Sporting) venceu ao «sprint» a prova «Maduro» em ciclismo disputada entre o Estádio de Alvalade e Charneca do Milharado (Venda do Pinheiro) num total de 128 quilómetros. O vencedor cobriu o percurso em 3.20.09 horas (média de 38.371 kms/h) seguido com o mesmo tempo de Vítor Rodrigues (Bombarralense) e Luís Domingos (Lousã).

A corrida decidiu-se ao quilómetro 26, em Lourel, quando Paulo Ferreira, Vítor Rodrigues e Luís Domingos fugiram ao pelotão. Mais tarde foram apanhados pelo individual Fernando Ventura e depois por António Pinto, Benedito Ferreira e Carlos Ferreira. Estes sete concorrentes entraram juntos no circuito e só na última volta se desfez o grupo, com Paulo Ferreira a adiantar-se aos demais concorrentes e ganhar a prova.



Firmino Bernardino

Firmino Bernardino sofreu uma queda em Caneças, na qual estiveram envolvidos mais três corredores, tendo sido transportado ao hospital com suspeita de fractura de uma perna.

O Sporting ganhou por equipas numa prova que reuniu 30 ciclistas (10 «leões», 9 do Bombarralense, 9 do Lousã e 2 individuais).

Classificação: 1.º Paulo Ferreira, Sporting, 3 h 20m 09s; 2.º Vítor Rodrigues, Bombarralense, MT; 3.º Luís Domingos, Lousã, MT; 4.º Benedito Ferreira, Bombarralense, 3.20.20; 5.º António Pinto, Sporting, 3.20.37; 6.º Carlos Ferreira, Lousã, 3.21.13; 7.º Fernando Ventura, Individual, 3.21.30.

Hóquei em patins: campeonato nacional

FC Porto: o «tri» à vista

O FC Porto confirmou em Alvalade estar no caminho do «tri» ao vencer o Sporting por 4-3 em jogo da 17.ª jornada do nacional de hóquei em patins. Com esta vitória, o FC Porto isolou-se no comando com 48 pontos, mais dois do que os segundos classificados Sporting e Sanjoanense.

A partida de Alvalade, presenciada por uma delegação do «L'Equipe», foi emotiva e de bo nível técnico, vindo ao de cima a maior maturidade do conjunto portista. Só no primeiro do segundo tempo, o controlo dos acontecimentos escapou aos nortenhos, período durante o qual imperou o jogo violento, soube «virar» o resultado. Vítor Bruno deu vantagem aos portistas, mas ainda antes do intervalo realista empatou. Após o recomeço, Trindade colocou o Sporting pela primeira vez em vantagem no marcador, mas Vítor Bruno e Alves deram avanço aos portistas antes de Realista empatar de novo, para perto do final, Vítor Hugo dar a vitória à sua equipa.

Além do triunfo em Alvalade, a jornada do fim-de-semana foi proveitosa para o FC Porto que, no sábado, ganhou em Oeiras por 5-2.

A Sanjoanense também teve dois dias proveitosos, em que obteve duas vitórias e alcançou

Sporting no segundo posto, após os 6-4 ao Paço de Arcos e os 8-3 ao Belenenses. O Cascais, cujo presidente anunciou contratar esta semana os internacionais portistas Vítor Hugo e Vítor Bruno, teve duas deslocações difíceis, mas obteve outros tan-

Realista: um desportista

Ainda estavam conturbados os ânimos numa percentagem considerável da falange de assistentes que tinham presenciado, no Pavilhão de Alvalade, um triunfo incontestado do «cinco» hoquista do FC Porto e já o excelente jogador verde-branco Realista se apressava a afirmar, perante as câmaras da RTP e para os demais representantes dos Órgãos de Comunicação Social, que o Porto vencera bem «porque praticara melhor hóquei». Mais: pediu «serenidade e calma às plateias sportinguistas», a essa hora ainda fervendo em pouca água.

Um exemplo notável de desportista que bem merecia reconhecimento oficial por parte da Federação de Patinagem, após um duelo em que nem sempre, por parte dos clubes em oposição, houve muitos apóstolos entendedores da palavra de Realista. Que o digam os golpes sofridos por Vítor Hugo, na zona occipital e no sobrolho esquerdo. Claro que sempre se poderá atribuir a choques, a acidentes de percurso: mas, não começa a ser triste e vergonhosa a onda de violência que se implanta sempre que estão frente a frente equipas azuis-brancas e sportinguistas?

N. de S.



Em Alvalade: Realista e Ramalho foram grandes obstáculos que o Porto conseguiu tornar

tos triunfos (3-2 em Sesimbra e 4-2 em Turquel), resultados que lhe valerão consolidar o quarto lugar com 39 pontos, mais três que a Juventude Viana.

Os últimos, Turquel e Valongo obtiveram uma vitória cada no fim-de-semana e ficaram mais perto dos antepenúltimos, Oeiras e Belenenses, mas devem ser estes quatro clubes que vão discutir a despromoção.

Resultados (16.ª jornada): Oeiras - FC Porto, 2-5; Sporting - Famalicense, 6-1; Sanjoanenses - Paço Arcos, 6-4; Juventude Viana - Belenenses, 6-4; Benfica - Sporting Tomar, 8-1; Académica Amadora - Olivei-

rense, 5-3; Valongo - Cascais, 2-3; Turquel - Sesimbra, 5-4. (17.ª jornada): Sporting - FC Porto, 3-4; Oeiras - Famalicense, 4-4; Juventude Viana - Paço de Arcos, 9-3; Benfica - Oliveirense, 5-5; Sanjoanense - Belenenses, 8-3; Académica Amadora - Sporting Tomar, 5-5; Turquel - Cascais, 2-4 e Valongo - Sesimbra, 5-4.

Classificação: FC Porto, 48 pontos; Sporting e Sanjoanense, 46; Cascais, 39; Juventude de Viana; 36; Paço de Arcos e Benfica, 34; Amadora, Famalicense e Tomar, 33; Sesimbra, 32; Oliveirense, 30; Belenenses e Oeiras, 26; Valongo, 25 e Turquel, 23.



5.º Ano de Saudade

O pai e mãe e irmão de José Carlos Castanheira Correia, que perdeu a vida no brutal acidente de viação ocorrido no cruzamento do Campo Grande com a Avenida do Brasil, com o autocarro da Carris (laranja) às 21.45 de dia 3-3-1980.

Com eterna saudade



DESPORTO

Rallye de Portugal

Ausências de grandes nomes tornam a Peugeot mais favorita

A dois dias do seu início, o Rallye de Portugal não apresenta este ano, infelizmente, o mesmo grau de interesse das edições anteriores. Por razões diversas, o número de equipas de fábrica e de pilotos de primeiro plano está bastante reduzido. Diga-se de passagem que, apesar do campeonato estar ainda no princípio parece que já se pensa mais no prometedor campeonato do próximo ano, que terá outros atractivos e outras novidades.

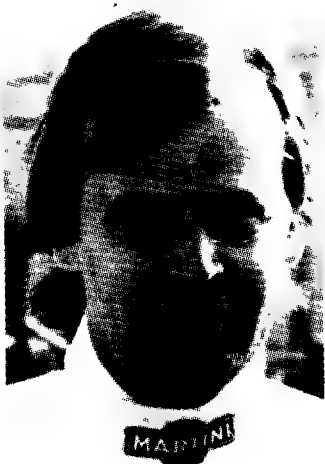
Facto positivo é todavia o número elevado de pilotos portugueses, iniciativa já que, a lista de estrangeiros não é famosa, excluída uma meia dúzia de nomes de primeiro plano.

MAIS DE UMA CENTENA

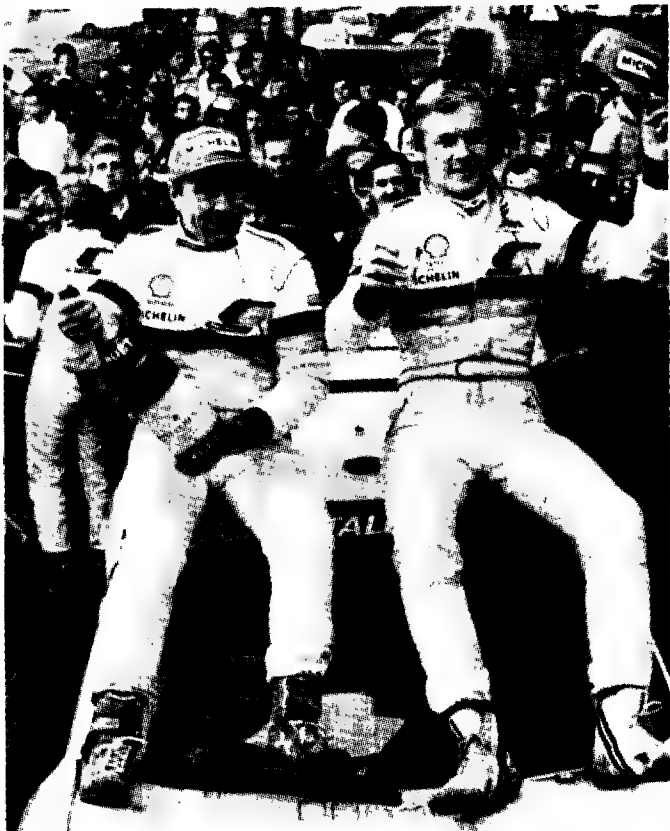
Estão inscritos para a prova portuguesa 107 equipas, embora se saiba de antemão que algumas não chegarão a alinhar, como é o caso de Hannu Mikkola e Michele Mouton. Dos restantes só na altbura se saberá.

De qualquer modo os organizadores não têm razões para se sentirem totalmente desapontados porque, reunir mais de uma centena de participantes numa prova portuguesa. Com «team» de fábrica teremos apenas a Audi, a Peugeot e a Volkswagen.

Inicialmente a Audi inscreveu quatro carros para Hannu Mikkola, Stig Blomqvist, Michel Mouton e Walter Rohrl. Com as já anunciadas desistências de Mikkola e Michele Mouton somente dois Audi alinharão na quarta-feira. Parece que já não vale a pena lutar contra o carro francês.



A Peugeot, grande favorita ao título mundial deste ano alinha



A nossa equipa de reportagem VIAJA COM

Mobil®

como habitualmente com dois carros, para Ari Vatanen e Timo Salonen, pilotos que estão agora no centro das atenções mas que nunca foram muito felizes no Rallye de Portugal, desistindo em voltas as edições em que participaram.

O único Lancia Rallye presente será conduzido por Massimo Biasion e foi inscrito pelo Jilly Club, uma equipa que ao longo dos anos vem mantendo uma presença regular na prova portuguesa.

A Volkswagen inscreveu dois Golf GTI para Jochi Kleint e Franz Wittmann, dois favoritos à vitória no Grupo A.

Entre os portugueses destaca-se a presença dos nossos melhores pilotos, como Joaquim Moutinho, Joaquim Santos, Carlos Bica, José Miguel, Mário Silva, Rufino Fontes, Santinho Mendes, Jorge Ortigão, etc.

Desta vez não teremos o habitual despique entre Joaquim Santos e Joaquim Moutinho já que o piloto da Diabolique aparece neste Rallye inscrito com um Escort 1600i do Grupo A.

Assim dos pilotos nacionais só Joaquim Moutinho terá possibilidades de se aproximar (relativamente, é claro), dos favoritos, relativamente aos restantes, o fosso está desde já estabelecido.

AS QUATRO ETAPAS

A estrutura da prova é idêntica à do ano passado mas com o número quilómetros de classificativas em asfalto aumentado.

A prova começa na quarta-feira às 9 horas, com partida do Autódromo do Estoril. Os concorrentes dirigem-se para a Serra de Sintra onde disputam as classificativas da Lagoa Azul, Peninha e Sintra, com três pas-

sagens, como habitualmente. A primeira destas classificativas tem início às 9.15 e a última às 15.50, o que quer dizer que será um dia em cheio para os entusiastas do automobilismo e com toda a certeza uma grande dor de cabeça para os organizadores, apesar dos sucessivos apelos ao público para se comportar de forma a não pôr em risco a sua segurança e a dos concorrentes.

Entretanto a organização tomou algumas medidas relativamente aos acessos, através de vários cortes de estradas no dia da prova.

Para assistir ao início da Lagoa Azul, o mais indicado é o acesso pela EN 9 (Sintra Estoril) porque, para chegar ao meio do troço é necessário tomar a

EN247-5 (Alcabideche-Janes) o que dará grandes problemas de estacionamento. Para assistir ao final o estacionamento terá de ser feito próximo da Malveira da Serra.

O acesso ao início da Peninha será feito por esta mesma estrada mas para a parte central do troço não haverá possibilidade de acesso visto que todas as estradas que aí vão dar se encontram cortadas.

Para a parte final o estacionamento e acesso deverá ser feito entre a Malveira da Serra e o Cabo da Roca. Entre este cruzamento e o Pé da Serra o trânsito estará igualmente cortado.

Para o início do troço de Sintra pode utilizar-se a estrada que liga Colares a Pé da Serra, estacionando-se nas proximidades de Almogadame visto o trânsito estar cortado ao km 8 DA EN247.

O mesmo sucede com a EN 249 entre Ramalhão e S. Pedro de Sintra e com a EN 375, entre Colares e Sintra.

Os concorrentes terminam a 1.ª Secção da 1.ª Etapa às 16.30 no Autódromo do Estoril.

A 2.ª Secção, que liga Estoril à Póvoa de Varzim, tem início às 18.30. E compreende oito classificativas, respectivamente no Gradil (19.25), Montejunto (20.30), Figueiró dos Vinhos (23.08), Campelo (23.42), Serra da Lousã (00.13), Préstimo (02.08), Vouzela (03.03) e Oliveira de Frades (03.40). A chegada do primeiro concorrente à Póvoa de Varzim está prevista para as 05.55.

A 2.ª Etapa começa às 14.30 de quinta-feira na Póvoa de Varzim e termina às 24.00. É a tradicional ronda do Alto Minho, uma das fases mais interessantes do Rallye.

A 3.ª etapa está dividida em duas secções. A 1.ª tem início na Póvoa de Varzim às 9.15 de sexta-feira com chegada à Régua às 15.20. A 2.ª Secção inicia-se às 16.15 e termina às 20.40 em Viseu.

Finalmente, a 4.ª etapa, que inclui famosa classificativa de Arganil (com duas passagens), começa às 5.00 de sábado concluindo-se a 1.ª Secção às 9.15 em Vila Nova de Poiares.

A 2.ª Secção tem início às 10.00 e termina às 15.30 em Tomar. A 3.ª Secção começa às 17.30 e inclui ainda as classificativas de Martinchel e Coruche. A prova termina às 22.30 no Autódromo do Estoril.



Palmarés

Markku Alen o grande ausente

Markku Alen, o piloto com maior número de vitórias no Rallye de Portugal será um dos grandes ausentes deste ano, tal como a Fiat que com a sua marca ou através da Lancia era um concorrente tradicional.

É o seguinte o palmarés do Rallye de Portugal:

1967

1.º Carpinteiro Albino/Silva Pereira, Renault Gordini 1300; 2.º António Peixinho/Jocames, Ford Cortina Lotus; 3.º Joseph Bourbon/Claude Bertrand, Renault Gordini 1300.

1968

1.º Tony Fall/Ron Crellin, Lancia Fulvia HF-1300; 2.º Paddy Hopkirk/Tony Nash, BMC-Cooper S; 3.º António Peixinho/Jocames, Morris Cooper S.

1969

Francisco Romãozinho/Jocames, Citroën DS-21; 2.º José Lampreia/Christian Melville, Datsun 1600-SS; 3.º Chavan/Robert Loyens, Datsun 1600-SSS.

1970

1.º Simo Lampinen/John Davenport, Lancia Fulvia HF-1600; 2.º Sandro Munari/Arnaldo Bernacchini, Lancia Fulvia HF-1600; 3.º Bjorn Waldegaard/Hans Thorzelius, Porsche 911 S.

1971

1.º Jean Pierre Nicolas/Jean Todt, Alpine Renault 1800; 2.º Simo Lampinen/John Davenport, Lancia Fulvia HF-1600; 3.º Robert Neyret/Jean Terramorsi, Alpine Renault 1600.

1972

1.º Achim Warmbold/John Davenport, BMW 2002 Alpine; 2.º Bernard Darnich/Alain Mahe, Alpine Renault 1800; 3.º Bjorn Waldegaard/Hans Thorzelius, Citroën Sm-Proto.

1973

1.º Jean Luc Therier / Jacques Jaubert, Alpine Renault 1800; 2.º Jean Pierre Nicolas / Michel Vial, Alpine Renault 1800; 3.º Francisco Romãozinho / José Bernardo, Citroen DS-21.

1974

1.º Rafael Pinto / Arnaldo Bernacchini, Fiat Abarth 124-1800; 2.º Alcide Paganelli / Nini Russo, Fiat Abarth 124-1800; 3.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Fiat Abarth 124-1800.

1975

1.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Fiat Abarth 124-1800; 2.º Hannu Mikkola / Jean Todt, Fiat Abarth 124-1800; 3.º Ove Andersson / Arne Hertz, Toyota Corola 1600.

1976

1.º Sandro Munari / Silvio Maiga, Lancia Stratos HF; 2.º Ove Andersson / Arne Hertz, Toyota Celica GT; 3.º Mequepé / João Baptista, Opel Kadett GT / E.

1977

1.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Fiat Abarth 131; 2.º Bjorn Waldegaard / Hans Thorzelius, Ford Escort RS-1800; 3.º Ove Andersson / Henri Liddon, Toyota Celica GT.

1978

1.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Fiat Abarth 131; 2.º Hannu Mikkola / Arne Hertz, Ford Escort RS 1800; 3.º Jean Pierre Nicolas / Vincent Alverne, Ford Escort RS 1800.

1979

1.º Hannu Mikkola / Arne Hertz, Ford Escort RS 1800; 2.º Bjorn Waldegaard / Hans Thorzelius, Ford Escort RS 1800; 3.º Ove Andersson / Henry Liddon, Toyota Celica 2000.

1980

1.º Walter Rohrl / Christian Geistdorfer, Fiat Abarth 131; 2.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Fiat Abarth 131; 3.º Guy Frequelin / Jean Todt, Talbot Sunbeam Lotus.

1981

1.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Fiat Abarth 131; 2.º Henri Toivonen / Fred Gallagher, Talbot Sunbeam Lotus; 3.º Bjorn Waldegaard / Hans Thorzelius, Ford Escort RS 1800.

1982

1.º Michele Mouton / Fabrizia Pons, Audi Quattro Turbo; 2.º Per Eklund / Rgnar Spjuth, Toyota Celica GT; 3.º Franz Wittman / Peter Diekmann, Audi Quattro Turbo;

1983

1.º Hannu Mikkola / Arne Hertz, Audi Quattro Turbo; 2.º Michele Mouton / Fabrizia Pons, Audi Quattro Turbo; 3.º Walter Rohrl / Christian Geistdorfer, Lancia Rally.

1984

1.º Hannu Mikkola / Arne Hertz, Audi Quattro Turbo; 2.º Markku Alen / Ilka Kivimaki, Lancia Rally; 3.º Attilio Bettega / Maurizio Perissinot, Lancia Rally.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips Cetra

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.

CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS

R. Cidade de Bolonha, 1-B - R. Cidade de Bolonha, 1-B - R. Cidade de Bolonha, 1-B - R. Cidade de Bolonha, 1-B - R. Cidade de Bolonha, 1-B

Telex: 33 10 22 - 31 72 73 - 33 37 07

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Fala sobre o medo e outras falas

PARTO - HISTÓRIA DE UMA SOLIDÃO, de Manuel Cintra. **Encenação e Cenografia:** Manuel Cintra. **Interpretação:** Manuel Cintra e Lídia Maria. **Ciclo Teatro de Novos Autores.** Estreia: SPA, 11-2-1985.

O segundo espectáculo do ciclo Teatro de Novos Autores, iniciativa da SPA, deu a voz a um actor que se tem produzido naquele espaço, nomeadamente com o monólogo «Diário de um Louco». Desta vez, Manuel Cintra surge como dramaturgo, além de encenador e cenógrafo, e ainda de intérprete na companhia de uma actriz, jovem também, Lídia Maria.

«Parto» é mais um texto confessional em que o autor assume várias máscaras da cidade que ele funde numa só e excessiva

máscara: a de um marginal que se vai transformando num ser compósito, violador e assassino.

A personagem revela-se ao longo do espectáculo breve numa espiral que parte do encontro com o sentimento do medo, passa pelo relacionamento agressivo com a mãe e termina no assassinio de uma outra mãe, cujo filho ele esfaqueia no próprio ventre. Isto depois de outras passagens pela zona da agressão incluindo o estupro de um menor. As palavras de Manuel Cintra, carregadas de

obscenidade, procuram traduzir essas várias tensões que se cruzam na personagem e no comparsa que com ele se cumplicia ou distancia (através da narração), e constituem um discurso teatralmente falhado mas literariamente, por vezes, de grande beleza já que o autor conseguiu escapar aos clichés que espreitam constantemente este tipo de texto que, aliás, parece mais próximo da poesia que do teatro.

A interpretação dos dois actores procura na sobriedade, na discrição, na leitura quase branca, o outro lado dos acontecimentos como se o horror pudesse ser ainda maior na zona de tranquilidade, de transparência que ambos criam. Aliás, o cenário parece ir no mesmo sen-

tido: desdramatizar o espaço para que nele o texto surja com a violência que o marca.

Estes elementos, à primeira vista interessantes, não bastam para constituir um espectáculo verosímil. O espectador acaba por sair frustrado perante a insuficiência de um discurso teatral excessivamente óbvio que pode servir como forma de alívio de tensões pessoais mas não chega para criar a ligação com o outro (o público). Talvez a leitura deste texto seja mais interessante: num espaço cénico ele surge como uma afirmação gratuita na violência e agressividade que quer denunciar.

Carlos Porto

Segunda morte de Sócrates

APOLOGIA DE SÓCRATES, de Platão. **Adaptação e Encenação:** Luciana Pacciani e Domingos Semedo. **Interpretação:** Domingos Semedo. **Produção:** Théâtre Les Trois Coups (Suíça). Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II. 13.2.1985.

Vi há anos em Madrid um espectáculo de Adolfo Marsillach sobre Sócrates que era um gosto de se ver porque conseguia mostrar-nos a personalidade do célebre ateniense através de um espectáculo teatral emocionante. Foi outro o projecto do Domingos Semedo, actor português há muito radicado na Suíça, e que apresentou em tempos na SPA um monólogo que na altura me pareceu interessante.

Esta «Apologia de Sócrates»

apresenta-se como um discurso dirigido pela personagem aos membros do tribunal que o julga e que o condenarão à morte. Na noite da estreia do espectáculo em Lisboa o actor pareceu-me fisicamente diminuído e incapaz de controlar o texto português que não teria preparado tão bem como seria para desejar. Habitualmente a utilização de vozes gravadas (Varela Silva), em vários momentos do discurso, este resulta-

palavras francesas.

No entanto, se estes percalços teriam solução com uma maior rodagem do espectáculo, o que me pareceu irremediavelmente condenado foi o projecto em si mesmo. Debitar o texto do Platão, pelo menos sem um trabalho dramático e de encenação minimamente capaz, parece-me empresa votada ao fracasso. Mais vale ler o texto em casa.

Não há teatro sem um mínimo de tensão dramática, sem um ritmo, sem uma relação entre vozes exteriores e interiores, entre um corpo que se movimenta e aqueles que enfrenta. Ora, não obstante a utilização de vozes gravadas (Varela Silva), em vários momentos do discurso, este resulta-

va como uma palavra enfadonha em que a personagem não conseguia atingir o espectador nem pelo raciocínio nem pela emoção.

Acresce a isto a desnecessária utilização de elementos cenográficos de carácter arqueológico — ruínas de colunas — que em vez de darem a atmosfera, como se quereria, pesavam sobre o actor, pela sua inutilidade, porque não operavam como signos. Só em cena, o intérprete ter-se-ia defendido melhor.

Em resumo, «Apologia de Sócrates» foi um mau serviço que Domingos Semedo prestou a si mesmo já que me parece ser um actor capaz de cometimentos minimamente interessantes de que aqui não se mostrou capaz.

OLHE O PERIGO
DE
FRENTE!



Vem aí Atahualpa Yupanqui!

Atahualpa Yupanqui, o grande trovador da América Latina, argentino, 77 anos, filho de mãe basca e pai crioulo, vai estar esta semana em Lisboa (6 de Março, Aula Magna, 21.30) e Porto (dia 9, Rivoli, 21.30) com a sua guitarra e os «milongas».

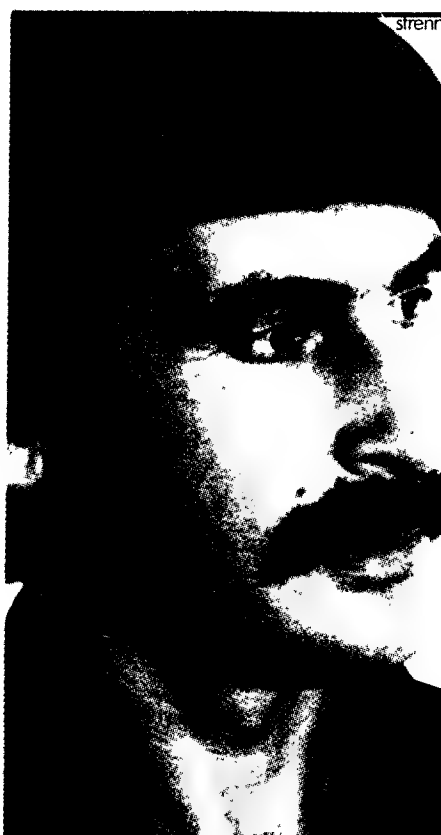
Também poeta e escritor, Atahualpa teve papel destacado, nos anos 60, no renascimento da música popular argentina. A sua fama correu os continentes, com destaque para memoráveis con-

certos em Espanha, França, Japão e na generalidade dos países latino-americanos.

Em Cosquín, onde desde 1961 tem lugar, anualmente, o Festival Nacional de Folclore, foi criado em 1971 o Teatro Atahualpa Yupanqui, em homenagem ao seu papel na criação e divulgação da música popular argentina.

«Há tempos deixei de lado o velho hábito de fazer um pro-

grama formal, música por música. Prefiro cantar o que o coração me dite cada vez que eu tenha que cantar, assim, abertamente. Queira Deus que me rodeie um público afecto ao intimismo. Porque assim, eu poderia dizer as minhas melhores coisas, como se cada ouvinte se envolvesse em sua própria solidão», sublinhou recentemente o grande poeta e trovador das pampas.



VITORINO
no Coliseu
Produção **CONCERTO**
16/17 Março 85 21.30
Apoios: **Rádio Comercial**
EMI VALENTIM D. CARVALHO



A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. Joao de Deus 13B • R. de Macau 8-1 • LISBOA

Hoje

RTP1



No programa Aplauso desta noite, na RTP-1, podemos ouvir Michel Sardou

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

- 18.17 Notícias
- 18.22 Tempo dos Mais Novos
- 19.00 Teleregiões
- 19.20 Computadores — o nono programa.
- 19.45 Boletim Meteorológico para a Agricultura
- 20.00 Telejornal
- 20.27 Boletim Meteorológico
- 20.35 «Chuva na Areia» — 41.º episódio.
- 21.10 Aplauso — Michel Sardou. Um instante de felicidade, a força tranquila de Michel Sardou.
- 22.10 «Uma História de Amor» — «Um Homem Dedicado». Intérpretes: Alec McCowen e Joan Plowright. Realização de Robert Knights.
- 23.10 Último Jornal

RTP2

- 19.32 Desenhos Animados
- 20.05 RTP/Açores — «O Correto - 2».
- 20.30 «Guilherme de Orange» — 9.º episódio.
- 21.25 «A Sucessora» — 41.º episódio.
- 22.00 Jornal da Noite



Exibe-se na RTP-2 o 9.º episódio da série «Guilherme de Orange»

Amanhã

RTP1

RTP2

13.35: Ciclo Preparatório TV: 18.15: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 19.00: Teleregiões; 19.20: Música da América; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Grande Informação; 22.00: «Cagney e Lacey»; 22.50: Especial Rai; 23.00: Último Jornal.

19.32: Desenhos Animados; 19.55: Conheça Melhor; 20.20: Festival de Música de Bratislava; 21.25: «A Sucessora»; 22.00: Jornal da Noite

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1

«Uma História de Amor»
(22.10)

RTP2

«Guilherme de Orange»
(20.30)

CHUVA NA AREIA

Amélia e Augusta vêem as modas das lojas de modas da vila. Augusta procura convencer a amiga a comprar um vestido mas esta mostra-se confusa. Augusta aconselha-a a comprar mais revistas de modas para escolher o fato com mais calma. Joaquina chora tristemente na cozinha da pensão. Guida procura saber o que se passa e a empregada conta-lhe que o neto morreu em Angola. Nunes e Guida procuram consolá-la dizendo-lhe que ela sempre pertenceu à família deles. Oferecem-se mesmo para a levarem a casa da filha onde poderá passar uns dias. Mas Joaquina tudo recusa. Prefere trabalhar para esquecer... Mimoso vai visitar o padre Correia procurando conselho e apoio moral.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Tel. 2112871

Heróis de papel

Festa na Sobreda

Sobreda-BD/85

Começou esta manhã na Sobreda da Caparica a IV Jornada de Banda Desenhada de expressão latina, com iniciativas que se prolongam até ao próximo dia 10 de Março.

A iniciativa, organizada pelo Clube Desportivo e Recreativo Verde Atlântico, Jornal de Almada e Câmara Municipal de Almada, é sobretudo fruto da acção de Luis Beira, um incansável divulgador da Nona Arte no nosso país.

Estarão expostas criações de todos os países de expressão latina, e ainda de Moçambique e Guiné-Bissau. A «Sobreda-BD/85» vai ainda homenagear este ano Hergé (no segundo aniversário da sua morte, ocorrida em 3 de Março de 1983), Jacques Martin, Franco Caprioli e o português Fernando Bento. Se afazeres profissionais nos não tivessem «empurrado» durante todo o dia de hoje para outras latitudes, nós próprios estaríamos na Sobreda, para uma breve evocação dos dois primeiros autores.

Mas, como é evidente, não será a nossa ausência motivo para esperar menos desta exposição. Ela será complementada com uma feira durante toda a semana. No próximo sábado, o papel do editor de BD em Portugal será objecto de um colóquio animado por Chaves Ferreira, das Edições Futura e director de «O Mosquito». Serão ainda entregues os prémios aos trabalhos melhores classificados no concurso promovido por ocasião da exposição, seguindo-se uma homenagem e convívio com Fernando Bento.

Banda Desenhada continua a ser notícia na Outra Banda. No



Uma Organização Cultural Promovida por:
- CLUBE DESPORTIVO E RECREATIVO VERDE ATLÂNTICO (Sobreda da Caparica)
- JORNAL DE ALMADA - CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Montijo, chegam até nós informações sobre o segundo concurso-exposição de BD do Montijo, integrado nas comemorações do Dia Nacional da Juventude e Ano Internacional da Juventude.

Os trabalhos concorrentes deverão ser entregues até 15 de Março na Câmara do Montijo,

com um mínimo de três pranchas. Todas as obras serão expostas, entre 28 de Março e 14 de Abril, na Casa dos Magistrados, mas os cinco primeiros classificados recebem prémios pecuniários entre 10 (1.º prémio) e três (5.º prémio) mil escudos. O regulamento completo pode ser obtido no edifício da Câmara do

Carlos Pessoa

Montijo, mas um telefonema também pode esclarecer dúvidas.

Já aqui falámos disse, mas vale a pena recordar: a Associação de Estudantes de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa continua a receber originais para o 3.º Concurso-Exposição de BD, até ao próximo dia 11 de Abril. Ora vamos lá a puxar pelos originais metidos na gaveta, ou a aguçar a imaginação e o engenho para dar resposta a todas estas solicitações!

Posto em dia este «expediente», continua a não sobrar muito espaço para o movimento editorial, que regista vitalidade «quanto basta» e algumas novidades de peso.

Por hoje, acuse-se a recepção de três edições de origem e conteúdos diversos. Trata-se de mais um volume da Antologia da BD Clássica da Futura, com as «Aventuras de Dick», por Neil O'Keefe e Max Trel, lançadas em 1947 pelo King Features Syndicate. Estrutura narrativa clássica, com textos de rodapé, mas uma certa frescura de traço e algum empenho na construção de cenários e figurinos, como bem assinala José Matos-Cruz em texto introdutório à obra (uma bela ideia que bem poderia fazer escola).

Das bandas da Meridiana, dois registos de bela urdidura: «A Tribo Fantasma», terceiro título da segunda série das aventuras do Tenente Blueberry, por Charlier (texto) e Giraud (desenho), e «Os Herdeiros Selvagens», de Hermann, às voltas com a saga de Jeremiah. Duas magníficas obras que só colocam um problema: são ambos de compra obrigatória.

“Nunca vi nada tão belo”

Arqueólogos egípcios descobrem o maior sarcófago de sempre

Arqueólogos egípcios desenterraram terça-feira um magnífico sarcófago de pedra, com três mil anos, o maior jamais encontrado de um primeiro-ministro do antigo Egipto — revelou ontem o líder da expedição.

Uma equipa da Faculdade de Antiquidades da Universidade do Cairo descobriu o sarcófago, de 24 toneladas, talhado em granito cor-de-rosa, em Sak-kara, próximo da capital egípcia — indicou Sayyed Tawfik.

«Não há outro sarcófago como este» — garantiu o líder da expedição — «é muito maior do que o do (faraó) Tutankhamun.»

Tawfik, reitor da Faculdade de Antiquidades, disse que o sarcófago pertencia a Nephrenbet, um primeiro-ministro do faraó Ramses II, que governou por volta de 1300 a.C.

Muitas autoridades têm identificado Ramses II como o faraó que estava no Poder quando Moisés conduziu os judeus para fora do Egipto ao longo do Mar Vermelho.

O sarcófago descoberto estava vazio — referiu Tawfik. Antigos ladrões de túmulos fizeram um buraco na parte de baixo

para retirar os tesouros que teriam sido enterrados com a múmia, a qual desapareceu também.

Tawfik disse ter ficado especialmente impressionado com o estilo único e elaborado das decorações exteriores, normalmente encontradas apenas em caixões de madeira.

Além de representações de deuses e rituais religiosos noutras partes do sarcófago, a imagem do homem morto foi pintada com «cores maravilhosas» — salientou o líder da expedição.

«Até os olhos foram pintados com sombra para escurecer as sobrancelhas.» — sublinhou Tawfik — «Trabalho como arqueólogo há 30 anos e nunca vi nada tão belo.»

A equipa de arqueólogos e operários levantou a tampa do sarcófago, que pesa sete toneladas, utilizando roldanas, cordas e correntes. Tawfik crê que serão precisas mais duas semanas para içar a parte de baixo do féretro.

O sarcófago deverá ficar exposto no museu da Faculdade de Antiquidades, no Cairo.

Concerto no Vitória

Esta noite, às 21 horas, efectua-se no Centro de Trabalho Vitória, do PCP, um concerto de música em que participam Aníbal Lima (violino), Armando Vidal (piano), Isabel Pimentel (viola) e Fernando Serafim (tenor).

Serão interpretados trechos e canções de Luís de Freitas

Branco, Kroner de Vasconcelos e Fernando Lopes GGrça.

Trata-se de uma iniciativa da Comissão Cultural da SIP da DORL da organização partidária acima mencionada, designada por «Ao vivo a música, os ouísos».

Entrada livre.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: Informação regional; 18.05: A galta dos sete tolos; 18.50: Informação e música; 20.00: Música; 20.30: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Cozinha económica; 21.30: Noite de luar; 22.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

18.00: Ciclo João Sebastião Bach; 18.32: A música de piano na era romântica; 18.55: Hoje pode ouvir...; 19.00: Música do século XX; 19.30: O cravista Colin Tilney; 19.45: Sopranos célebres; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.28: A Sinfonia n.º 7; 17.55: Hoje pode ouvir no Programa 2; 18.00: Um poema; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 19.00: Música de Johannes Brahms; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.03: Música de câmara; 20.40: Música orquestral; 21.15: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: Tempo de bailado; 22.00: O canto e os seus intérpretes; 23.00: Intercâmbio musical; 00.10: Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 10, de Dvorak; 00.50: Pode ouvir no Programa 2, a partir das 8 horas; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (263, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rádio das cinco; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em M; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Pé de vento; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Meio-tarde; 16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

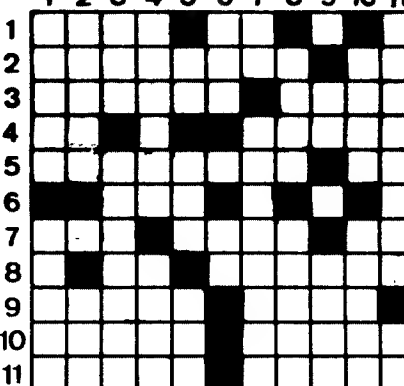
palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 370

HORIZONTAIS:

- 1 Pronome indefinido. Artigo indefinido. Tempo do verbo ser.
- 2 Separais. Clima.
- 3 Darei mios. Pequeno pássaro dos campos.
- 4 Deus dos pastores. Unam pelo casamento.
- 5 Ossuários. Segula.
- 6 Suíxo que designa pequenez.
- 7 Bils. Transpirar. Saliênte de Júpiter. (inv.)
- 8 Tempo do verbo ser. Focinho saliente, muito alongado.
- 9 Cação seco. Guarnecer de asas.
- 10 Fazer horas, matar o tempo. Nome de jogo.
- 11 Cidade do Japão. Freguesia do concelho e distrito de Viseu.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Guimarães. Indivíduo do sexo masculino em relação aos seus pais.
- 2 Cantigas. Uma das Cidades.
- 3 Doulora. Lê letra por letra.
- 4 Que são do ar. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil em Mato Grosso. (lv)
- 5 Preposição. Chefe etíope. Agora.
- 6 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que hai ohi Nome antigo da nota musical dó.
- 7 Nota musical. Colega.
- 8 Transpirar. Tornar a cor da roupa.
- 9 Reis. Sugo o leite materno.
- 10 Rio do estado do Pará. Açôes.
- 11 Urdilra. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

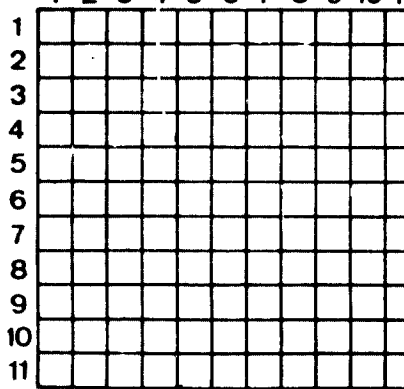
Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 210

HORIZONTAIS:

- 1 Um dos estados do Brasil. Tribo de índios do Brasil, em Mato Grosso.
- 2 Acorrentaremos.
- 3 Extraí. Nome de homem.
- 4 Príncipe de Novogárdia. Pronome reflexo. Gálio (s.q.).
- 5 Preposição e artigo. (pl). Reproduzira.
- 6 Parte superior da ramagem das árvores. Chefe etíope.
- 7 Sanificara.
- 8 Cidade de França. Acrescentando uma vogal, é árvore indiana, de fibras têxteis. Antes do meio dia.
- 9 Tempo do verbo haver. Estimara. Soltário.
- 10 Pancadas com moça.
- 11 Ligue. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VERTICAIS:

- 1 Lasca de madeira para embutidos. (Bras). Antigo peso de Malaca.
- 2 Alados. Rádio (s.q.).
- 3 Involuntares. Pecado
- 4 Lavar
- 5 Zomba. Cavaleiro russo recrutado em certas regiões do sudoeste da Rússia.
- 6 Deus dos pastores. Coisa encharcada em água. Ruim.
- 7 Enrugado.
- 8 País. Freguesia do concelho de Coimbra.
- 9 Tornara amigo. Abreviatura de Santíssimo.
- 10 Preposição e artigo. Aves trepadoras.
- 11 Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Guarnecemos de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 369

HORIZONTAIS:

- 1 CADA. MACACO
- 2 Aries. TOROS.
- 3 Me. RECORRAS.
- 4 Bicou. RAU.
- 5 Amomo.
- 6 Alma. Me. Ara.
- 7 Ivá. Gand.
- 8 Ar. Artelho.
- 9 Aal. Ar. Es.
- 10 Na. Charedas.
- 11 Outlo. Ama.

VERTICAIS:

- 1 Cambrala. NO.
- 2 Arel. LVI. Au.
- 3 Di. Câmara.
- 4 Aero. Aca.
- 5 SEU. GALHO.
- 6 Amar.
- 7 Atomentara.
- 8 Corão. Deram.
- 9 Arruma. Da.
- 10 Coa. Or. Hea.
- 11 Oso. Acoosa.

PROVERBIO Cada macaco no seu galho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 209

HORIZONTAIS:

- 1 Epidouro. Co.
- 2 Notas. Edea.
- 3 Nios. Afimam.
- 4 As. Croa. Sa.
- 5 Avia. Jia.
- 6 Criam. CCC.
- 7 las. Buscara.
- 8 Asa. Abar.
- 9 Diabos. VA.
- 10 Avó. Ir. Ano.
- 11 Sassa. Era.

VERTICAIS:

- 1 Enna. Ciaras.
- 2 Poisaras. Vá.
- 3 Ito. Visados.
- 4 Dás. Ia.
- 5 As. Cambrala.
- 6 Ar. Br.
- 7 Refojos.
- 8 Odiar. Casar.
- 9 Ne. Acab. Na.
- 10 Caás. Cravo.
- 11 Marcara.

COTACÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	68870	74870	
ALEMANHA FED (marco)	54800	55810	
AUSTRIA (zelin)	7960	7980	
BÉLGICA (franco)	28520	28720	
BRASIL (cruzado)	8030	8080	
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	130885	132885	
(notas de 5 e 1000)	131815	133815	
DINAMARCA (coroa)	15905	15945	
ESPAÑHA (peseta)	8926	13048	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	181850	183850	
(notas de 5 e 1000)	182800	184800	
FINLÂNDIA (marca)	25895	26855	
FRÂNÇA (franco)	17865	18835	
HOLANDA (florim)	47870	48870	
IRLÂNDIA (libra)	168860	172860	
ITALIA (lira)	8079	8089	
JAPÃO (iene)	8667	8702	
NORUEGA (coroa)	18875	19825	
REINO UNIDO (libra)	194825	198825	
SUECIA (coroa)	19800	19860	
SUIÇA (franco)	83800	84810	
VENEZUELA (bolivar)	10890	11890	

Observações.

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

BABILÓNIA

Av. Elias Garcia, 362-D

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇAFANTASMAS

ÁVILA

539930

Av. Duque de Ávila, 92A

Às 14.45, 18, 19.10, 21.45 e 23.45
- Int. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
6.ª Semana
Preço especial 125\$00

AVIS

547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
COELHINHOS NA CAMA

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

CASTIL

530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
ESCAFALOSO
Preço especial 125\$00

CINE BLOCO

55682

R. Pinheiro Chagas 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
A ÚLTIMA GOLPADA

CINE CAMÕES

324194

R. do Loreto 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O HOMEM-LEÃO

CINE 222

579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.
ESTRADA DE FOGO

CINESTÚDIO LIDO

937593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
- M. 18 a.
IMAGEM QUEBRADA

CINE-PLAZA

930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
1984

2000

2100055

Av. B. Voluntários, 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O PRISIONEIRO DO UNIVERSO PERDIDO

EDEN

320768

P. Restauradores 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEVERLY HILLS COP, O CAÇAPOLÍCIAS
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
O MANEJO DE FERRO CONTRA A GULHOTINA VOADORA

ESTUDIO

555134

Al. Afonso Henriques 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS
Preço único 125\$00

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83 B

Às 15, 17, 19, 21.30
- M. 12 a.
METROPOLIS

HOLLYWOOD

802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16, 17.45, 19.30, 21.30 e 24
- M. 12 a.
BROADWAY

SALA 2

Às 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a.
PARIS TEXAS

IMPÉRIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
ESCAMALOSO
Preço único 125\$00

LIDO

937593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
O MARGINAL

MONTECARLO

681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
DOM CAMILLO
Preço reduzido 100\$00

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
AMOR EM PERIGO
3.ª Semana

ODEON

326283

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
O COMBOIO NAZI DO PRAZER

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O ÚLTIMO FÓLEGO



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de
FRITZ LANG por **GIORGIO MORODER**.
Em exibição no **ESTÚDIO 444**.

POLITEAMA

326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
NOITES DE NEW YORK

QUARTETO

771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 16 a.
AOS NOSSOS AMORES
Às 23.30 - M. 18 a.
BULLIT

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
JANELA INDISCRETA
Às 23.30 - M. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO

SALA 3
Às 14.10, 16.45, 19 e 21.15
- M. 6 a.
DESTRABADO DO TÁXI AMARELO
Às 23.30 - M. 18 a.
O OFÍCIO DE MATAR

SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ULTRA-SECRETO
Às 23.30 - M. 18 a.
AMOR ENTRE MULHERES

QUINTETO

573407

R. Actor Taborda, 2-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
TOP SECRET, ULTGA-SECRETO
Às 24 - Int. men. 18 a.
O HOMEM-TERMINAL

ROMA

TEL 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

SAO JORGE

579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Estreia às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
PASSAGEM PARA A ÍNDIA

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 16 a.
EUREKA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.15
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

7.ª ARTE

730715

Av. República a E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
Preço único 125\$00

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM

706666

E. de Benfica, 723 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 12 a.
A ESTRADA DO FOGO

VOX

880808

Av. Fr. Miguel, 10, entre as J. 8-9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O HOMEM DOS DOIS CÉREBROS

XENON

368480

Av. da Liberdade, 4

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 DA MANHÃ

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - «Revolta no Pacífico», às 21.30 (6 anos)

ALFA-3 - «O Caça-Polícias», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)

TERMINAL - «Histórias de Desenhos Animados», às 21.30 (Todos)
ZODIACO - «A Face do Poder», às 21.45 (13 anos)

FONTE NOVA - Sala 1 - «O Último Fôlego», às 21.15 (16 anos)

FONTE NOVA - Sala 2 - «O Mistério de Gorky Park», às 21.45 (12 anos)
TIVOLI - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

MUNDIAL - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO - «A Corneta Infernal», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - «Garota Apetecida», sessões permanentes (18 anos)

RESTELO - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO ACS - «Tubarão», às 21.30 (18 anos)

CITY-CINE - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)
LONDRES - «Amadeus», às 21.30 (12 anos)

PROMOTORA - «As Rainhas do Karate», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Os Tarados do Rio Louco», às 21.30 (12 anos)
ESTORIL - Casino - «Os Taxistas do Ritmo», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS - Impala - «Férias Quentes», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «O Dia Mais Longo», às 21.15 (16 anos)
ALMADA - Academia - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)

ALMADA - Cine-estúdio - «Sheena, a Rainha da Selva», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano -

Sala 1 - «Os Compadres», às 21.30 (12 anos)
Sala 2 - «O Vingador da Noite», às 21.45 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia - «Os Caça-Fantasma», às 21.30 (6 anos)

CACÉM - Cine-estúdio Flores - «Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão», às 21.30 (12 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaby - «O Bando de Jesse James», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Splash, a Sereia», às 21.30 (6 anos)

Porto

COLISEU - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)
RIVOLI - «O Destrabado do Táxi Amarelo», às 21.30 (Todos)

BEBÉ - «O Agente da Broadway, Danny Rose», às 21.45 (12 anos)
AGUIA - «O Instrutor de Kung Fu», às 21.45 (13 anos)

FOCO - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «O Último Executor», às 21.30 (16 anos)
BATALHA - «A Batalha de Bronx», às 21.45 (16 anos)

SÃO JOÃO - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (12 anos)

NUNO ALVARES - «Os Compadres», às 21.45 (16 anos)
TRINDADE - «A Mulher Pública», às 21.45 (16 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - «O Grande Filão», às 21.30 (16 anos)

LUMIÈRE - Sala A - «Os Amigos de Alex», às 21.15 (16 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «Já Sou Mulher», às 21.45 (12 anos)

CHAPLIN - «O Soldado», às 21.30 (18 anos)
TERÇO - «Falcão, o Grande Chefe Índio», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AREIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BOA-HORA: Sepol. C. da Boa-Hora, 94A (T. 852611); CAMPO D'OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); CASTELO: Silva, C. de Santo André, 16 (T. 862074); CHILE: Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 750487); FEIRA POPULAR: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); GRAÇA: Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); LUZ - 2.ª CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); MARQUÊS DE POMBAL: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); RATO: Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gasta, 30-32 (T. 381279); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881404); BAIXA: Simões Pires, R. da Prata, 115 (T. 362350); BENFICA: União E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); CAMPO D'OURIQUE: Lobel, R. Infante da Manhã, 16 (T. 688807); MARQUES DA FRONTEIRA: Romil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438);

teatros

Lisboa

TRINDADE - «Crisântemos ou Malmequeres», às 21.30 (12 anos)

farmácias

21677). Permanente; Costa, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

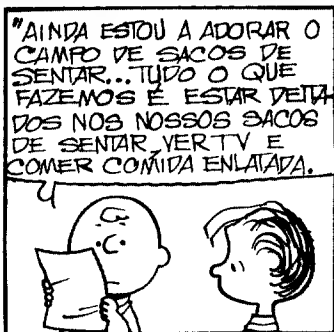
ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Grampo, 2-B (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 19 horas; **OERAS:** Oeiras, L. Almirante Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **NOVA OERAS:** Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723); **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE:** Alair, B. Gago Coutinho, Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL:** São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEROS:** Amarel, 22 horas; **QUINTA DAS ENCOSTAS:** (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani; **MADRONA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Lopes, R. Hangar,



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 308740
Serviço de notícias (após das 21h)
Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Medida: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR BAIXA-MAR	
1.04 3,6 m 6.56 1,3 m	
13.36 3,6 m 19.09 1,3 m	
Dia 5	
1.50 3,9 m 7.40 1,0 m	
14.19 3,6 m 19.53 1,0 m	
TEMPERATURAS DO AR AS 6 HORAS:	
VIANA DO CASTELO	7°
BRAGANÇA	1°
VILA REAL	4°
PORTO	6°
COIMBRA	5°
CABO CARVOEIRO	10°
PORTALEGRE	2°
LISBOA	7°
ÉVORA	6°
BEJA	5°
FARO	8°
SAGRES	12°
PONTA DELGADA	11°
FUNCHAL	14°

Rádios Livres: encontro em Abrantes

Legalização vem de longe: organização já chegou

O movimento está a crescer a olhos vistos e procura organizar-se nacionalmente, mas a hora da legalização ainda vem longe.

Ao repto lançado pela Rádio Antena Livre (RAL), de Abrantes, responderam 21 rádios livres de todo o país: o encontro de reflexão e convívio realizado no passado sábado naquela cidade, aprofundou o tema proposto, «Os Desafios da Rádio Local», e lançou as bases de uma organização a nível nacional.

Dali saiu uma estrutura coordenadora do movimento das rádios livres portuguesas, integrada pela RAL, Rádio Impacto (Montijo) e TSF (Lisboa). Unidades de «combate» para o diálogo com o Poder, defenderam os participantes. Mas também mandatada para estudar as formas que deve assumir a futura associação das rádios livres.

Este esforço de organização corresponde, naturalmente, a uma necessidade manifestada ao longo dos trabalhos. O isolamento dos que ocupam localmente as ondas hertzianas, a sua vulnerabilidade face à acção repressiva dos serviços técnicos dos CTT, e o desejo de trocar experiências e ideias, assim o exigem.

Paralelamente, as rádios livres, insistiram em que a discussão da legislação que as contempla, seja agendada tão rapidamente quanto possível para Assembleia da República, «como forma de ultrapassar o actual impasse».

A isto se poderia resumir o conteúdo essencial do encontro

do passado sábado: pragmatismo evidente dos animadores das rádios livres, sobretudo empenhados em tentarem, uma vez mais, organizar-se nível nacional.

Mas tudo tem um reverso: a recente ofensiva da RDP, que já começou a desenvolver um processo de «regionalização» radiofónica, não suscitou qualquer reacção significativa, nem parece ser encarada com seriedade pelas rádios livres.

Estratégias diversas

Em ano de eleições autárquicas e presidenciais, a legalização das rádios livres e locais não parece provável. Da Assembleia da República continua sem sequer agendar os diplomas que contemplam esta matéria, e que o Governo já aprovou em meados do ano passado.

De um ponto de vista técnico, é sabido que não há qualquer obstáculo, como insistentemente tem sido afirmado pelo secretário de Estado das Comunicações. A atribuição de frequência pode ser iniciada a qualquer momento, segundo um plano pré-existente, e que aponta para a disponibilidade de uma estação local de radiodifusão em cada centro urbano de mais de 10 mil habitantes.

Então, porque continua tudo como há um ano atrás, por ocasião do primeiro encontro realizado em Abrantes?

Ao contrário do que o deputado José Niza (PS) afirmou em Abrantes, não parece haver sintonia entre todas as instâncias

do Poder, quanto ao problema. Se Almeida Santos, Anselmo Rodrigues e Raúl Junqueira, assim como os grupos parlamentares, estão de acordo em legalizar o mais depressa possível as rádios livres, porque continuam ilegais?

Pelo contrário, tudo levará a crer existirem estratégias diversas. A «regionalização» da RDP já começou, apontado curiosamente, para zonas onde as rádios livres locais tem surgido como cogumelos - é o caso da Beira Interior, onde há emissores em Seia, Gouveia, Covilhã e Castelo Branco.

As autarquias apressaram-se a dar a sua concordância, o que é natural: um dos fortes apoios do movimento, tem vindo precisamente do poder local, que vê nas estações locais de rádio um instrumento de divulgação das problemáticas, aspirações e desejos regionais.

Morte das rádios?

A prazo, esta «regionalização» pode constituir a morte das rádios livres. Não porque esses centros regionais de radiodifusão ocupem frequências que deveriam ser para as rádios locais: elas limitam-se a desdobrar uma programação, sem ocupação da nova frequência.

O problema está noutro lado: além de satisfazerem clientelas eleitorais, o que não é de somenos importância, Almeida Santos e Anselmo Rodrigues procuram antecipar o aparecimento de rádios locais não-controladas pelo Poder. E na medida em que a

RDP cumpra os objectivos para que surjam as rádios livres, para que autorizar a iniciativa privada?

E aqui residirá, certamente, um dos aspectos fundamentais de toda esta questão. A filosofia subjacente para além dos resultados imediatamente visíveis, continua a ser a da opção pela presença tutelar do Estado todo-poderoso e onnipotente, e esmagando toda e qualquer veleidade de organização autónoma dos cidadãos.

Torna-se, pois, claro, que o que se pretende é apostar na possibilidade de controlo político centralizado das ondas hertzianas, em vez de apostar na capacidade de afirmação das derradeiras virtualidades democráticas de um sistema, que cada vez mais cava o fosso entre si e o conjunto dos cidadãos.

Ano de mudanças

Quer isto dizer que nada mudou de há um ano a esta parte, ou que está tudo perdido para as rádios livres?

Nada seria mais errado do que uma resposta positiva. Num ano, o número de presenças em Abrantes mais do que duplicou e uma dezena de estações locais não puderam estar presentes por dificuldades materiais ou de transporte.

Os grupos parlamentares do PS, PCP e do PSD fizeram-se representar por José Niza, Luís Cachão e Anacleto Baptista, respectivamente. Estiveram sobretudo para ouvir mas a vitalidade

do movimento e a sua extensão foram assinalados, nas suas intervenções, como factores relevantes e inesperados.

As rádios locais, reflectindo sobre a legislação que prevê a sua legalização, começaram a mover-se rumo às formas de organização legalmente consagradas. decorrem processos de constituição de associações ou cooperativas de prestação de serviços radiofónicos, o que é também um dado novo.

Finalmente, acentuou-se a componente «rádio local», isto é, das emissores mais viradas para a intervenção local e regional buscando apoios nas autarquias e colectividades, em detrimento da tendência «vanguardista», sobretudo de desenvolvendo a sua acção em meios de grande urbanos de grande extensão, mais preocupadas com a desmontagem do discurso radiofónico e a reflexão sobre o quotidiano em que se movem.

Ate que ponto as duas correntes poderão coexistir no interior de um mesmo movimento? A maturidade e tolerância dos animadores de rádios livres, deverão passar, nos próximos tempos, por um teste decisivo.

Do que não restam dúvidas é que, se ainda é possível «forçar» o Poder a resolver rapidamente os problemas, antes que a sua dinâmica torne o processo incontornável, então a «maxima força» que as rádios livres puderem apresentar nessa batalha decisiva será da maior importância.

Carlos Pessoa

Igrejas profanadas em Alenquer

Duas igrejas de Alenquer, a de S. Pedro e a de Espírito Santo situadas no centro da zona alta da vila, foram alvo de profanação na sexta-feira de manhã, tendo de uma delas desaparecido uma píxide do século XVII.

Segundo informou esta manhã ao «DL» o pároco Ferreira Martins, alguém se terá aproveitado da reduzida frequência daquela hora da manhã para arrombar os sacrários das duas igrejas, fechadas à chave embora com fechaduras pouco resistentes.

Na igreja do Espírito Santo, retiraram a píxide, (o vaso das hostias) e colocaram-na no chão. Neste templo não teria sido furtado qualquer objecto.

No entanto na igreja de S. Pedro embora tivessem também arrombado o sacrário, deixaram a píxide no seu lugar, mas furtaram uma outra que se encontrava na sacristia e que tem apreciável valor por se tratar de uma peça de cinzelagem com alguma antiguidade, produzida no Século XVII.

Apenas da parte da tarde de sexta-feira se teria dado pelas profanações e de imediato foi comunicado às autoridades policiais, nomeadamente a Polícia Judiciária de Lisboa que já iniciou as investigações.

Menos hipóteses de Mengele ter morrido em Lisboa

O corpo do holandês que se encontra depositado no Instituto de Medicina Legal de Lisboa e que poderá pertencer ao médico nazi Joseph Mengele mede cerca de 1,80 metros, disse uma fonte daquele Instituto.

Este facto parece excluir tratar-se do célebre «Anjo da Morte», do III Reich, pois o caçador de nazis Simon Wiesenthal afirmou à agência austríaca APA, a pedido da ANOP, que Mengele media 1,74 metros.

Um PEUGEOT 205 novo, sem entrada e sem juros com a garantia ACP

EM 60 MESES

Dirija-se: à Sede ACP AUTOGRUPOS, Av. da República, 62-E - LISBOA (2.ª a Sábado inclusivo, das 9 às 20h, sem interrupção)

Telefones: 77 95 00 / 77 99 00 / 77 88 88 / 77 98 98

Delegação do Porto: Rua Gonçalo Cristovão, 2 - Telefones: 32 12 75 / 32 20 77

Serviços do AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL em Aveiro, Braga, Coimbra, Elvas, Faro, Valença e Funchal.

Agentes ACP AUTOGRUPOS e Agentes do Importador MOCAR, em todo o País.



Elegância 205
Conforto 205
Segurança 205
Consumo 205

4 argumentos 205 para o conquistar. Para você conquistar a estrada!

ACP
autogrupos

uma questão de bom senso

DINIS MACHADO



Págs. 2 e 3

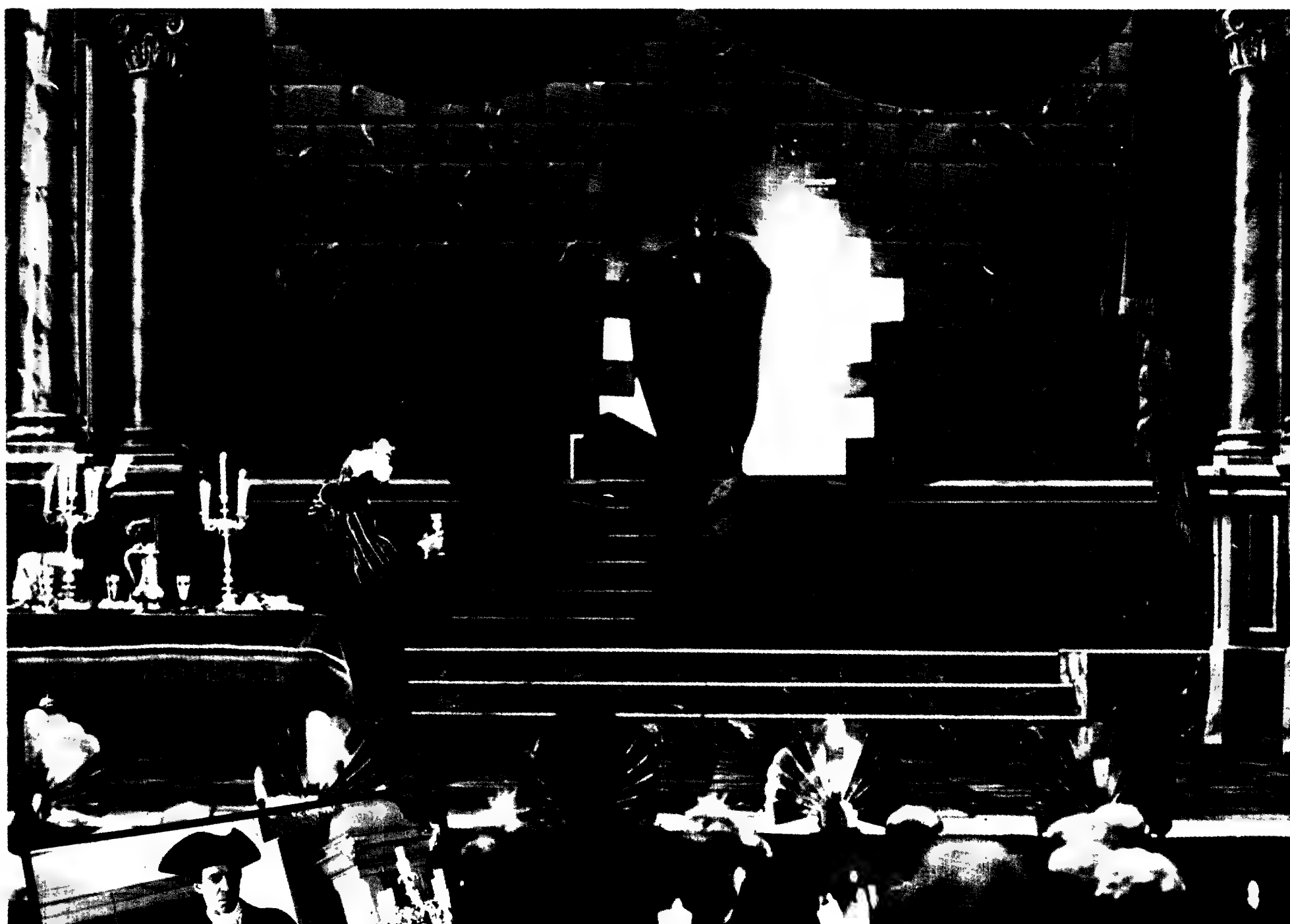


Destaque:
ECCO

Págs. 3 e 4



PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"



Um homem avisado para quem Deus não olhou (ao lado: F. Murray Abraham em «Amadeus»). Uma obra cinematográfica em comunhão com a música, a febre, o tempo de Mozart (em cima: cena da ópera «O navio fantasma» em «Amadeus»)

O «Amadeus» de Milos Forman

Págs. 4 e 5

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

DINIS MACHADO

O homem da harpa ao ombro

Telefone-lhe:

— Sou fulana de tal, li o seu último livro, gostava que nos encontrássemos.

— Com certeza. Mas eu conheço-a d'alguma parte? Peço desculpa.

Dias depois aparece-me em casa enganchado num sobretudo muito escuro e calças brancas. Enrolo-lhe ao pescoço um cachecol de lã da mesma cor das calças. Fica «passado». — É oferecido? E mexe-se, e remexe-se.

— Não, assim por fora não, é muito comprido, podem ver-me, não sou nenhum «pêssego». Isto era bom para o George Raft, um actor cheio de brilhantina e risco ao meio. Mas ele tinha «aplomb» e eu sou um tímido.

MARIA EMILIA CORREIA

Depois embica com o meu aspecto:

— O cabelo desganhado à frente não tem a ver com o que você diz. E o bân é só para as festas, quando a gente vai de fraque. A mulher sem nada nos lábios fica mais nua.

— Mas eu não vim para despir-me. De resto, sempre que olho para si lembro-me do Popeye.

Pede dois bifes, estamos numa cervejaria. São 22 horas. Confia-se: o queijo e o leitão é que me fazem mal. Sou o «winner» e o «looser», diz ele. Gostará só dos termos?

É farpante, ridente: Dinis Machado, ex-Denis MacShade, ex-Denis Belmar. Sem «ares», cavaqueador. Gosta de personagens apaixonados e entusiastas e das desgraças irónicas. Literatura, claro. A sua simpatia vai para «Bardamu» da «Viagem ao Fim da Noite» de Céline.

Ele é o autor de «O que diz Molero», 80 000 exemplares vendidos, treze edições, traduzido para espanhol, búlgaro, romeno e alemão. Do seu segundo texto, recentemente editado, «Discurso de Alfredo Marceneiro a Gabriel Garcia Marquez» dizem-se coisas e coisas e outras mais.

Há muito tabaréu que não perdoa aos celebrados.

Entre o Miller e o Borges

Veio aí um tipo do «Libération», Olivier Rolain, que anda a fazer uma recolha para um número especial dedicado ao Céline. Eu e o Tonecas (é o nome que dá a Lobo Antunes), fomos dois dos escolhidos, somos dois celínias. Entusiasmo-mo-nos. O francês fumava cachimbo mas acabou por puxar quatro cigarrilhas das minhas. É um tipo com contactos com as edições Seuil, talvez me faça sair o livro em França, que é o centro.

Há dias tive a honra ou a ironia de receber um catálogo duma editora alemã onde tenho o focinho entre o Henry Miller e o Borges. Pensei logo: andamos todos a reinar uns com os outros. Eu sou um desamparado. O Tonecas tem um agente americano excepcional. Coloca-o onde pode, é muito dedicado, carinhoso para com os seus autores. Eu estou ligado à espanhola Carmen Balsells mas tenho os sul-americanos todos à minha frente. Foi um entalço, mas lá se vai fazendo qualquer coisa. Em França o Molero andou da Gallimard para a Seuil e deu bota. Evasivas.

Um dia recebi uma carta da viúva do Cortázar que é linda e coxa e usa uma capa pelos ombros. Diz que eu sou o Garcia Marquez europeu. Uma aldrabice. Mas era uma espécie de salvação à distância. Queria ajudar-me. Nunca lhe respondi.

Apanhado pelo Transe

Quando escrevo é-me difícil pensar noutra coisa, complica-se-me a vida, fumo muito. Logo que me despaço respiro fundo. Mas o mais grave é que estou sempre com a cabeça a funcionar: O que é que vai a seguir?

«A gente nem sabe do que as pessoas são capazes para iludirem a ausência de um sentido para a vida»

(in O que diz Molero)

Esta história de se escrever é uma coisa muito esquisita. Às vezes eu pergunto-me: mas onde é que já li isto? Fui eu que inventei esta frase ou ouvi-a a alguém? Já a meti nalgum dos meus trabalhos? Acredite que não chego a saber. Imitar-nos a nós próprios é muito pior do

que imitarmos terceiros. Por exemplo: eu já escrevi uma frase e vou repeti-la. É esta: «A explicação é a seguinte». Mudei-a para: «A única explicação é a seguinte». Acho que o termo «única» dá um tom mais decisivo e é do que preciso. Ninguém sabe exactamente como acontece escrever: as frases enrolam-se para vários lados. Há sempre uma grande insegurança, procura-se, tacteiam-se as palavras. Às vezes eu conto histórias do Bairro Alto, que é o meu, ao Tonecas e ele aproveita-as. Por sua vez ele disse noutro dia: «isto é triste como a morte». Parece uma coisa desinteressante. Mas liguei-a, a espaços, a frases como: desgraçada como tudo/ feia como o diabo, etc. Desenvolvi a ideia.

Não me tenho em conta dum grande artista, mas sou apanhado pelo transe. Claro que não vivo só de escrever. Faço parte do conselho de leitura duma editora. É uma chatice quando se está a criar qualquer coisa e de per-meiio tem que se dar um parecer sobre um livro dum fulano que não interessa para nada.

A impúdica bacante e o barrete do Tonecas

O que se escreve está envolvido com o que dizemos.

E o nosso destinatário? É uma outra questão. Como é que ele vai perceber-nos? As frases circulam, dá-se-lhes uma outra entoação e são-lhes atribuídos valores ou acepções diferentes. Há ditos do quotidiano que são insignificantes, brejeiros ou até ordinários mas que, passados ao papel, adquirem o estatuto literário. Num filme, num livro, na rua, pode dizer-se ou escrever-se p... Mas no

fado, por exemplo, isso não é consentido: fala-se de metretizes, de mulheres perdidas. É um eufemismo. Lembro-me do fado «A Bacante», a impúdica bacante...

O Fado Alexandrino, que é um título do Tonecas, fui eu que lho cedi. Devo dizer que é o meu maior amigo, apoiou-me muito quando a minha mulher morreu, há um ano e meio. Passo os verões em casa dele. Agora anda com um barrete, rapou o cabelo, fez uma pelada e está constipado. Por seu lado o Cardoso Pires, também meu grande amigo, veio de Espanha e li algures que foi para Coimbra. Ando mais sozinho.

«Acho que todas as pessoas são mais ou menos infelizes, disse Mister de Luxe, mas os artistas são infelizes de outra maneira, talvez de uma maneira mais dramaticamente infeliz».

(in O que diz Molero)

O Fado Alexandrino

Mas voltando ao Fado Alexandrino, que eu ouvia em pequeno, era assim. A letra é de do Henrique Rego:

Encostada sem brio
Ao balcão da taverna
De nauseabunda cor
E tábua carcomida...

(e segue, é a história de um pintor bêbado e apaixonado)

...
Que o ébrio esfarrapado
E o rosto cheio de fome
Com voz rascante e rouca
À desgraçada deu.

O Salazar deixava

A gente tem que reconhecer que vive em liberdade. Agora é mais difícil ser contrapoder. Os jornalistas antigamente faziam fogo. O Rocha Martins, por exemplo (que era do «República»), escrevia durante 15 dias do pior. O jornal tinha uma saída extraordinária. O Salazar deixava. Finda a campanha eleitoral acabava-se a habili-

dade. O «mestre» aproveitava desses escritos, era manhoso.

Nos últimos 15-20 anos a diversificação de discursos da informação foi demasiado rápida. Não me refiro só a Portugal. A minha geração era inocente: respeitava-se a pátria, o governo, os pais, a igreja, sei lá. Esses valores estão atenuados actualmente. Europa, América. Claro que cada época tem a sua zona sensível: se estás numa seita claro que falas as mesmas falas, não há a permissão do pessoal. Mas antigamente não havia discorrimento próprio. Tudo era herdado: as palavras, a construção das frases, a própria hipocrisia. Era a regra do jogo, a conveniência.

«Ele percebia a exigência e a dissimulação, uma coisa é muitas vezes a outra.»
(in «O Que Diz Molero»)

A homocromia e os pontapés aos gatos

A minha filha, que tem agora vinte anos, está de posse de elementos que seriam impensáveis no meu tempo e com a sua idade. É uma sabedoria que elimina mitos e valimentos. Cada pessoa deve ter o seu elóquio próprio: um gajo capta, responde, faz aprendizagem, não tem nada que repetir o que o outro cita ou realiza. Ora o que é que isto evita ou dificulta? A área do poder que tem tendência para unificar o discurso, é a homocromia.

Claro que há um grande perigo: o que decorre das pessoas que dispõem de um subpoder, as pessoas que estão ligadas aos meios de comunicação social, hoje múltiplos. Mas há uma vantagem: contrariam-se uns aos outros. Dantes havia a sobrecarga do mesmo, era como dar pontapés aos gatos. Hoje é tudo sofiscado. A tecnologia. Ordena-se o mal.

O que nos toca a todos

O microfone, por exemplo, é poder. Veicula ideologia, todos o sabem. Queiramos ou não. Eu tenho um programa semanal numa estação de rádio. É com o Pedro Bandeira Freire. Falamos de tudo, sem preparação. Falamos. Mas ponho-me o problema: que dividendos tiramos nós destas conversas? Discuto isto com o Pedro.

É fácil dizer que as pessoas ganham pouco, que há crise habitacional, greves justas. Dizê-lo, assim, meio teorizado. não muda coisa nenhuma. E é que há regras. Um caso: eu não posso afirmar ao microfone que o Primeiro-Ministro é um f. da p. Recebo pelo que faço e pergunto-me: dentro disto o que é que ajuda mais os outros e o que é que menos me prejudica? Há implicações, a subjectividade. Quero ser acessível, há muita gente simples neste país, não vou falar de literatura, pois se as pessoas nem têm dinheiro para a sua subsistência, que interesse pode ter citar livros, fazer-lhes a crítica, etc.? Falo então do que nos toca a todos. Por exemplo: as contas do telefone que vêm muitas vezes erradas, para mais. Da EDP que não vem contar um mês e depois paga-se mais cem paus. Noutro dia recebi um cartão a informar-me que seria reembolsado de mil escudos que pagara de excesso. Como é que isto acontece? E quantos de nós não fomos prejudicados? Os buracos da cidade, a falta de projectos concretos, as famílias que se aglomeram numa casa, quase em promiscuidade, por entreajuda e precisão. É preciso a denúncia, no concreto.

«Leduc foi um homem feliz e um homem é um drama.»
(in «O Que Diz Molero»)

A farda, a bola e a firma

O meu pai era o Augusto Machado, fazia versos para fadistas, era árbitro de futebol e chefe da secção desportiva do «República». Também trabalhava no «Record» e teve um restaurante que foi célebre no Bairro Alto: o



«Farta-Brutos». Passava por lá a fina flor do entulho, os intelectuais todos. Fiz a 4.ª classe na escola n.º 12, da Rua da Rosa. Deram-me uma farda da Mocidade Portuguesa e mandaram-nos em grupo para o Campo das Cebolas, a marchar, cheios de fome, uma sandes para o dia todo. Eu não queria estudar mas lá entrei para o curso comercial da Rodrigues Sampaio. Como havia excedentários passei para o Passos Manuel. Era aluno nocturno e o que mais me agradava era jogar à bola à luz dos candeeiros. De dia trabalhava numa firma de motores e turbinas duns fascistas ingleses mais outros portugueses, que eram os que estavam lá. Às vezes chegava o Hargreaves. «Há greves», era uma palhaçada com o nome. Eu estava nos arquivos, no fundo da sala. O meu pai dizia que era um grande futuro e eu só via aquelas criaturas com 40 anos de casa e a cara da cor das paredes. Para fazer o 2.º ano demorei quatro. Depois fui para a Federação das Caixas de Previdência. Conheci lá o Eugénio de Andrade, era inspector e eu dactilógrafo. Ele era já um mito e tinha lido tudo o que cá não havia. Nós alugávamos os livros na Barateira, fazia-se bicha. Líamos os melhores poetas brasileiros no Café Lisboa. Até conhecíamos o Catulo da Paixão Cearense. Lembrou-me do Sousa, do Andrade, de todos, grandes compinchas. Baptizávamos os autores: era o Charles de Oliveira, o Michel Torga, o Manuel Flag. Havia também os nossos «pseudónimos»: o Cisneiro, o Eucalipto, eu era o Belmar, tinha por aí 18 anos e escrevia poemas sobre um guarda-vento.

O alma negra e o pano esfarrapado

Em contraste, na escola comercial era a chatice das datas, dos heróis, do Gonçalves Crespo misturado com o Fernando Pessoa e o Augusto Gil, tudo mal ensinado entre os retratos do Carmona e do Salazar, e mais a batalha de Aljubarrota.

Havia gajos que faziam chavetas na brasa; eu, de matemática, nunca percebi nada. Gostava era das aulas de português. O Alma Negra era o professor. Chamava-se assim porque andava sempre de escuro e era um tipo triste. Um dia perguntou-me: ouve lá, o que é que vais fazer quando acabares o curso? E eu a pensar: mal tu sabes que eu nem sequer o acabo. Ele preconizava-me um futuro literário.

O Gaspar Simões era o único crítico literário da altura. O Eugénio de Andrade o nosso deus. Um dia disse-me: sem o Pessoa isso não vai, rapaz. Ora eu detestava o Pessoa por causa da escola.

«A verdade é que a certa altura ninguém nos pode ajudar, cada um tem que procurar o seu caminho. — dizia Cláudia.»
(in O que diz Molero)

Um pouco mais tarde vendi uma letra de fado para o Tristão da Silva, que era um artista da nova fornada. Chamava-se Bandeira, e veja só, começava assim:

«Bandeira, nobre pano esfarrapado»
Foi um sucesso e ganhei 50\$00. O grande êxito dele, que ainda por cima era gajo, era esta:

«Rapaz,
Essa mulher é satanás...»

Denis MacShade

Armado em bom fado um artigo para o «Record» e deram-me um grande destaque. Mais 50\$00. Fiquei a fazer a segunda divisão mas andava tristíssimo porque eu era sportingista. Depois colaborei no «Diário Ilustrado» (já a cobrir a primeira divisão) e no «Norte Desportivo». Havia jornalistas formidáveis. Escreviam assim: realizou-se esta tarde um incêndio... De rir. Depois o «Diário Ilustrado» foi fechado mas eu e o Rossado Pinto aguentamo-lo até ao fim, sozinhos, ele fazia um caderno e eu fazia o outro.

Passei a organizar ciclos de cinema na Casa da Imprensa. Lembrou-me que passámos no cinema Monumental um filme cubano sobre danças populares. Acontece que a projecção começou pela segunda bobina, ninguém percebia nada, era o embaixador aos gritos, o pessoal, até a censura que, evidentemente, estava lá. O que tinha acontecido era que na própria sala em que o filme fora censurado, todos se tinham esquecido da primeira bobina, por nervos, como nas revoluções.

Depois, aos 33 anos, casei, deixei os jornais e entrei para a editora Ibis, a ganhar duas vezes mais. Nasceu a minha filha. A única coisa de jeito da Ibis era a colecção Riffi. E a empresa faliu. Eu precisava de dinheiro e propus ao patrão (que estava ligado às Edições Búrguera)

escrever três romances policiais sob o pseudónimo de Denis MacShade mas pedi logo adiantada a massa de um deles. 6000\$00 por cada (o que pagavam aos americanos), foi também o meu preço. E ele deu-me de imediato 18 000\$00. Não tinha nada escrito, nem fazia a mínima ideia do que ia sair dali. Mas consegui. Claro que já andava com a mania de querer ser escritor. Depois entrei para a Bertrand e nove anos decorridos lá nasceu o Molero.

A procura os projectos

Nos tempos que se seguiram andei a tentar outro romance. A minha mulher lia muito, guardava-me os artigos, seleccionava os melhores, aconselhava-me: «isto é quase igual ao Molero», «este não está a ir bem», etc. Às páginas vinte rasgava tudo ou punha as folhas de lado. Entretanto saiu-me o célebre Fado Alexandrino (as voltas que a vida dá), era sobre os descobrimentos, as sete colinas, como é que Lisboa fora feita, às tantas os gajos das especiarias a discutir com os do Estado Novo. Desisti.

Depois foi um escrito sobre o azul: as fardas azuis dos polícias, os vestidos azuis chegados de Paris, o mar, o céu, os olhos dos bebés e o dos nobres, as capas azuis do Max du Veuzit. Os funileiros, ou paneleiros, que era a malta popular que batia a folha, fazia painéis: os gatos, porque o Salazar, às tantas, decretou que fossem capados os gatos todos e no meio deles um veterinário capava também um homem que estava na bicha, era tudo em série: uma paródia, uma baralhada.

«A minha aversão aos projectos já vem do dia em que me preparava para ir fazer esquí aos Alpes e esqueci-me um pedaço de sabão à saída da casa de banho. Tive de andar dois meses de muletas.»
(in O que diz Molero)

Um homem vestido de preto com chapéu musical

E não é que um dia lembro-me de ler o Fado Alexandrino? No meio da trapalhice dos papéis lá o encontrei. Um caos, mas divertido. Reparo que o primeiro capítulo tem uma certa forma, mexi nele, para trás, para diante, andei meses de roda do trabalho e pronto, saiu o «Discurso de Alfredo Marceneiro a Gabriel Garcia Marquez».

E veja o azar: estavam já 5000 vendidos, a conta firme, para antes do Natal. Isto quer dizer pagos à cabeça. Mas a tipografia pôs-lhe uns grampos e a administração da editora destruiu os exemplares todos, guilhotinou-os, não quis apresentá-los no mercado assim. Acabaram por sair só 800. Os restantes apareceram no princípio do ano, fora do tempo, já não na época de vendas. Mesmo assim já lá vão mais de 3000, não é mau. O que aconteceu é que o livro é pequeno e as pessoas lêem-no nas livrarias, de pé, como quem não quer a coisa, e já não o compram.

«Quando os marítimos começaram a andar nos barcos com as lanternas penduras nos cintos, para não chocarem nas cobertas uns com os outros, dado o adiantado da hora, ou para chamarem a noite (tenho a satisfação de deixar isso ao seu critério) chegou ao cais um homem vestido de preto, com chapéu musical, sapatos poéticos, lama nos colarinhos, uma harpa ao ombro e um colete que seria laranja, se trouxesse colete. A notícia correu célere, deu três pancadas nas portas com os nós dos dedos (e era assim que corriam as notícias), as putas vieram ver o turista, os chulos quedaram-se, inquietos, a trinta metros, O franciú pintou os lábios, as gaiotas suspenderam momentaneamente o voo, cristalizadas no ar, e o Pintor aproveitou para fixar na tela o que nunca mais voltaria a acontecer: o homem de preto tirou a harpa do ombro e dedilhou nela sons prateados que deslizaram ao longo da pedra do cais e se espalharam no dorso das ondas, tornando-as mais oleosas.»
(in Discurso de Alfredo Marceneiro a Gabriel Garcia Marquez)

Agora vou publicar «Gráfico de Vendas com Orquídea e outras formas de arrumação de aprendizagem» e um terceiro «Gulliver contra Victor» uma história de mafiosos, uma carnificina, uma parábola sobre o poder e o dinheiro. Económico, esquisito. Não adianto mais porque é uma surpresa.

UMBERTO ECCO

O nome da rosa milagre de edição

O Nome da Rosa, primeiro romance do semiótico Umberto Eco, é um fenómeno de edição único, miraculoso. O milagre do nome (da rosa) pode dizer-se.

Publicado em Itália em 1981, este livro-epidemia bate recordes: 700 000 exemplares no seu país de origem; 1 600 000 exemplares nos Estados Unidos. Em França, onde saiu em 1982 a primeira tradução estrangeira de *Il Nome della Rosa*, a Casa Grasset não cessou de reimprimir o famoso livro de capa de um azul marmóreo. Prémio Medicis Estrangeiro em 1982. Grande Prémio de Tradução Halperine-Kaminsky, 1983. Mais de 3 milhões de exemplares vendidos até hoje no Mundo.

Umberto Eco, autor célebre, esteve a semana passada em Paris, onde Jack Lang, ministro da Cultura, lhe impôs as insígnias de comendador das artes e letras. Interrogámo-lo por essa altura, com o seu tradutor, Jean Noël Schifano.

NICOLE ZAND E J.N. SCHIFANO



O golpe fatal chegou de onde não se esperava. Foi, com efeito, o mestre bolonhês da semiótica quem o deu, esquecendo as suas teorias, mas não a sua cultura enciclopédica... Com *O Nome da Rosa* abre-se uma nova aventura da narrativa moderna. Mais nada será como antes, pode ler-se num eco desmultiplicado de toda a crítica francesa, num número da revista *Esprit* consagrado à Bíblia.

— O seu livro é mais do que enorme sucesso, é um fenómeno de sociedade. Por seu lado, a revista romana «Século Vinte» consagrou recentemente o seu último número ao «Numele Rozei». «O Nome da Rosa» passou o muro de todos os êxitos, e mesmo, em força, a cortina de ferro!...

— (Risos) Não sei como explicar tudo isto, a não ser que se atribua o mérito às traduções... Na revista *Critique* consagrada à Itália, escreveu-se que *O Nome da Rosa* é um livro cuja linguagem se presta perfeitamente à tradução...

Responderei enfim com a história do cotovelo do jogador de tennis, que apanha o mal a que se chama *tennis elbow*: essa sinovite que eu próprio apanhei na Austrália e não sei porquê, não jogo ténis! (risos)... Disse-me que havia ali um médico, o maior especialista do *tennis elbow*, um italiano. Conversámos: havia também o *tennis elbow*! Tome aspirina, disse-me ele, e espere que isso passe. Porque, sabe, há doze maneiras de operar o «tennis elbow». E se há doze, isso quer dizer que nenhuma delas é a boa, porque se houvesse uma que fosse a boa, não havia doze!... Doze explicações diferentes para a história fenomenal do meu livro, nenhuma é, evidentemente, a boa!

Um «cocktail» de circunstâncias diversas, e se há alguém a quem esta mistura pode escapar, é ao autor. Por vezes gostaria de não ter escrito o livro, a fim de escrever um belo ensaio sobre *O Nome da Rosa*...

— E ainda não tentou como digno sócio-semiólogo!...

— Estas coisas não se fazem... Para voltar a uma metáfora médica, seria agir como um dentista que arrancasse um den-

te!... Quando escrevia o meu romance, pensava estar a dirigir-me a um público muito restrito que podia compreender todas as minhas piscadelas de olho. Claro que, como escritor, como qualquer escritor, esperava milhões de leitores para os séculos futuros, *in saecula saeculorum*!... Se nos pomos a escrever sem pensar que vamos ser um Homero, somos imbecis. Se começamos a escrever, não há dúvida, queremos ser Homero. Se escrevemos um artigo num jornal, queremos o Prémio Pulitzer. Sem isso somos desonestos connosco próprios.

Dito isto, pensava que um livro um pouco cifrado não era destinado a um vasto público: porque nele tudo é citação, mesmo os assassinos... O leitor é, sem dúvida, ajudado pelo lado pedagógico do meu livro...

— O Umberto Ecco diz ter escrito este livro depois do assassinato de Aldo Moro. Na Itália havia uma situação que angustia e não conseguia exprimir através do ensaio. Romance era o mais apto a dar conta dessa angústia... Você dá, ao que parece, um espelho à Itália, com a metáfora heresia medieval/heresia comunista, fraticelli, Brigadas Vermelhas.

— Isso já é, sem dúvida, uma leitura muito analógica... A falar verdade, senti um certo momento a necessidade de contar uma história sombria, que se desenrolava num local sombrio, à volta de algo de muito obscuro. Não pensava em alegorias muito concretas. Confesso-lhe que as histórias das heresias dos fraticelli veio depois. Quando pensei escrever o livro, só tinha uma ideia: a história de um crime que se passaria num mosteiro. E como não conhecia suficientemente bem o século XIV, quis situá-lo no XII ou no XIII. Mas como queria um tipo com uma certa habilidade na interpretação dos signos e dos traços, isso levou-me a situá-lo mais ou menos na época de Occam (1). foi então que, ao folhear alguns livros para aumentar a minha documentação, caí nas heresias, nas fraticelli etc. Como vê, não parti com a ideia de traçar uma alegoria. Tudo isto veio tranquilamente, por si, através dos documentos...

Acerca disto posso dizer o seguinte: mesmo que eu não tivesse escrito um romance sobre o século XIV mas sobre o século XII, encontravam-se sempre paralelos com a nossa época. Porquê? Por uma razão bem simples: não se pode fazer história sem ver o passado com os olhos de um contemporâneo. Há pois filtragem ao nível do escritor. E esta filtragem aparece aos olhos do leitor que diz: Olha, olha! Isto corresponde a algo que hoje se passa.

Dito isto, não quero encorajar, repito-o, nenhuma leitura alegórica. Se eu tivesse escrito um livro sobre a Idade da Pedra, ter-se-iam encontrado mil e uma correspondências com os problemas contemporâneos... Mantenho em todo o caso a ideia de que o terrorismo é um fenómeno religioso, místico, que nada tem a ver com o marxismo, mas muito com os milenarismos cristãos. É por isso que o leitor vê analogias: não é culpa minha mas sim do terrorismo. É um pouco a história do coronel SS. Depois da ocupação de Paris esse coronel chama Picasso, mostra-lhe uma reprodução da sua tela *Guernica* e pergunta-lhe: Foi o senhor que fez isto? Picasso responde: Não, foi o senhor!...

— Escreveu outros romances antes de *O Nome da Rosa*?

— Não... Não, a minha única excursão naquilo que se pode chamar escrita criativa, o Schifano bem o sabe, foram os meus pastiches de *Diário Mínimo* que são paródias literárias. Há vinte páginas sobre Robbe-Grillet escritas por um gato. Esquisei d'un nouveau chat; há um crítico simbolista americano que relê *Os Noivos* de Manzoni como se se tratasse do último trabalho de Joyce; há um trabalho de antropologia cultural feita por um selvagem da Nova Guiné que vem visitar as comunidades primitivas de Milão e de Roma; há *Nonnita* (A vozinha), paródia à Lolita de Nabokov, etc. Podemos qualificar tudo isto como experiência de escrita criativa ou narrativa.

Para mais devo dizer que nunca senti essa angústia que se apossa por vezes dos filósofos ou dos críticos. Ah, um dia terei de escrever um romance, por-

O nome da rosa milagre de edição

Continuação da pág. 3.

que é a única verdadeira maneira de escrever e de criar.

— Barthes?

— Sim, era a angústia de Barthes, que nunca compreendi que não tivesse feito na sua vida mais do que escrita criativa. Escreveu romances maravilhosos sem o saber, e tinha em si esse remorso, essa angústia, essa expectativa patética... **Fragments de um discurso amoroso** é um romance extraordinário, mas ele não o sabia.

— «O Nome da Rosa», quem podia escrever-lhe a paródia e metê-la no «Diário Mínimo»?...

— Ah, estava mesmo à espera disso... (risos). Para acabar com a angústia da escrita criativa, sentia-se, quanto a mim, muito satisfeito com a minha actividade de semiólogo, de crítico e não tinha a menor vontade de me atrelar à criação romanesca. O romance veio por acaso.

Um dia fui procurado por uma amiga que trabalhava para uma pequena editora e que me disse: **Temos uma ideia extraordinária: pedir a pessoas que não sejam romancistas mas políticos, sociólogos, ao Fanfani, ao Toni Negri, a ti... que escrevam cem páginas de romance policial.** Respondi: Não, não me considero capaz de escrever um romance, e, sobretudo, de fazer diálogos. E depois, em ar de brincadeira: Se tivesse de escrever um romance policial, ele teria, pelo menos, quinhentas páginas, e passaria-se em um mosteiro, na Idade Média. Essa amiga respondeu-me, que paciência, não era isso que ela queria. Quando voltei a casa comecei a sentir-me obcecado pela ideia. Foi assim.

— Em 1975 publicou um artigo sobre o filme «Casablanca», e escreveu duas frases que são muito reveladoras da sua maneira de trabalhar, da maneira como trabalhou «O Nome da Rosa»: «Dois clichés fazem rir. Cem clichés emocionam». Em suma, no «Nome da Rosa», empregou todos os clichés do romance histórico. Se só houvesse um ou dois, o seu livro faria rir, mas como tocá-los todos, sentimo-nos estacados... É isso?

— É. E o mesmo acontece com o kitsch. Sabe, um bibelot kitsch é kitsch; duzentos bibelots kitsch são arte contemporânea. Portanto a quantidade, a enumeração, a acumulação, mudam o significado. Porque, segundo creio, todo o meu livro está regido pelo estilo medieval da lista, do catálogo. E tanto encontramos catálogos explícitos, isto é, uma espécie de mosaico, de puzzle, de citações. Que isto emocione ou não, é outro problema. Em *Casablanca* emocionava...

— A propósito do romance histórico, o Umberto Eco escreveu que era necessário reconciliar Alexandre Dumas e a escola dos «Annales»... Sei que é um grande leitor de Paul Feyerabend, de todos os romances-folhetim...

— Sim, sempre acreditei no poder da narrativa no estado puro tal como foi teorizada por Aristóteles na sua *Poética*. Há grandes romances onde se encontra a narrativa, e, para além dela, a psicologia das personagens, a beleza do estilo, etc. Há outros romances, como os de Dumas que são a narrativa no estado puro.

— Poder-se-ia fazer uma distinção antiga entre a literatura barroca (Rabelais, você próprio e muitos outros) e a sóbria literatura clássica.

— Infelizmente, sim. Estou na veia barroca.

— Infelizmente?

— Sim, porque, sobretudo em Itália, quando se diz barroco pensa-se sempre em algo de mau... Neste país o barroco coincide com um momento de degradação política da sociedade. Se é preciso encontrar um modelo para o meu barroco, é antes o barroco piemontês dos Juvara, dos Guarani com uma matemática com chave. E se ainda for preciso escolher, gosto mais de Le Borromini do que de Le Bernini.

— E o filme que Jean-Jacques Annaud extrai do «Nome da Rosa» vamos vê-lo em breve?

Ainda não!... Jean-Jacques Annaud adiou tudo para o próximo Outono. O que não o impede de trabalhar como um louco. Adiou as filmagens por razões muito complexas. Os locais das filmagens: passou-se de Roma para a Alemanha, e depois os problemas económicos com a co-produção americana, alemã, francesa e italiana. Um comité dirigido por Le Goff está a verificar tudo: gestos, roupas, etc. Vi num texto do script uma nota de Le Goff que dizia: **Que não haja porcos rosados!** Na época eles eram pretos. Assim, Le Goff intervém nos mínimos detalhes, o que muito me agrada.

— Se quiséssemos qualificar o seu romance com uma única palavra, «tolerância» não seria a mais justa? Um romance sobre a tolerância?

— Digamos que é um romance escrito por um tipo tolerante!... (risos).

— Acontece-lhe pensar nas suas personagens um pouco como Balzac pensava nas dele, como em seres reais, vivendo uma vida própria, como Bianchon, o médico, que o autor da «Comédie Humaine» chamava à sua cabeceira... Quando o Umberto Eco tem uma dificuldade a elucidar, sente-se tentado a pedir conselho a Guillaume de Baskerville?

— Eu, não; mas a minha tradutora finlandesa disse-me depois de ter terminado a sua tradução: **Sinto-me tão triste por não poder pedir conselhos a Guillaume quando não tenho uma visão muito clara das coisas; apercebo-me, de repente, de que Guillaume não existe...**

E a propósito das traduções há umas vinte no Mundo. Devo dizer que há um pequeno problema com os russos, como, de resto, com todos os países de Leste. Na terceira linha do meu romance está escrito: **Encontrava-me em Praga quando esta infeliz cidade foi invadida pelas forças soviéticas...** Um dos meus amigos sugeriu-me que corrigisse e escrevesse **Quando esta feliz cidade...** (risos) Em todo o caso, isto deveu-se aos russos... Quanto aos outros países do Leste, creio que eles se safaram deixando cair esta linha. O que não me aborrece extraordinariamente. A parvoíce cria por vezes, como vê, verdadeiros romances.

(Entrevista conduzida por Nicole Zand e Jean-Noël Schifano).

(1) Guilherme d'Occam, filósofo inglês.



Um homem imaturo a quem Deus iluminou (na foto: Tom Hulce em «Amadeus»)

Um filme também sobre M

Na primeira biografia de Mozart, publicada por Friedrich Schlichtegroll em 1793, já aparece o perfil do menino malcomportado que entrará na tradição e que Peter Schaffer recebe na sua peça. Escreve o biógrafo de 1793: «O ser humano dotado pela Natureza de milagrosos dons e aptidões só raramente constitui para os outros um modelo de imitação universal. Assim como as suas perfeições se nos afiguram inalcançáveis, assim também os seus erros não pode servir-nos da desculpa... Na verdade, se é certo que este ser raro se tornou adulto na sua arte logo desde muito cedo, não é menos certo — manda a imparcialidade que se diga — que permaneceu sempre criança quase em tudo o resto. Nunca aprendeu a governar-se a si próprio; não tinha o sentido nem da ordem doméstica, nem da conveniente administração do dinheiro, nem da moderação e da escolha razoável no prazer...

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Schaffer esforçou-se por dar cunho subversivo (positivo) a esta imagem tradicional (de conotação negativa). Mas se já na peça o Mozart adulto é quase abnubilado na vida, o certo é que no filme de Milos Forman ele o é também na arte: os motivos que levam Mozart a escrever «O Rapto no Serralho», «As Bodas de Figaro» ou «A Flauta Mágica» não eram na realidade tão inocentes ou ingénuos como os espectadores de «Amadeus»

poderão ser levados a pensar... Um certo contraponto à criança — dado na peça através do engajamento cívico e político de Mozart, inclusive como militante maçónico — é suprimido no filme, com menifesto prejuízo daquilo que hoje em dia se pode considerar aproximação rigorosa ao seu carácter e à sua individualidade artística. Mas o filme (tal como a peça) não se pretende uma biografia de Mozart, e seria inútil criticá-lo do

ponto de vista da sua correcção histórica. O Mozart que nos é apresentado — convém não esquecer — é o Mozart **contado e deformado** por Salieri, isto é, por um mediocre, que personifica toda a mediocridade deste mundo. Essencial no retrato de Mozart é, para ele, a contradição entre o génio (dom de Deus) e a pretensa obscenidade ou falta de elevação do carácter. Ambas as componentes são sublinhadas a traço grosso na sua narrativa. Se, porém, a genialidade de Mozart, o artista, é insusceptível de exageração — pois está para além de qualquer bitola — já o não é a sua personalidade ou uma certa imagem que se forma dela. E a lógica interna da peça exigia que este aspecto fosse levado ao extremo da caricatura. A tragédia de Salieri, o seu conflito interior com Deus seriam tanto mais profundos quanto mais radical fosse a oposição entre Mozart, o artista, e Mozart, a pessoa. Deste ponto de vista dir-se-á até que houve uma progressão dramática da peça para o filme e que exactamente na medida em que a disparidade entre os «dois» Mozarts se agiganta, assim se agiganta também o próprio Salieri.

Salieri, ao que parece tão maçã como Mozart e como o próprio imperador José II, cuja memória Beethoven honrará mais tarde num cantata, denun-

«An de Milos F

Não és tu, artista, que não faz falar. Tu não sabes de És inspirado, louco, po

JORGE LEITÃO RAMOS

Evidentemente: não desposamos o idealismo de Platão e Amadeus creio que também não. Mas a problemática que este filme nos traz (o génio, como **anormalidade**) pode muito bem ir beber àquela frase do filósofo grego uma sua primeira materialização.

É claro que o génio nos intriga e desafia: porque é que uma dada pessoa consegue atingir cumes de beleza, inteligência, expressividade ou intuição fundamental que ao comum dos mortais estão vedados? Que coisa pousou no cérebro (na alma) daquele homem para que dele brotem maravilhas, pela arte, pela fórmula, pela palavra ou pela ideia? Porquê ele e não eu? Porquê ele e não tu?

É essa questão que está no centro de *Amadeus* e dele não obtém resposta. É esse mistério — os insondáveis caminhos de Deus — que está na base do conflito Salieri / Mozart que o filme encena.

O brilhante ponto de partida desta fita ancora assim no seu argumento: propor a inimizade Salieri / Mozart não como simples inveja ou oposição entre duas concepções musicais mas como questão pessoal entre Salieri e Deus, que iluminara com a sua graça um ente que dela não era merecedor.

O «génio incompreendido pela sua época» é chavão vulgar que está muito, muito long-

cia no seu discurso a hipocrisia do poder estabelecido revelando-se ao mesmo tempo como seu instrumento. Ele compõe óperas sérias italianas, sobre libretos típicos do despotismo iluminado, mas o seu pensamento, a sua ideologia, é tão obscurantista, como a sua maneira de estar na vida é tributária das relações feudais. Na arte ele é porta-voz do despotismo, ainda que iluminado, que naquela altura já se transformara em agente de conservação do «ancien régime», tendo perdido o potencial inicial de renovação política e ideológica que havia mais de meio século atrás. Nas vésperas da Revolução Francesa, época que Salieri contempla na sua narrativa, as «luzes» readquiriam a sua função renovadora como arma ideológica de uma nova classe em ascensão, a burguesia, que iria impor uma ruptura revolucionária com o passado. O iluminismo fornecida não só o substrato ideológico do poder estabelecido (com o qual Salieri se identificava), como o substrato ideológico da revolução burguesa (de que Mozart era consciente intérprete). Daí que tudo se reconduzisse a contradições de classe — como Schaffer acabava por reconhecer na sua peça, ao colocar explicitamente o barão Von Swieten e Mozart, enquanto «irmãos maçónicos» em pólos opostos e irreconciliáveis de concepções de vida e de

Amadeus»

Forman

...e nos falas, é um deus que te
...es do que falas, e como falas.
...posseço.

Platão

IOS

deste filme: Mozart é, pelo con-
trário, perfeitamente compre-
endido por Salieri que na sua
música identifica a marca da
genialidade, o sinal da voz de
Deus. É por ser entendido que
Mozart se torna alvo. Salieri não
pode perdoar a Deus que tenha
escolhido um ser imaturo, des-
regrado, imoral, para iluminar.
A pergunta «porquê ele e não
eu?» Salieri responde «porque
tu és um Deus injusto».

Mas onde Forman consegue
um singular posicionamento é
quando não conduz o nosso
olhar para a situação de nos
identificarmos com Mozart e
abominarmos Salieri. **Amadeus**
nunca descamba para o herói
Mozart contra o vilão Salieri,
algures em Viena nos finais do
século XVIII. Pelo contrário: se
o génio é a **diferença**, Forman
figura Mozart segundo traços
(físicos e psicológicos) que im-
pedem que o espectador se
ponha no seu lugar. Ao invés de
Salieri, sujeito muito mais nor-
mal, mais próximo de nós, atra-
vés de quem, de resto, o filme se
aproxima do outro. Salieri é,
queiramos ou não, um dos
nossos, um dos que estão do
lado de cá, interrogando a
genialidade como lugar de
turbacão.

A cena final é patética não
porque Salieri esteja louco.
Salieri é a nós que absolve da
nossa vulgaridade, da nossa
incapacidade de aceder ao

Mozart

arte. No filme, a questão é de
certo modo marginalizada, mas
não deixa de ser apontada a pou-
cos minutos do final, quando
Salieri, verdugo de Mozart,
«converte» as receitas do teatro
burguês de Shikaneder (receitas
de «A Flauta Mágica») em
adiantamento mecenático, à boa
maneira feudal, por conta do
«Requiem». De resto, a oposi-
ção entre «Requiem» e «Flauta
Mágica» (entendida esta como
protótipo da ópera alemã, tal
como a queria Mozart), cons-
tituía no espírito de Salieri uma
espécie de luta de vida e de
morte entre o novo e o velho,
entre revolução e conservação
de valores. O «Requiem» era
uma missa, para celebrar a
crença numa vida eterna de
além-túmulo, era, por assim di-
zer, uma obra de glorificação da
morte. «A Flauta Mágica» era
uma peça «fantástica», pagã,
onde o homem era explicita-
mente qualificado como deus de
si próprio, onde a ciência e a
técnica obtinham a vitória sobre
as forças sobrenaturais, onde a
razão era mais forte do que os
preconceitos obscurantistas,
onde o amor triunfava sobre a
morte, onde a vida era, enfim,
celebrada. Neste sentido, a en-
comenda do «Requiem» pode
ser apresentada simbolicamente
— como resulta da peça e do
filme — como o último, deci-
sivo e mais cruel acto de repres-
são exercido pelo poder feudal
personificado tanto na corte de

santo dos santos. Porque ele
fez mais que nós: rasgou o céu
do templo, tentou esmagar o
enviado do Senhor, apro-
priar-se da sua palavra. O seu
castigo foi terrível: viver o su-
ficiente para ser, em defini-
tivo, um desconhecido, para
ver que a parcela menor de
graça que Deus lhe dispensara
mesmo essa fora estéril.

De súbito habiua-nos uma
grande vontade de ouvir a
música de António Salieri e,
de algum modo, iludir assim a
maldição divina.

Ficha:

Título original: Amadeus.

Realização: Milos Forman
(USA-1984)

Argumento: Peter Shaffer.

Fotografia: Miroslav Ondri-
cek.

Cenários: Patrizia von Bran-
denstein (production designer)
Karel Cerny (art director),
Josef Svoboda (cenários das
óperas).

Coreografia e encenação
das óperas: Twyla Tharp.

Coordenação musical: John
Strauss.

Montagem: Nena Danevic e
Michael Chandler.

Produção: Saul Kaentz.

Interpretação: F. Murray
Abraham (António Salieri),
Tom Hulce (Mozart), Elizabeth
Berridge (Constanze Mozart),
Simon Callow (Schikaneder),
Roy Dotrice (Leopold Mo-
zart), etc.

Distribuição em Portugal:
Filmes Castello Lopes.

Cinemas: Londres e Las Ve-
gas.

Classificação: Para maiores
de 12 anos.

Duração: 157 minutos.

José II e de seus conselheiros
artísticos italianos, como nas
personagens do próprio pai de
Mozart, do comendador do **Don
Giovanni** ou, evidentemente,
de Salieri. Mas acto de repres-
são inútil, pois o «Requiem» de
Mozart é um «Requiem» contra
a morte, na medida em que a
denuncia na sua dimensão real,
em vez de a cantar como etapa
de uma quimérica «vida
eterna». Ou, se quisermos, a
vida eterna em que Mozart
pensa no «Requiem» é aquela
que ele próprio celebra na
«Flauta Mágica», é esta cadeia
de vidas reais, vividas por uma
humanidade inteira em perma-
nente transformação e que de-
veria querer-se cada vez mais
livre, mais igualitária e mais
fraterna, uma cadeia de vidas
reais, onde a de Mozart é sem
dúvida das que permanecem,
das que iluminam o futuro, das
que se tornam imortais.

Pela sua beleza intrínseca,
pelo interesse dramático das
soluções encontradas para apre-
sentação de trechos de óperas de
Mozart (e aqui importa mencio-
nar o trabalho de um grande
mestre da cenografia, Josef
Svoboda), pela articulação do
discurso musical dentro da eco-
nomia do filme e pelas numero-
sas chaves para a compreensão e
o acesso a Mozart que em todo o
caso proporciona, a obra de
Milos Forman vale justamente
não só como um filme, mas
como um filme sobre Mozart.

A PROPÓSITO DE IURI LIUBIMOV E DO TEATRO DA TAGANKA

O livro do exílio

Difícilmente se imagina que poder detinha Iuri Liubi-
mov, em Moscovo, do alto do seu pequeno teatro de
Taganka! O encenador que chega hoje ao Odéon-Theá-
tre de l'Europe com uma trupe de actores britânicos, que
interpretam Dostoievski em inglês, língua que ele não fala
nem percebe — foi durante vinte anos um homem pode-
roso, capaz de impor o seu ponto de vista tanto aos lau-
reados do Prémio Nobel como ao patrão do KGB, capaz
de escrever a Leonid Brejnev para expor o seu direito,
capaz de encher a sua sala num dia qualquer, em qual-
quer dos seus espectáculos.

Sabia-se da amizade que o ligava a Kapitsa, o físico nu-
clear com quem dava grandes passeios pelas margens do
Moskva, e Nikolina-Gara. Também se sabia que An-
drepov o protegia e o estimava muito porque, contou
Liubimov, ele dissuadiu os filhos do chefe do KGB de fa-
zerem carreira no teatro. Este, «protegeu-o», pelo me-
nos enquanto não esteve no ponto mais alto da hierar-
quia do Partido Comunista da União Soviética.

Paradoxo cheio de humor negro. Porque então o se-
nhor do país perdeu a responsabilidade dos problemas
culturais... que passaram a competir a Constantino
Tchernenko, que não fazia parte dos admiradores da Ta-
ganka. Como se vê, na URSS, a arte nunca está longe da
política. Para o bom e para o mau.

Portanto, hoje, Iuri Liubimov está de novo exilado.
Célebre, é certo, entre os grandes encenadores dos nos-
sos dias, mas para sempre privado do seu verdadeiro pú-
blico, aquele para quem uma encenação da Casa do Cais
ou do Mestre e Margarida representava muito mais do
que uma simples noite de teatro. É só no Leste que existe
tamanha fome de cultura, uma tal cumplicidade entre o
encenador e o seu público.

A bela e brilhante aventura não pôde infelizmente fe-
tejar o seu vigésimo aniversário e, em poucos meses, o
patinho feio foi excluído do partido (o seu cartão datava
do ano da morte de Staline), afastado da direcção do seu
teatro, privado da nacionalidade soviética. É a história
desses vinte anos luminosos, as suas «recordações de
uma vida de teatro» que Iuri Liubimov traça num livro
que acaba de ser publicado: **Le Feu Sacré**. É, de certo
modo, para parafrasear Bulgakov, o romance teatral da
Taganka, o teatro do quadrado vermelho.

De Brecht a Dostoievski, da Boa Alma de Tsé-Tsuan
em 1964, a Crime e Castigo e aos Possessos, é o itinerário
artístico e espiritual do homem que se revela. Aos qua-
renta e sete anos, actor no teatro Vakhtangov e professor
de arte dramática, encontrara a grande possibilidade da
sua vida graças ao triunfo da Boa alma pelos alunos do
terceiro ano. Na altura ainda se estava no liberalismo.
Decidiram pôr à sua disposição uma sala vetusta de um
bairro periférico onde habitaram Maiakovski e os Brik.

Havia um grande lugar no repertório dado aos poetas
e aos autores. Logo de início Liubimov decidiu fazer,
não vanguarda — o que não teria grande significado em
Moscovo — mas ir à contracorrente lançando pedradas
no charco, seguindo o caminho dos seus modelos:
Meyerhold, Vakhtangov, Stanislavski e Brecht.

A Taganka tornou-se o teatro da inteligência e dos es-
tudentes, mas também uma «vitrine» que era admirada
pelos «oficiais» mas também pelos hóspedes de passa-
gem a fim de os levar a pensar que o regime não discor-
dava da coragem. «A noite mandavam-me todas as perso-
nalidades soviéticas ou estrangeiras de passagem, diz Liubi-
mov no seu livro. Mas era uma obrigação terrível. Eu ti-
nha todas as noites que deixar um contingente de cem a
duzentos lugares à disposição das entidades oficiais, do

ponto mais alto ao mais baixo da hierarquia.» (Numa sala
de seiscentos lugares!)

Quando André Malraux, ministro francês da cultura,
foi a Moscovo, ficou literalmente entusiasmado pelo se-
gundo espectáculo da Taganka, **Os dez dias que abala-
ram o mundo**, segundo John Reed. Não se via Trotski
mas o jovem actor-cantor-poeta Vladimir Vissotski era
soberbo. Durante mais de dez anos foram feitas co-
pites a Iuri Liubimov, de Jean-Louis Barrault que, a
dirigia o Odéon-Theatre de France, e o Theatre des Na-
tions, de Marcel Marechal, etc. Sem êxito. Os viajantes
e os jornalistas colocados em Moscovo continuavam ma-
ravilhados por esse teatro diferente, mas fora da URSS
nunca ninguém o tinha visto.

Finalmente a Taganka chegou... Foi em 1977 no teatro
de Chaillot. O público francês pôde ver **A mãe Tartufo**,
Maiakovski, mas, apesar de toda a boa vontade de Liubi-
mov, etc, não teve autorização para representar **O mes-
tre e Margarida**. Sentiu-se desesperado. Uma verdadei-
ra quebra.

Em **La feu sacré** podemos acompanhar a série de pro-
blemas que se irão acelerando à medida que Kruchchev
se afasta, que Brejnev se afasta, e que o espírito comba-
tivo deste lutador, diminui. Todos os apoios morreram:
Andropov, Iuri Trifonov, Vladimir Vissotski. Ele estava
a semana passada em Londres para as antestreias dos
Possessos. Havia neve, o que aumentava a nostalgia. Aos
sessenta e sete anos, apesar das propostas de encenações
no mundo inteiro, ele é como um saltimbanco interna-
cional, que se encontra por dois anos em Bolonha, à es-
pera não se sabe de quê. Não teve resposta dos «Senho-
res do Bobigny». Nessa «comuna» reflecte-se durante de-
masiado tempo», diz, sorrindo.

«Há mais de seis meses, acrescenta. Desde Janeiro que
eu devia ter o contrato. Por isso decidi retomar a minha li-
berdade. Mandei uma carta ao ministro Jack Lang. Não
posso esperar mais. Tenho que planificar a minha vida
porque aqui, no ocidente, a vida é diferente da União So-
viética. Esperei anos para ter autorização de montar os
Possessos ou o **Mestre e Margarida**, proibiram Puchkine
e Vissotski. Eles não me permitiram trabalhar. Aqui não
tenho problemas para trabalhar, tenho muitos convites e
não posso esperar as decisões de Bobigny.

— Como explica que Efros tenha aceite suceder-lhe na
direcção da Taganka?

— Mesmo entre os santos havia um Judas. Nós não so-
mos apóstolos... Ele quer, sem dúvida, fazer uma carrei-
ra, ter um carro, uma datcha, ser feito «artista do povo»
da URSS.

— Está aborrecido?

— Somente triste por ele terminar assim a sua carreira.

Era um dos meus amigos. Agora repete que é um dos
meus discípulos. Os ministros dizem em uníssono que a
Taganka se tornou finalmente um verdadeiro teatro. Em
todos os jornais soviéticos e mesmo em França prepara-se
a sua visita e os russos insistem em que ele venha apresen-
tar o seu espectáculo autobiográfico: os BAS-FONDS!...

— O que sente hoje pelo seu país?

— Imagine que no mesmo dia em que Andropov mor-
reu quiseram excluir-me do partido. A reunião do comité
do partido durou seis horas e todos votaram contra. É in-
crível, na URSS. Excluíram-me porque eu não tinha pago
a cotização desse ano.

Nunca poderei esquecer o que me fizeram. É impos-
sível. Se nos tirassem o nosso filho para o matar, nunca po-
deríamos esquecer.»

Efros e a estátua do comendador

O Teatro da Taganka continua a ser uma instituição
em Moscovo, mas a desconfiança instalou-se nele. O seu
novo director, Anatoli Efros é um homem muito talentoso
e a sala está quase sempre cheia. O público já não é,
porém, o mesmo, e a companhia tem «estados de alma».
É difícil saber qual é a parte de efabulação e a de verdade
nos problemas em que se vêem metidos os actores que se
mantiveram fiéis ao fundador e antigo director do teatro,
Iuri Liubimov, exilado no Ocidente. Mas, a acreditar em
alguns, o mal-estar seria profundo.

De qualquer modo, a situação é paradoxal: o nome de
Liubimov já não aparece em parte alguma, mas várias
peças que ele encenou continuam a ser representadas
sem nenhuma modificação; outras, porém, já não o são
e suscitam nostalgias na intelligentsia que, no entanto,
apesar de um mito tenaz, não vai mais ao teatro do que
em Paris. Por seu lado, o novo director montou, no prin-
cípio do ano, um espectáculo notável, muito «visual», **les
Bas-Fonds**, de Gorki.

Terá Efros traído aquele que outrora lhe deu hospita-

lidade no seu teatro (principalmente num Cerejal, em
1978) e que — isto tem uma importância na Rússia — é
bastante mais velho? O simples facto de ter aceite, na
Primavera passada, «suceder» a Liubimov é considerado
por alguns como um pecado mortal.

As autoridades ideológicas e culturais de tutela contri-
buíram, pela sua falta de tacto para colocar Efros, que,
no entanto, haviam vivamente incitado a tomar esse lu-
gar, numa posição difícil. Na sequência de instruções
vindas de cima, nenhum dos actores da Taganka pode ac-
tualmente ser contratado para outro teatro. Efros é pois
obrigado a trabalhar com a antiga companhia de Liubi-
mov, quando este desejaria, como sugeriu a 18 de Março
de 1984 na **Literaturnaya Gazeta**, trazer para ela um pou-
co de sangue novo. Por sua vez, os antigos actores de
Liubimov, que conservam por ele uma grande admira-
ção, não podem «colaborar» com o novo director nem
trabalhar noutro teatro... Todos os elementos se reúnem
pois para criar uma atmosfera pouco saudável.

JAZZESCRITA & ESCRITA JAZZ

A música enquanto linguagem-objecto (jazzescrita) e a metalinguagem do texto sobre música (escrita jazz), no domínio dessa expressão de origem afro-americana, são nesta página categorias para uma reflexão suscitada pela publicação de uma obra que está a ser, entre nós, uma autêntica pedrada no charco. Dedicamos estas linhas ao seu autor, Jorge Lima Barreto, que, com Luís Villas-Boas, é das figuras que mais fizeram pelo jazz em Portugal.

RUI EDUARDO PAES

Nota prévia: o jazz não se define enquanto música escrita, música fixada com execução posterior. Quero dizer com isto que a pauta tem nele ou um papel de somenos importância, decididamente secundário (no «jazz «straightahead» só está escrito o tema que vai servir de base às improvisações instrumentais), sendo a **composição imediata** o valor estético fundamental, ou exclui muito simplesmente qualquer tipo de marcação antecipada (é o caso das vanguardas jazzísticas desde o **free**). (O facto de vanguardistas como Anthony Braxton tocarem uma música predominantemente escrita não invalida a asserção, pois esse polinstrumentista é a excepção que confirma a regra.)

Partindo deste apriorismo, o jazz/música improvisada investe-se todo na manipulação exploratória das capacidades sonoras dos instrumentos, chegando até onde as virtualidades destes o permitirem, ou seja, forma a sua linguagem musical do material semântico que trombones, pianos, contrabaixos proíbem em si. (É o que acontece nestoutro mundo da linguagem elaborada e escrita, o discurso é elaborado a partir dos significantes linguísticos disponíveis.)

Não sendo uma música essencialmente escrita, o jazz é, não obstante, uma escrita. Não decorre de uma civilização arquétípica caracterizada pela escrita, mas sim de uma civilização **oral** — a maternidade africana. Face à civilização de matriz europeia, já gráfica, constrói uma escrita preservadora da oralidade primeira — daí que no jazz a linguagem musical é preponderantemente continuação do sopro, da fala, da voz humana. A semântica espontânea, efémera, irrepetível do jazz é uma escrita instantânea, sem grafia necessária.

Muito já se tem dito sobre a dissimulação societal entre as culturas escrita e oral — a primeira hierarquizada, fragmentada, com a existência de um Estado (proprietário da norma escrita), a outra ainda não arrancada ao mundo natural, não complexa, própria de uma sociedade sem Estado, livre.

O jazz vive em meio à cultura escrita e veste-se das suas formas, mas retém nele o princípio inicial da liberdade, arquétipo

que se vai transformar prospectivo: rebentando com o totalismo das estruturas culturais vigentes.

A exploração semântica musical do jazz faz-se, pois, segundo os trâmites da Liberdade e da Procura.

Saber o quê e o objecto dessa Procura e o sentido da Liberdade, não abstractamente mas no cerne «material» da música, é interrogação que não cabe à própria música responder, nem ela **em si mesma** o pode fazer. O jazz, como qualquer outra expressão musical não é nunca **linguagem figurada**.

É neutra.

E porquê? — A música, produto cultural, e logo indirecta ou directamente ideológico (mesmo que contra-ideológico), não é ela mesma ideologia: a ideologia do jazz e o jazz não são o mesmo corpo.

A música é uma **linguagem-objecto**, é aquilo que oferece sem nada mais — técnica e expressão sensitiva, Razão e Sensorialidade. Utilizando a noção heideggeriana, podemos dizer que ela se caracteriza pelo **ensimesmamento**.

Mas como objecto cultural que é, evidentemente que não podia existir por si mesma, excluindo o humano: a música é produto expressivo do homem. Assim, o jazz ou qualquer outra música existe para mim, dirige-se-me.

O que implica uma apreensão, em duas vertentes próprias — a técnica e a sensorial. E para que o processo de audição aconteça eu formo um juízo desconfiante, e se o quero sistematizar (à semelhança p. ex. do que estou a fazer agora) é uma **metalinguagem** sobre essa linguagem-objecto o que eu realizo.

Se o jazz enquanto linguagem-objecto é desprovido de ideologia, não no exterior mas **sobre** ele encadeia-se um conjunto de formulações semânticas não-musicais que vai extrair da música-significante o significado intuitivo.

Aqui o movimento é ainda da música para mim, mas cedo o inverso vai acontecer — eu introduzo, caso seja músico, as minhas pessoais perspectivas no discurso musical.

Conclusão: uma metalinguagem torna-se necessária para se poder intuir completamente a expressão musical, assim como é ela que vai configurar, traduzida já na «materialidade» mu-



Negar uma sensibilidade reflectida da música?

sical, os rumos que a música vai tomar.

Metalinguagem e linguagem-objecto, a semântica jazzística e a semântica que trata ideologicamente o jazz, não são mútuas exclusões, são sim partes de um mesmo fenómeno: a música está inseparável do que dela fala. (Visto doutro modo: a «matéria» não exclui o «espírito», nem este aquela. Os pensamentos filosóficos-políticos que o acharam enganavam-se: é anacronismo a dicotomia materialismo / espiritualismo: é o «espírito» que dá sentido à «matéria»; é a «matéria» que realiza o «espírito».)

Tem sido dada como metalinguagem do jazz a crítica de discos e concertos de jazz, visto ser a **escrita jazz** mais directamente ligada à **jazzescrita** (isto é: à música em si, já que a apreciação — apreensão — de um disco ou de um concerto decorre da própria natureza do acontecimento musical, e só por ambos o jazz efectivamente é).

Mas é parcializar ficar-se por aí — a suprema metalinguagem da linguagem musical é a musicologia, a elaboração teórico-apreensiva, analítico-estruturadora que se pode fazer tendo como núcleo de observação a música, da qual estabelece sentidos e especificidades, organiza as setas evolutivas e as

latências, inter-relaciona, contextualiza, agrupa, destriça, hierarquiza, cataloga, encadeia, dispõe.

A musicologia encontra-se entre o número das ciências sociais e humanas e adopta as suas metodologia e epistemologia. Com a particularidade de não se poder assumir integralmente como ciência (as quantificações, o recurso aos organigramas, a informática, não chegam para isso). Porque algo de essencial a musicologia inclui: como metalinguagem que é, é obviamente **mítica**.

Assim como é mítico todo e qualquer discurso falado e escrito sobre determinada realidade — só não sendo mítica a própria realidade. O jazz não concretiza uma mitologia, o que eu digo sobre o jazz sim... simplesmente porque o que eu digo está num lugar outro ao lugar da música. Semânticas, sem dúvida que dialécticas, mas absolutamente distinguíveis.

A única escrita jazz que não é mítica — embora seja também ideológica — é a técnica, a que discorre no domínio musicográfico (circulação dos dedos sobre o teclado, posições linguais, modos de sopro, encadeamento de notas, «breaks», «pitches», «staccatos», «riffs»,

crecendos e o mais dos exemplos que houver).

Só que não pode haver uma escrita que consiga ser exclusivamente técnica, e a ela acabam por juntar-se as intuições subjectivas e as adjectivações apreciativas/apreensivas.

(Podemos ver a questão deste modo: a jazzescrita nunca recorre à adjectivação, não precisa de ser qualificativa, é apenas qualitativa, **substantiva**; a escrita jazz junta ao substantivo — ao ouvido — a noção experienciada de qualidade — um juízo.)

Ora, ajuizar de uma música implica ela ter passado do «medium» sensorial para a racionalidade (já que a música, e muito concretamente o jazz, género que diz respeito ao corpo — o termo jazz vem, aliás, de uma corruptela do verbo calão «to jass», **fornicar** —, passa primeiro pelo nível sensitivo e só depois chega à compreensão).

O processo de apreensão da música marca, pois, o que dela se vai pensar. Aqui o pensamento não subjugava a sensibilidade, torna-se, pelo contrário, **libidinoso**.

É precisamente o Eros estético que faz o jazz **libertário**. E daí que o jazz se nomadize, livre, em meio a uma estrutura

antecipadamente composta (ouvir p. ex. «My Favourite Things» em interpretações de John Coltrane) ou que não resvale para nenhuma incongruência expressiva quando nem sequer uma melodia fixa é imposta (Workshop de Lyon).

No primeiro caso, a arquitectura do edifício musical, de modo algum repressiva, parece marcar mais a fluência semântica libertária do solo de saxofone, como um rio transbordando em altura de cheia. No segundo, uma outra ordem é estabelecida, paredes-meias com o caos, e na verdade nunca tão longe ele pareceu estar.

O mesmo pode suceder em textos sobre jazz: uma rigidez de parâmetros da explanação feita pode ser apenas formal, cingindo uma escrita transbordante, derramando-se em hemorragia pelas «brancas» do escrito. Posso mesmo ser mais terminante: é natural que a escrita jazz, participe dos mesmos fluxos pulsionais de jazzescrita (como a escrita automática). Quando tal não sucede algo não bate certo no texto, divorciado da realidade musical que cobre, tornando-se por isso uma construção mental alienada e alienante.

O que nos leva de novo a esta questão: a da não confluência e encaixe entre o discurso crítico/musicológico e o discurso musical. «Toda a palavra é fascista», dizia Roland Barthes e com uma certa pertinência se por tal frase entendemos que a fala sobre qualquer coisa não é essa mesma coisa, necessariamente a desbotando, a deformando. Aquilo que se diz nunca pode corresponder àquilo que é, constituindo já uma diversidade.

O homem que raciociona a partir da realidade é o mesmo que domina, domestica essa realidade — alterando-a segundo os seus códigos implícitos. Assim a escrita sobre música, assim igualmente este texto que ronda a música jazz.

Eduardo Lourenço, p. ex., acha que o poema deve falar por si mesmo, sendo excessiva qualquer discorrência sobre poesia, desligada por condição desta. De modo semelhante, no domínio da música, a peça que se ouve basta por si mesma.

Mas daí a negar uma sensibilidade reflectida da música, que só se concretiza pela palavra, a nossa própria civilização escrita movendo-nos à construção gráfica avaliadora do que apreendemos? Afinal, não pode haver linguagem-objecto que não seja acompanhada por uma metalinguagem: tese/antítese.

(Este texto foi-nos sugerido pela leitura do volume primeiro de **Anarqueologia do Jazz**, do musicólogo e crítico **Jorge Lima Barreto**, intitulado **Jazz Band (1900-1960)**, agora distribuído nas livrarias, e ainda pela releitura de outro livro seu — **Jazz-Off**.

Cassandra no Velho Mundo

Existe um declínio europeu

JEAN RIBAUD

Para além do quotidiano, duas situações, duas forças, ia escrever dois factos, dominam o futuro político e económico da França neste princípio de ano. O primeiro: o declínio da Europa industrial, técnica, científica, num mundo em plena expansão. O segundo: um governo socialista, o Partido socialista, o pensamento socialista não sobreviverão a dois milhões e meio de desempregados.

A primeira dificuldade e não a menor é que os europeus não vêm este declínio.

Não acreditam nele, tal como o viajante não sente que o barco desce o rio, porque a corrente é regular. Há uma crise geral do mundo, dizem eles, crise de mutação tecnológica e científica, crise de adaptação. Essa crise da indústria segue tantas outras crises. Ontem a crise do petróleo, hoje a do dólar. Tudo isto nos ultrapassa porque se trata de crises exteriores contra as quais nada podemos, como nada podemos contra as tempestades vindas do fundo dos oceanos. Já não são somente sujeições que temos que ter em conta, às quais temos de nos adaptar, são imensas forças cósmicas que arrastam todos os países, e, consequentemente, todos os regimes, todas as ideologias. Não é pois de espantar que as opiniões públicas se afastem da política, que as pessoas se interessem mais pela astrologia e pelas histórias de princesa, visto que o mundo é dominado por uma fatalidade.

Essa fatalidade domina a Europa: ela não é sentida como tal no resto do mundo. Claro que a ciência e as técnicas evoluem. Mais depressa hoje do que no século XIX? Talvez... Os microprocessadores, a inteligência

artificial serão mais revolucionários do que as vagas sucessivas da máquina a vapor, da electricidade, do motor de explosão? Deixemos ao século XXI a responsabilidade de julgar. Em todo o caso, se as crises económicas são influenciadas pela evolução da ciência, elas obedecem a outras leis.

A crise, se existe, onde está? Na Europa, decerto. Mas onde está a crise nos Estados Unidos? Onde está a crise no Japão? A Coreia, a Malásia, a Tailândia. Todos os barómetros económicos na Índia e na Indonésia, estão orientados para a subida. Mesmo depois da horrível sacudida da balança de pagamentos os grande países da América Latina endireitam-se, primeiro o México, que será seguido pelo Brasil. A verdade é que uma crise duradoura, chicoteia a Europa, e a sua sombra, a África. Não é o eixo norte-sul, tal como os politólogos o tinham definido, é o eixo norte-sul da crise actual. A Europa estagna e a África, seu velho território de colonização, está à beira das perturbações, da ruína e da fome. Não é fácil saber por quem e quando será acordada a Europa, e mais difícil ainda é imaginar o que salvará a África economicamente, politicamente, humanamente.

O declínio da Europa não data de ontem. Antes de 1840, Tocqueville previa a emergência dos Estados Unidos e da Rússia. Logo no início do século XX, a Ásia retomava o seu lugar. A baixa da demografia, pontuava década após década, esta evolução.

Mas, se está na ordem das coisas que o lugar relativo da Europa no Mundo está mais conforme com a geografia, não

está escrito que a Europa deva perder a sua capacidade de inovação, de criação, de sobrevivência. Ora, nos últimos vinte anos acelerou-se o declínio da Europa, na ciência e na técnica.

Profissionalmente circulo muitas vezes nos laboratórios Schlumberger nos Estados Unidos, da costa Leste ao Silicon Valley, do Texas ao lago Michigan. Nos dois últimos anos senti-me fortemente impressionado por duas coisas. A primeira, o espantoso cadinho de raças e de nacionalidades em toda a América científica e técnica. A segunda a indiferença por tudo o que pode ser feito ou não ser feito nos laboratórios europeus.

Quer se trate de fibra óptica ou de inteligência artificial, de laser ou de circuitos integrados, as explicações, os comentários, as perguntas referem-se aos laboratórios americanos ou à concorrência japonesa. Da Europa não se fala. E, no entanto, todos eles sabem que eu sou francês, que vivo em Paris, que a Schlumberger tem na Europa laboratórios importantes. Mas este declínio não é o mais pernicioso, porque é reconhecido, admitido. Há os primeiros movimentos de um sobressalto. Desde 1981 que o governo francês, que a indústria francesa, compreenderam o perigo. As acções nem sempre são eficazes, as escolhas nem sempre são as melhores. Pouco importa. O corpo reage.

Outro fosso

O verdadeiro perigo é que este fosso tecnológico e científico é como que prolongado ou duplicado por outro fosso, maior e mais profundo, o dos investimentos e do crescimento. Não é uma adição mas uma multiplicação. O cálculo dos interesses compostos dá sempre

vertigens.

Os factos estão aqui, bem claros. A Europa escolheu a estagnação, deixando o monopólio do crescimento à América, ao Japão, à Coreia do Sul, ao Sudeste da Ásia. Em 1983 e 1984, nestes dois últimos anos, as taxas de crescimento anuais do PNB foram de 3,4% e 6,75% nos Estados Unidos, de 3% e 4,6% no Japão. Na Europa as taxas foram, durante o mesmo tempo, de 0,9% e 2,2%, e em França de 0,7% e 1,9%.

Crescimento de um lado, estagnação do outro. Os números respeitantes aos investimentos das empresas, chaves do futuro, ainda são mais eloquentes. Se compararmos os investimentos feitos em 1983 com os de 1973, vê-se que eles aumentaram 24% nos Estados Unidos e 33% no Japão, enquanto só aumentaram 2% na Alemanha Federal, 1,13 em França, diminuindo mesmo 2,4% no Reino Unido.

Esta situação irá durar? Assistiremos a uma distorsão passageira, a um fenómeno localizado e temporário? Não o creio. Uma das grandes lições aprendidas depois de 1971 (ano da morte de Bretton-Woods e do princípio da flutuação geral das moedas) é precisamente que a lição aprendida na Faculdade ou em Ciências Políticas envelheceu e já não traduz a realidade dos nossos dias. Discorria-se então sobre as grandes crises mundiais do sistema capitalista, sobre o contágio universal das baixas ou das subidas de preços, da inflação ou da deflação. Lembrem-se: «Quando a América espirra, a Europa tem gripe.»

Desde 1971 que as coisas são diferentes. Há grandes zonas geográficas que se encontram, cada uma delas, em órbitas económicas que obedecem a sistemas de gravitação específicos.

Claro que há influências reciprocas, pontos de encontro, mas as órbitas não são as mesmas. Há a órbita América no Norte, a órbita Japão-Coreia, a órbita América Latina, e, finalmente, a órbita europeia.

E isto dura há catorze anos. Claro que as Cassandras abundam, anunciando com regularidade a desintegração da sociedade japonesa e a precariedade da recuperação americana. Depois de Hiroxima a sociedade japonesa evoluiu, mudou, não está em crise. Quanto à economia americana, se eu tivesse hoje que fazer uma aposta para os quatro próximos anos, apostaria numa amplificação, num aprofundamento. Depois de uma lentidão possível no primeiro semestre de 1985, o inevitável aumento do fisco directo ou indirecto, o aumento das despesas militares, a diminuição do défice orçamental, a baixa das taxas de juro, talvez uma relativa descida do dólar podem sustentar uma recuperação duradoura dos mercados financeiros dos investimentos e da actividade industrial.

Gravoso

Claro que os «bons espíritos» preocupam-se com o ambiente oposto. Reagan, ao não querer ou não poder aumentar os impostos e diminuir as despesas militares, faz com que a economia americana não possa, com o tempo, sem quebra violenta, suportar o seu gigantesco défice orçamental, assim como a indústria americana não poderá aceitar as consequências do enorme défice da balança comercial. Das duas hipóteses a primeira parece-me mais provável do que a segunda.

Em face destes mundos em expansão, o derrotismo europeu é gravoso. Gravoso porque é, antes de mais, uma atitude do

espírito europeu. Gravoso porque cobre toda a Europa, de Norte a Sul, seja ela conservadora ou socialista. Não é por acaso que as Cassandras são quase todas europeias. Para justificar o seu pessimismo, só resta, com efeito, esperar pelo derrube dos outros. Na primeira página de um «Monde» recente, podia ler-se: «Recuperação moderada dos Estados Unidos: o produto nacional bruto deveria progredir 6,7%. Onde a moderação se vai situar!»

A renúncia, a aceitação da estagnação e do desemprego para os próximos dez anos são partilhados por toda a tecnocracia europeia, quer seja em Bona, em Bruxelas, em Paris ou em Londres. Eles não vêm que, aceitando a estagnação, deixam o monopólio do crescimento e do dinamismo aos outros. Como não lhes falta inteligência, os europeus têm muitos argumentos. Os Estados Unidos vivem do monopólio do dólar e do afluxo dos capitais do mundo, ao mercado de Nova Iorque. O que é verdade. Se se disser que no Japão as coisas são diferentes, que o iene não é uma moeda internacional, respondem que eles são os japoneses. O que é verdade. Do mesmo modo que os coreanos são coreanos.

Claro que as previsões económicas são perigosas. Com bastante paciência e bastante tempo, as Cassandras acabarão um dia por ter razão. Entretanto estou certo de uma coisa. Se o crescimento americano e japonês continuar a um ritmo superior a 4% ainda durante mais três ou quatro anos, enquanto a Europa estagna entre 0 e 2%, já não se poderá falar da indústria europeia. Alguns vestígios soltos por entre os grandes monumentos da história, e praias para turistas americanos e japoneses. (*) Presidente da Schlumberger

Um happening invulgar



Que grande barulho! Uma comédia!, Uma encenação, exclamava Garri Kasparov. Tenho possibilidades de ganhar e «querem» privar-me da vitória interrompendo este campeonato do mundo, explicava ele visivelmente furioso. Tomei a minha decisão no interesse do desporto, respondia o presidente da Federação Internacional do xadrez (FIDE), o filipino Florencio Campomanes. A cena passava-se na sala de conferências do hotel Sport, um edifício moderno dos arredores de Moscovo. Por seu lado, o campeão do mundo Anatoli Karpov não dizia nada e tinha um ar abatido.

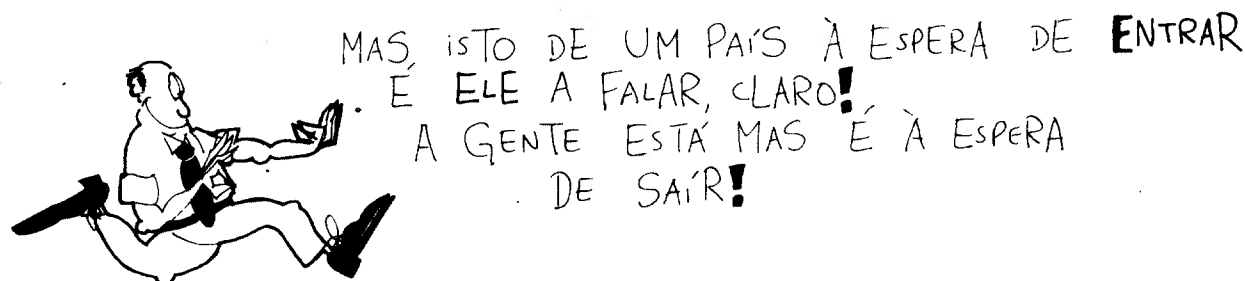
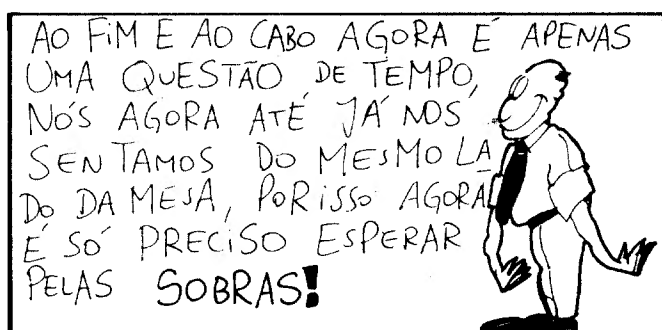
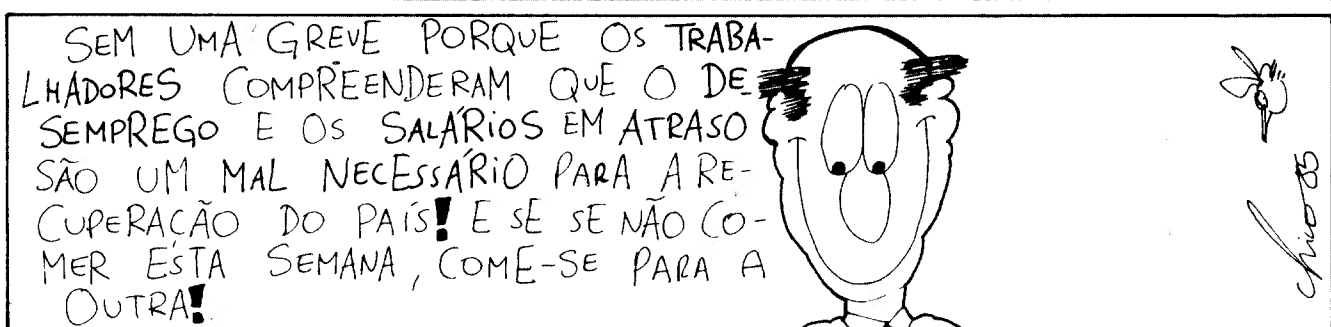
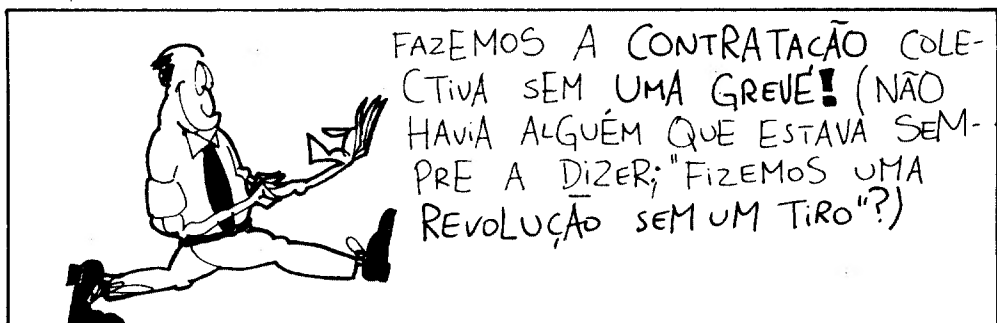
As autoridades soviéticas raramente organizam conferências de Imprensa-happening. A que involuntariamente tornaram possível no dia 15 de Fevereiro foi devida ao temperamento de Kasparov, que não aceitou o papel estúpido que queriam que ele tivesse. O resultado é um escândalo considerável que salpica de lama tanto Karpov como Campomanes.

Tudo começou normalmente ou quase. Campomanes anunciava que o desafio estava terminado e que um novo desafio teria lugar no mês de Setembro, entre os dois homens. O vencedor seria proclamado campeão do mundo. Foi então que Kasparov voltou a pôr tudo em questão e que Karpov declarou que também quer continuar o campeonato. Estupefacto, Campomanes pede uma «pausa» e os três protagonistas retiram-se para uma sala contínua.

Passada hora e meia o presidente da FIDE declara: O campeão do mundo aceita a minha decisão, o challenger inclina-se. Karpov mostra-se pouco à vontade. Tem os olhos vermelhos e parece ter chorado. Kasparov não quer participar nessa mascarada. Um pouco mais tarde, perante jornalistas ocidentais, põe severamente em causa o comportamento de Campomanes. Diz-se disposto a continuar a jogar. Há algum tempo que me sinto em plena forma. Dizem-me que não estou em situação de continuar. Começaram a dar-me a entender quando reduzi o score de 5 para 2, depois de 5 para 3.

Nem Karpov nem o presidente da FIDE saem engradecidos deste caso. O primeiro mostrou que, em face do risco de perder, preferia deixar agir as autoridades soviéticas, para fazer pressão nos diferentes protagonistas do campeonato. O segundo viu a sua autoridade contestada, mesmo que a decisão final que tomou seja aplicada.

doces crónicas



Coração artificial três: nova operação, coágulos no peito, derrame cerebral

Os médicos que assistem o terceiro homem com um coração artificial exprimiram hoje a esperança de que se registem melhoras no seu estado depois da intervenção efectuada para controlar uma hemorragia no peito.

Murray Haydon, um operário reformado de 58 anos, teve de ser levado no sábado para o bloco operatório depois de ter sido detectada uma progressiva e constante perda de sangue no peito.

Um porta-voz do hospital onde Haydon se encontra internado disse que o doente tinha passado bem a noite e que se mantinha lúcido.

O seu estado foi definido como «situação estável dentro da gravidade», quadro idêntico ao emitido em 17 de Fevereiro quando o médico William Devries efectuou o transplante.

Devries é também o autor das outras operações deste tipo que se realizaram até agora.

O primeiro homem a receber um coração artificial foi o dentista Barney Clark, que sobreviveu 112 dias e o segundo, William Schroeder, mantém-se ainda com vida, tendo recebido o seu coração de plástico e de metal no dia 25 de Novembro de 1984.

Um derrame cerebral que se produziu 18 dias depois da intervenção deixou Schroeder em condições físicas muito diminuídas o que o obrigou a continuar internado.

Uma fonte do hospital onde Haydon está internado informou que nas próximas horas talvez fosse possível retirar o doente do aparelho de respiração artificial onde se encontra, se as suas melhoras se mantiverem.

A intervenção de sábado foi definida «como um simples procedimento» para deter uma perda crescente de sangue na cavidade direita ocupada pelo coração natural do doente.

A hemorragia começou terça-feira, quando foram retirados quatro cateteres que comandavam o funcionamento do órgão artificial e os médicos receberam a possibilidade de um derrame cerebral como acontecera a Schroeder aos 18 dias da sua operação.

A meio da tarde de sábado, Devries decidiu operar novamente Haydon para suturar o tubo que se encontra na cavidade direita anteriormente ocupada pelo coração natural.

Por outro lado, os médicos detectaram uma série de coágulos no peito, fora dos vasos sanguíneos, o que diminui os riscos de um derrame cerebral, informou um porta-voz do hospital.

Toda a família do doente esteve no hospital seguindo de perto as evoluções de Haydon, um homem a quem os médicos não davam mais do que duas semanas de vida antes do transplante.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

MENSAGENS PESSOAIS

Cinema? Queres tentar a tua sorte?

Actor, Secundário ou Figurante, qualquer que seja a idade. Se tens tempo livre ou estás desempregado ou «davas tudo» por entrar num filme, nem que seja por um segundo, envia fotos corpo inteiro, cores, mais informações (línguas, desporto, experiência). Rua Padre Francisco, 18 R/C Dt.º 1300 Lisboa. Já!

Capa Fiat 127

Vendo, com muito pouco uso. Contactar Telf. 9260454, das 9h às 12h ou depois das 19h.

Andar Almada

Vendo andar em Almada. Vista panorâmica sobre o Tejo. 3 ass. 4300 c. Bons transportes. Próprio. Tel.: 275345 a partir das 20.00 hrs.

Biombo

De tola e linho (80,5 + 43 + 43 x 137 cm) estado impecável, vende-se. Telef. 2477178.

Carro

Honda 360, motor em bom estado, baixo consumo de gasolina, muito fácil arrumar, vende-se por cem contos. Telefone 534097.

Tosquia

Tosquia de cães. T/9835704.

Máquina de tricotar

Vende-se — Singer 2100/2200, c/motor eléctrico. 25 contos. Telef. 280127, a partir das 20 horas.

Hipnotismo

Hipnotismo — Aprenda hipnotismo através do curso prático por correspondência. Imponha a sua vontade. Lide melhor com os outros. Começará a hipnotizar desde o início e terá enorme êxito na resolução de problemas pessoais ou na animação de festas. Peça informações grátis e sem compromisso ao: Apartado 33-2831 BARREIRO CO-DEX.

Séries de Portugal

Vendo pela melhor, oferta a partir de 70 000\$00. Séries de Portugal completas, com trinta anos; e usadas com mais de trinta. Inclui ainda álbuns classificadores estrangeiros com muitas séries completas novas e usadas de quase todos os países. Telefone 2117942, das 14 às 16 e das 20 em diante.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.